



Toni Morrison Compaixão



Sumário

1. [Capa](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Sumário](#)
4. [1](#)
5. [2](#)
6. [3](#)
7. [4](#)
8. [5](#)
9. [6](#)
10. [7](#)
11. [8](#)
12. [9](#)
13. [10](#)
14. [11](#)
15. [12](#)
16. [13](#)

17. [Sobre a autora](#)
18. [Créditos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title Page](#)
3. [Body Matter](#)
4. [Copyright Page](#)
5. [Table of Contents](#)

*Para R. G.
Pelas décadas de inteligência, insights e intelecto,
obrigada.*

Não tenha medo. Eu contar não vai te ferir, apesar do que eu fiz, e prometo ficar deitada quieta no escuro — chorando talvez ou de vez em quando vendo o sangue de novo — mas nunca mais vou desdobrar meus membros para levantar e mostrar os dentes. Explico. Você pode achar que o que eu conto é uma confissão, se quiser, mas uma confissão cheia de curiosidade só conhecida em sonhos e durante aqueles momentos em que o perfil de um cachorro brinca no vapor da chaleira. Ou quando uma boneca de sabugo na prateleira logo está largada num canto da sala e a maldade de como ela foi parar lá é evidente. Coisas estranhas acontecem o tempo todo em toda parte. Você sabe. Eu sei que você sabe. Uma pergunta é quem é responsável? Outra é você sabe ler? Se a fêmea do pavão se recusa a chocar, eu leio isso depressa e, claro, essa noite vejo a minha mãe parada de mãos dadas com o filhinho dela, meus sapatos enchendo o bolso do avental dela. Outros sinais precisam de mais tempo para entender.

Sempre tem sinais demais, ou um presságio brilhante se turva depressa demais. Eu analiso e tento me lembrar, mas sei que estou perdendo muita coisa, como não ler a cobra de jardim se esgueirando até a soleira da porta para morrer. Deixe eu começar pelo que sei de certo.

O começo começa com os sapatos. Quando criança eu não consigo nunca ficar descalça e sempre imploro por sapatos, sapatos de qualquer um, mesmo nos dias mais quentes. Minha mãe, *a minha mãe*,^{*} franze a testa, fica brava com o que ela chama de minha boniteza. Só mulher ruim usa salto alto. Eu sou perigosa, ela diz, e rebelde, mas ela cede e me deixa usar os sapatos velhos da casa da *Senhora*, de bico fino, um salto alto quebrado, o outro gasto e uma fivela em cima. O resultado disso, Lina diz, é que meus pés são inúteis, vão ser sempre macios demais para a vida e nunca vão ter as solas fortes, mais grossas que couro, que a vida exige. Lina está certa. Florens, ela diz, estamos em 1690. Quem é que hoje em dia tem mãos de escrava e pés de dama portuguesa? Então quando parto para encontrar você, ela e a Patroa me dão as botas do Patrão, que servem para um homem não para uma moça. Enchem com feno e palha de milho com óleo, me mandam esconder a carta dentro da meia — mesmo que a cera de selo pinique. Sou alfabetizada, mas não leio o que a Patroa escreve e Lina e Sorrow não sabem. Mas eu sei o que diz para repetir a qualquer um que me pare.

Minha cabeça está leve com a confusão de duas coisas, a fome de você e o medo se eu me perder. Nada me assusta mais do que essa tarefa e nada é mais tentação. Desde o dia que você desaparece eu sonho e tramo. Descobrir onde você está e como chegar lá. Quero correr pela trilha no meio das faias e dos pinheiros brancos, mas me pergunto por onde? Quem vai me dizer? Quem vive no sertão entre esta fazenda e você e quem vai me ajudar ou me fazer mal? E os ursos sem ossos do vale? Lembra? Como eles faziam o pelame se mexer como se não tivesse nada embaixo? O cheiro deles contrastando com a beleza, os olhos deles reconhecendo a gente de quando a gente era fera também. Você dizendo para mim por isso é que é fatal olhar nos olhos deles. Eles vão chegar perto, correr para nós para amar e brincar o que nós vamos entender errado e devolver medo e raiva. Aves gigantes também estão aninhando lá fora maiores que vacas, Lina diz, e nem todos os nativos são como ela, ela diz, então cuidado. Uma selvagem que reza, os vizinhos dizem dela, porque ela é de ir à igreja, mas ao mesmo tempo toma banho todo dia e os cristãos nunca tomam. Por baixo ela usa contas azuis brilhantes e dança em segredo com a primeira luz quando a lua está pequena. Mais que dos ursos amorosos e das aves maiores que vacas, tenho medo é da noite sem rumo. Como vou conseguir encontrar você no escuro, eu me pergunto? Agora pelo menos tem um caminho. Eu tenho ordens. Está arranjado. Vou ver sua boca e passar os meus dedos por ela. Você vai apoiar o

queixo no meu cabelo outra vez enquanto eu respiro no seu ombro, para dentro e para fora, para dentro e para fora. Estou contente porque o mundo está se abrindo para nós, mas a novidade do mundo me faz tremer. Para chegar até você preciso ir embora do único lar, das únicas pessoas que conheço. Lina diz pelo estado dos meus dentes que tenho quem sabe sete ou oito anos quando sou trazida para cá. A gente cozinha ameixas silvestres para fazer geleia e bolo oito vezes desde esse tempo, então devo estar com dezesseis anos. Antes deste lugar eu passava a vida colhendo quiabo e varrendo barracão de fumo, as noites no chão da cozinha com *a minha mãe*. Nós somos batizadas e eu posso ter felicidade quando esta vida acabar. O reverendo padre diz isso para a gente. Uma vez a cada sete dias a gente aprende a ler e escrever. É proibido para nós sair da casa, então nós quatro nos escondemos perto do pântano. Minha mãe, eu, o filhinho dela e o reverendo padre. É proibido fazer isso, mas ele ensina a gente mesmo assim vigiando por causa dos malvados virginianos e protestantes que querem pegar ele. Se pegarem, ele vai para a prisão ou paga dinheiro, ou as duas coisas. Ele tem dois livros e uma lousa. Nós temos varetas para riscar na areia, pedrinhas para formar palavras na parte lisa da pedra. Quando as letras estão na memória a gente forma palavras inteiras. Eu sou mais rápida que minha mãe, e o filhinho bebê dela não é nada bom. Muito depressa eu consigo escrever de memória o Credo nicênico, inclusive as vírgulas todas. Confissão a gente fala, não escreve como estou fazendo agora. Esqueço quase tudo até agora. Eu gosto de falar. Lina fala, pedra fala, até Sorrow fala. O melhor de tudo é a sua fala. No começo quando sou trazida para cá eu não falo palavra nenhuma. Tudo que escuto é diferente do que as palavras dizem para a minha mãe e eu. As palavras de Lina não dizem nada que eu saiba. Nem as da Patroa. Devagar tem um pouco de fala na minha boca e não na pedra. Lina diz que o lugar da minha fala na pedra é a Terra de Mary onde o Patrão faz negócio. Então lá é onde minha mãe e o bebezinho dela estão enterrados. Ou vão estar se um dia resolverem descansar. Dormir no chão da cozinha com eles não é tão bom como dormir no trenó quebrado com Lina. No tempo frio a gente põe pranchas em volta da nossa parte do estábulo e se abraça debaixo dos couros. Não dá para sentir o cheiro do estrume de vaca porque está congelado e a gente afundada nas peles. No verão se os mosquitos atacam nossas redes Lina faz com galhos um lugar fresco para dormir. Você não gosta de rede e prefere o chão mesmo na chuva quando o Patrão te oferece o depósito. Sorrow não dorme mais perto da lareira. Os homens que ajudam você, Will e Scully, nunca passam a noite aqui porque o patrão deles não deixa. Você lembra deles, que eles não aceitavam ordem sua até o Patrão obrigar? Ele podia fazer isso porque eles são permuta com a terra arrendada pelo Patrão. Lina diz que o Patrão tem um jeito esperto de receber sem dar. Sei que é

verdade porque vejo isso para todo o sempre. Ele olhando, minha mãe escutando, o bebê dela no quadril. O *Senhor* não vai pagar a quantia toda que deve para o Patrão. O Patrão dizendo que aceita então a mulher e a menina, não o bebê menino, e a dívida acaba. A minha mãe implora que não. O bebê ainda é de peito. Leve a menina, ela diz, minha filha, ela diz. Eu. Eu. O Patrão aceita e muda quanto é devido. Assim que a folha de tabaco está pendurada para secar, o reverendo padre me leva numa balsa, depois num brigue, depois num barco e me acomoda no meio das caixas de livros e comida dele. No segundo dia o frio é de doer e eu fico contente de ter um manto mesmo que fino. O reverendo padre pede licença para ir não sei onde no barco e fala para eu ficar bem onde estou. Vem uma mulher e me manda levantar. Eu levanto e ela tira o manto do meu ombro. Depois meus tamancos. Ela vai embora. O reverendo padre fica vermelho-claro quando volta e vê o que acontece. Ele corre por todo lado perguntando onde e quem, mas não consegue resposta nenhuma. Afinal pega uns trapos, pedaços de vela largados por ali e enrola nos meus pés. Agora estou sabendo que ao contrário do que era com o *Senhor*, não gostam de padres aqui. Um marinheiro cospe no mar quando o reverendo padre pede ajuda. O reverendo padre é o único homem bom que eu já vi. Quando chego aqui acho que é o lugar que ele fala para evitar. O frio do inferno que vem antes do fogo eterno onde os pecadores borbulham e chamuscam para sempre. Mas o gelo é primeiro, ele diz. E quando eu vejo facas de gelo penduradas nas casas e nas árvores e sinto o ar branco queimar minha cara, tenho certeza que o fogo vem. Então Lina sorri quando olha para mim e me abraça para esquentar. A Patroa olha de lado. Sorrow também não fica contente de me ver. Ela abana a mão na frente da cara como se tivesse abelhas incomodando. Ela é sempre estranha e Lina diz que ela vai ter criança de novo. O pai não se conhece e Sorrow não diz. Will e Scully riem e negam. Lina acha que é o Patrão. Diz que tem sua razão para achar isso. Quando pergunto que razão ela diz que ele é um homem. A Patroa não diz nada. Nem eu. Mas tenho uma preocupação. Não porque aumenta nosso trabalho, mas porque mãe dando de mamar para bebê esfomeado me dá medo. Sei como ficam os olhos delas quando elas escolhem. Como levantam os olhos para olhar duro para mim, dizendo alguma coisa que eu não consigo escutar. Dizendo alguma coisa importante para mim, mas segurando a mão do menininho.

* Em português no original. Escrava de senhores portugueses, ela usa expressões nessa língua que se

diluem na tradução. As ocorrências desse tipo, a minha mãe, Mãe, Senhor, Senhora, foram grafadas em itálico. (N. T.)

Um homem atravessa as ondas, pisando com cuidado nas pedras e na areia até a praia. Uma névoa, atlântica e fedendo a vida vegetal, encobria a baía e tornava mais lenta sua marcha. Podia ver suas botas molhadas, mas não a mochila nem as mãos. Quando deixou as ondas para trás e as solas afundaram na lama, ele virou para acenar aos homens da chalupa, mas, como o mastro havia desaparecido na névoa, ele não tinha como dizer se continuavam ancorados ou tinham arriscado a ir adiante — seguindo a costa e se aproximando do local dos cais e das docas. Diferentemente das névoas inglesas que conhecia desde que começara a andar, ou aquelas lá do Norte onde agora vivia, essa era incendiada de sol, transformando o mundo em ouro quente e grosso. Penetrar nela era como lutar em meio a um sonho. Quando a lama se transformou em relva de pântano, ele virou à esquerda, pisando com cuidado até topar com as pranchas de madeiras que subiam da praia para a aldeia. A não ser por sua respiração e seu

passo, o mundo estava silencioso. Só depois que ele chegou aos carvalhos foi que a névoa oscilou e se abriu. Ele andou mais depressa então, com maior controle, porém sentindo falta também do ouro ofuscante que atravessara.

Seguindo seu rumo com mais confiança, chegou a uma aldeia em ruínas a dormir entre duas imensas plantações ribeirinhas. Ali o cavaliário convenceu-se a desistir de um depósito se o homem assinasse uma nota: Jacob Vaark. A sela era malfeita, mas a égua, Regina, era boa. Montado, ele sentiu-se melhor e trotou tranquilo e um pouco depressa demais pelas praias até entrar na velha trilha Lenape. Ali havia razão para ser cauteloso e ele diminuiu o passo de Regina. Nesse território ele não podia ter certeza de amigo ou inimigo. Seis anos antes um exército de pretos, nativos, brancos, mulatos — homens livres, escravos e contratados — tinha feito guerra contra a boa gente local liderados por membros dessa mesma classe. Quando essa “guerra do povo” perdeu suas esperanças para o carrasco, o serviço que prestou — que compreendia a matança de tribos adversárias e a expulsão dos carolinas de suas terras — deu origem a um emaranhado de novas leis que autorizavam o caos em defesa da ordem. Ao eliminar alforria, reuniões, viagem e porte de armas apenas para os negros; ao autorizar qualquer branco a matar qualquer negro por qualquer razão; ao recompensar proprietários pela mutilação ou morte de um escravo, eles separavam e protegiam todos os brancos de todos os outros para sempre. Toda tranquilidade social entre a fidalguia e os trabalhadores, forjada antes e durante essa rebelião, esmigalhou-se debaixo de uma marreta usada no interesse dos lucros da fidalguia. Na opinião de Jacob Vaark, essas leis eram ilegais porque estimulavam a crueldade em lugar da causa comum, se não da virtude comum.

Em resumo, 1682, e a Virgínia ainda era uma confusão. Quem conseguia acompanhar as duras batalhas por Deus, rei e terra? Mesmo com a relativa segurança de sua pele, a viagem solitária exigia prudência. Ele sabia que podia cavalgar durante horas sem nenhuma companhia além dos gansos voando acima de cursos d’água terra adentro e, de repente, de trás de árvores caídas um desertor faminto podia emergir, ou numa depressão uma família de fugitivos poderia se esconder, ou um meliante podia ameaçar. Levando vários tipos de bens em espécie e uma única faca, ele era um alvo apetitoso. Ansioso por sair dessa colônia para outra menos precária mas pessoalmente mais repulsiva, Jacob atitou a égua a um passo mais rápido. Desmontou duas vezes, a segunda para libertar a pata traseira ensanguentada de um racum ainda novo presa numa fenda de árvore. Regina mascava a relva da trilha enquanto ele tentava ser o mais delicado possível, evitando as garras e os dentes do animal assustado. Quando conseguiu, o racum foi embora mancando, talvez para a mãe forçada a abandoná-lo ou mais provavelmente para outras garras.

Quando seguiu a galope, suave tão pesadamente que seus olhos salgavam e o cabelo grudava nos ombros. Já outubro e Regina estava empapada e bufando. Nada de inverno ali no Sul, ele pensou, e podia até estar em Barbados, coisa em que tinha pensado uma vez, embora seu calor dissessem ser ainda mais letal que aquele ali. Mas isso foi anos atrás e a decisão perdeu o sentido antes que ele pudesse agir. Um tio que ele nunca tinha visto do lado da família que o abandonara morreu e deixou-lhe uns cinquenta hectares de uma propriedade inativa em um clima que ele preferia bastante. Um clima com quatro estações definidas. No entanto essa névoa, quente e cheia de mosquitos, não desalentava seu espírito. Apesar da longa viagem em três veleiros por três diferentes cursos d'água, e agora a dura cavalgada pela trilha de Lenape, ele teve prazer com a viagem. Respirar o ar de um mundo tão novo, quase alarmante em sua crueza e tentação, sempre o revigorava. Uma vez superado o quente ouro da baía, ele viu florestas intocadas desde Noé, litorais belos de chorar, comida silvestre à disposição. As mentiras da Companhia sobre o lucro fácil à espera de todos não o surpreendiam nem desanimavam. Na verdade, era a dureza, a aventura que o atraía. Toda a sua vida tinha sido uma mistura de confronto, risco e apaziguamento. Agora ali estava ele, um pobre órfão transformado em dono de terras, inventando um lugar de lugar nenhum, uma vida moderada de uma vida crua. Ele gostava de nunca saber o que havia em seu caminho, quem poderia se aproximar com qual intenção. Rápido de ideias, acendia-se de prazer quando uma crise, grande ou pequena, exigia criatividade e ação rápida. Sacudindo na sela malfeita, olhava à frente enquanto seus olhos varriam os arredores. Conhecia aquela paisagem intimamente de anos atrás, quando ainda era a velha Nação Sueca e, mais tarde, quando ele foi agente da Companhia. E depois também quando os holandeses assumiram o controle. Durante e após essa disputa, não fizera mais muito sentido saber quem dizia ser dono deste ou daquele terreno; deste ou daquele posto avançado. Além de certos nativos, a quem aquilo tudo pertencia, de ano para ano qualquer trecho podia ser reclamado por uma igreja, controlado por uma Companhia ou se transformar em propriedade real pela doação do rei a um filho ou a um favorito. Como as reivindicações de terras eram sempre fluidas, a não ser pelos dados em notas de venda, ele prestava pouca atenção a nomes velhos ou novos de cidades e fortes: Fort Orange; Cape Henry; Nieuw Amsterdam; Wiltwyck. Em sua própria geografia estava indo de Algonquin a Sesquehanna via Chesapeake e através do Lenape, uma vez que as tartarugas vivem mais que as cidades. Quando desceu de veleiro o rio South e entrou na baía de Chesapeake, desembarcou, encontrou uma aldeia e transpôs as trilhas nativas a cavalo, atento a seus campos de trigo, cuidadoso com seus territórios de caça, educadamente pedindo licença para

entrar numa pequena aldeia aqui, numa maior ali. Ele dava água ao cavalo num riacho em particular e evitava ameaçar o pântano adiante dos pinheiros. Reconhecer a encosta de certos montes, um grupo de carvalhos, um abrigo abandonado, o súbito odor de seiva de pinheiro — tudo isso era mais que valioso; era essencial. Num território tão imediatista Jacob simplesmente sabia que quando saísse daquela floresta de pinheiros beirando os pântanos estaria, por fim, em Maryland, que, naquele momento, pertencia ao rei. Inteiramente.

Ao entrar nesse território de propriedade privada, seus sentimentos chocavam-se num embate. Ao contrário das colônias costa acima e costa abaixo — disputadas, objetos de lutas e regularmente rebatizadas; seu comércio limitado à nação vencedora —, a província de Maryland permitia o comércio com mercados estrangeiros. Boa para agricultores, melhor para comerciantes, ótima para corretores. Mas o palatinado era papista até a medula. Padres andavam abertamente pelas cidades; seus templos ameaçavam as praças; suas sinistras missões brotavam junto às aldeias nativas. Leis, tribunais e comércio eram seu domínio exclusivo e mulheres vestidas com exagero e de saltos altos andavam em carruagens conduzidas por negros de dez anos de idade. Ele se ofendia com a astúcia espalhafatosa e relaxada dos papistas. “Abomine a grande prostituta de Roma.” A classe inteira do setor infantil do asilo tinha decorado essa frase da cartilha. “E todas as suas blasfêmias *Não beba de sua taça maldita* Não obedeça aos seus decretos.” O que não queria dizer que não se pudesse fazer negócios com eles, e Jacob levava vantagem sobre eles muitas vezes, principalmente ali onde tabaco e escravos eram casados, cada valor grudado ao cotovelo do outro. Por violência continuada ou súbita doença, qualquer um dos dois estava sujeito ao colapso, inconveniente a todos menos ao prestador.

O desdém, por mais difícil que seja de esconder, deve ser posto de lado. Sua negociação anterior com essa propriedade tinha sido com o administrador do proprietário, sentados nos banquinhos da cervejaria. Agora, por alguma razão, ele tinha sido convidado, convocado na verdade, à casa do fazendeiro — uma fazenda chamada Jublio. Um comerciante convidado a jantar com um cavalheiro? Num domingo? Então deve haver problemas, pensou. Por fim, estapeando mosquitos e alerta a cobras da lama que assustam o cavalo, ele vislumbrou os amplos portões de ferro da Jublio e conduziu Regina por eles. Tinha ouvido dizer que era imponente, mas não podia estar preparado para o que havia diante dele. A casa, de pedra cor de mel, era na verdade mais parecida com um lugar onde se realizavam julgamentos. Longe, à direita, para além das cercas de ferro que circundavam a propriedade e atenuadas pela névoa, ele viu fileiras de alojamentos, silenciosos, vazios. Estão nos campos, supôs, tentando limitar os danos que o tempo úmido impusera às colheitas. O cheiro confortável de folhas

de tabaco, como as lareiras e as boas mulheres servindo cerveja, envolvia a Jublio como um bálsamo. O caminho terminava num pátio de tijolos, anunciando uma orgulhosa entrada para a varanda. Jacob parou. Um menino apareceu, ele desmontou com o corpo um tanto duro, entregou as rédeas, alertando o menino.

“Água. Comida não.”

“Sim, senhor”, disse o menino, e virou o animal murmurando “Bela dama, bela dama”, enquanto a levava embora.

Jacob Vaark subiu três degraus de tijolo, depois voltou atrás para afastar-se da casa e analisá-la. Duas largas janelas, pelo menos duas dúzias de vidros em cada uma, de cada lado da porta. Outras cinco janelas no amplo segundo andar faziam a luz do sol cintilar acima da bruma. Nunca tinha visto uma casa como essa. O homem mais rico que conhecia construía com madeira, não tijolos, tábuas lascadas sem necessidade de grandes colunas condizentes com uma Casa do Parlamento. Grandiosa, pensou, mas fácil, fácil de construir naquele clima. Madeira sulista macia, pedra cremosa, desnecessário calafetar, tudo projetado para aragem, não friagem. Longo corredor, provavelmente saletas, câmaras... trabalho fácil, vida fácil, mas, Deus, o calor.

Ele tirou o chapéu e enxugou com a manga o suor do alto da testa. Depois passou os dedos no colarinho encharcado, subiu de novo os degraus e experimentou o raspador de botas. Antes que pudesse bater, a porta foi aberta por um homem pequeno e contraditório: idoso e sem idade, respeitoso e gozador, cabelo branco, cara negra.

“Tarde, senhor.”

“O senhor Ortega está me esperando.” Jacob avaliou a sala por cima da cabeça do velho.

“Sim, senhor. O chapéu, senhor? O senhor D’Ortega está esperando o senhor. Obrigado, senhor. Por aqui, senhor.”

Passos, fortes e agressivos, seguidos pela voz de D’Ortega.

“Bem na hora! Entre, Jacob. Entre.” Ele apontou uma saleta.

“Bom dia, senhor. Obrigado, senhor”, disse Jacob, deslumbrado com o paletó de seu anfitrião, as meias, a peruca elegante. Por complicadas e incômodas que devessem ser essas roupas no calor, a pele de D’Ortega estava seca como pergaminho, enquanto Jacob continuava a transpirar. O estado do lenço que tirou do bolso o envergonhou tanto quanto sua necessidade dele.

Sentado a uma mesa pequena cercada de estátuas de ídolos, as janelas fechadas para o ar fervente, bebeu cerveja de sassafrás, concordou com o que seu anfitrião falava do tempo e dispensou suas desculpas por tê-lo obrigado a vir até ali. Dito isso, D’Ortega passou rapidamente para os negócios. A desgraça

havia se abatido. Jacob tinha ouvido falar, mas escutou educadamente com um toque de compaixão pela versão que aquele cliente/devedor narrava ali. O navio de D'Ortega estava ancorado a uma milha náutica da costa fazia um mês à espera de uma embarcação, que deveria chegar qualquer dia, para substituir o que ele havia perdido. Um terço de sua carga morrera de febre do navio. Multa de cinco mil libras de tabaco pelo magistrado do lorde proprietário por jogarem os corpos muito perto da baía; forçados a recolher os corpos — aqueles que conseguiram encontrar (usando ganchos e redes, disse D'Ortega, cuja compra em si custou duas libras e seis xelins) — com ordem para queimá-los ou enterrá-los. Tivera de empilhá-los em duas carretas (seis xelins), levar para as terras baixas onde o mentruz e os aligátors terminariam o trabalho.

Ele cortou as perdas e deixou o barco seguir para Barbados? Não, pensou Jacob. Homem relaxado, teimoso em sua obstinação como todos da fé católica, ele espera no porto mais um mês por um navio fantasma de Lisboa trazendo carga suficiente para repor as cabeças que perdeu. Enquanto espera para encher o casco do navio ao limite, o navio afunda e ele perde não apenas a embarcação, não apenas o terço original, mas todos, exceto a tripulação que não estava acorrentada, claro, e quatro angolanos não vendáveis com os olhos injetados de raiva. Agora ele quer mais crédito e seis meses mais para pagar o que tomou emprestado.

O jantar é uma coisa tediosa tornada intolerável pelo constrangimento que Jacob sentia. Sua roupa rústica estava em flagrante contraste com a seda bordada e a gola de renda. Seus dedos normalmente hábeis ficaram desajeitados com os talheres. Havia até um traço de sangue de racum em suas mãos. O ressentimento plantado então aflorou. Por que esse exibicionismo numa tarde modorrenta para um único convidado bem abaixo de sua classe? Intencional, ele concluiu; uma encenação para humilhá-lo a uma rastejante aceitação dos desejos de D'Ortega. A refeição começou com uma oração sussurrada numa língua que ele não conseguiu decifrar e um lento sinal da cruz antes e depois dela. Apesar das mãos sujas e do cabelo murcho de suor, Jacob reprimiu seu aborrecimento e preferiu se concentrar na comida. Mas sua fome considerável encolheu quando confrontada com os pratos pesadamente condimentados: tudo a não ser os pickles e os rabanetes era frito ou cozido demais. O vinho, aguado e doce demais para seu gosto, o decepcionou, e a companhia piorava tudo. Os filhos eram silenciosos como tumbas. A mulher de D'Ortega era uma gralha tagarela que fazia perguntas sem sentido — Como consegue viver na neve? — e emitia observações que desafiavam a razão, como se seu juízo político fosse igual ao de um homem. Talvez fosse a pronúncia deles, seu domínio tênue da língua inglesa, mas a Jacob pareceu que nada transmitido na conversa tinha pé no mundo real. Ambos

falavam da gravidade, da responsabilidade única que aquele mundo indomado lhes oferecia; essa inquebrantável ligação com a obra de Deus e as dificuldades que suportavam por Ele. Cuidar de doentes ou do trabalho recalcitrante merecia, disseram, canonização.

“Eles ficam sempre doentes, madame?”, perguntou Jacob.

“Tanto quanto fingem, não”, disse a anfitriã. “Salafrários, eles são. Em Portugal nunca conseguiriam se safar com esses truques.”

“Eles são de Portugal?” Jacob se perguntou se a mulher que servia a mesa entendia inglês ou se eles só a xingavam em português.

“Bom, da parte angolana de Portugal”, disse D’Ortega. “É a terra mais agradável e bonita.”

“Portugal?”

“Angola. Mas, é claro, Portugal é sem par.”

“Lá estivemos por quatro anos”, acrescentou a sra. D’Ortega.

“Em Portugal?”

“Em Angola. Mas, veja bem, nossos filhos não nasceram lá.”

“Em Portugal então?”

“Não. Em Maryland.”

“Ah. Inglaterra.”

Afinal, D’Ortega era o terceiro filho de um criador de gado, sem direito a herança. Tinha ido para Angola, o reservatório de escravos de Portugal, para gerenciar carregamentos para o Brasil, mas viu as promessas de enriquecer depressa e mais generosamente se cumprirem mais longe. A mudança de um tipo de rebanho para outro foi rápida e imensamente enriquecedora. Durante algum tempo, pensou Jacob. D’Ortega não parecia estar progredindo em sua posição relativamente nova, mas não tinha dúvida de que ia se dar bem de alguma forma, como aquele convite para jantar tencionava provar.

Tinham seis filhos, dois deles com idade suficiente para sentar à mesa. Meninos calados como pedras, treze e catorze anos, usando perucas como as do pai como se estivessem num baile ou num tribunal de Justiça. Seu azedume, Jacob entendeu, era indigno, resultado de não ter ele próprio nenhum descendente — homem ou não. Agora que sua filha Patrician tinha ido fazer companhia aos irmãos mortos, não havia ninguém ainda para colher a modesta mas respeitável herança que ele esperava acumular. Assim, reprimindo a inveja como haviam ensinado no orfanato, Jacob se divertiu identificando defeitos no casamento do par. Eles pareciam bem adequados um ao outro: vaidosos, voluptuosos, mais orgulhosos dos estanhos e da porcelana que dos filhos. Era abundantemente claro o porquê de D’Ortega estar com sérias dívidas. Transformando lucro em ninharias inúteis, sem vergonha da suntuosidade, das

meias de seda e da mulher espalhafatosa, desperdiçando velas ao meio-dia, ele seria sempre incapaz de se safar de qualquer revés, fosse navio perdido ou colheita arruinada. Ao observar o casal, Jacob notou que marido e mulher nunca se olhavam, a não ser por uma espiada furtiva quando o outro não estava vendo. Ele não sabia dizer o que havia nessas espiadelas sub-reptícias, mas divertia-se em adivinhar o pior enquanto suportava a conversa tola, incompreensível e os pratos intragáveis. Eles não sorriam, tinham um esgar; não riam, davam risadinhas. Ele os imaginava perversos com os criados e obsequiosos com os padres. Sua vergonha inicial pelas consequências inevitáveis da longa viagem — botas enlameadas, mãos sujas, transpiração e seu odor — era ofuscada pelo perfume excessivo e pelo rosto pesadamente empoado da sra. D’Ortega. O único alívio, mesmo menor, vinha da mulher com cheiro de cravo que serviu a comida.

Sua Rebekka lhe parecia sempre mais valiosa nas raras vezes em que estava na companhia das esposas desses homens ricos, mulheres que mudavam de roupa todos os dias e vestiam os criados com pano de saco. Desde o momento em que viu sua futura noiva lutando para descer a prancha de desembarque com roupa de cama, duas caixas e uma bolsa pesada, ele entendeu a sorte que teve. Estava disposto a aceitar um saco de ossos ou uma donzela feia — na verdade esperava uma assim, já que uma bonita teria tido diversas oportunidades de se casar na região. Mas a jovem que respondeu ao seu grito na multidão era roliça, graciosa e capaz. Valeu cada dia da longa procura tornada necessária porque assumir a propriedade exigia uma esposa, e porque ele queria certo tipo de parceira: uma mulher que não fosse de igreja, em idade de ter filhos, obediente mas não submissa, alfabetizada mas não orgulhosa, independente mas doméstica. E ele não aceitaria censura. Exatamente como o primeiro imediato a descreveu, Rebekka era ideal. Não havia um osso de megera em seu corpo. Ela nunca levantava a voz com raiva. Cuidava das necessidades dele, fazia os bolinhos mais macios, entregou-se ao trabalho numa terra completamente estranha a ela com entusiasmo e criatividade, alegre como um passarinho. Ou havia sido assim. Três bebês mortos um depois do outro, seguidos pela morte accidental de Patrician, a filha deles de cinco anos, a tinham amargurado. Uma espécie de cinza invisível pousara sobre ela que vigílias nos pequenos túmulos na campina nada faziam para apagar. Ela no entanto nem reclamava nem faltava a seus deveres. Se algo mudara, foi que ela se atirava com mais vigor ao trabalho na terra, e, quando ele viajava, como agora, a negócios, comerciando, coletando, emprestando, não tinha dúvida de como sua casa era cuidada. Rebekka e suas duas ajudantes eram tão confiáveis como o nascer do sol e fortes como postes. Além disso, o tempo e a saúde estavam do lado delas. Ele tinha confiança de que ela ia ter mais filhos e ao menos um, um menino, sobreviveria para crescer.

A sobremesa, purê de maçã com pecãs, foi um ganho e, quando ele acompanhou D’Ortega pelo local num passeio impossível de recusar, seu humor tinha melhorado um pouco, o suficiente para admirar sinceramente a propriedade. A névoa havia clareado e ele conseguiu ver em detalhe o trabalho e o cuidado com os barracões, as carretas, as fileiras após fileiras de barris de tabaco — arrumados e bem conservados — com a bem construída casa de carne, a casa de ordenha, a lavanderia, da cozinha. Todas, menos a última, de reboco caiado, um nada menores que o alojamento de escravos, mas, ao contrário deles, em excelente condição. O objetivo, o propósito do encontro não tinha sido abordado. D’Ortega descrevera com cuidado e nos mínimos detalhes os acidentes fora de seu controle que o impossibilitavam de pagar o que devia. Mas de que forma Jacob seria reembolsado não se havia falado. Ao examinar as folhas de tabaco manchadas, cheias de bichos, ficou claro o que restava a D’Ortega para oferecer. Escravos.

Jacob recusou. Sua fazenda era modesta; seu negócio dependia apenas dele mesmo. Além disso, sem lugar para colocá-los, não haveria nada com que ocupá-los.

“Ridículo”, disse D’Ortega. “Você vende. Sabe o preço que eles atingem?”

Jacob recuou. Carne não era a sua mercadoria.

Mesmo assim, por insistência de seu anfitrião, ele o seguiu pelos pequenos barracões onde D’Ortega interrompeu o descanso do meio do dia deles e ordenou que duas dúzias ou mais se reunissem em linha reta, inclusive o menino que tinha dado água a Regina. Os dois homens passaram diante da fila, inspecionando. D’Ortega identificava talentos, fraquezas e possibilidades, mas silenciava sobre cicatrizes, as feridas como veias deslocadas riscando a pele deles. Um tinha até mesmo a marca no rosto exigida pela lei local quando um escravo atacava um homem branco pela segunda vez. Os olhos das mulheres pareciam à prova de choque, olhando além do tempo e do espaço como se elas de fato não estivessem ali. Os homens olhavam para o chão. Só eventualmente, quando possível, quando achavam que não estavam sendo avaliados, Jacob via os rápidos olhares deles, de lado, cautelosos, mas, acima de tudo, avaliando os homens que os avaliavam.

De repente, Jacob sentiu um aperto no estômago. O cheiro do tabaco, tão bem-vindo quando chegara, agora o nauseava. Ou seria o arroz-doce, as costeletas de porco fritas e pingando melado, o chocolate pelo qual a sra. D’Ortega era louca? Fosse o que fosse, ele não podia ficar ali cercado por um bando de escravos cujo silêncio o fazia imaginar uma avalanche vista a grande distância. Sem som, só a consciência do bramido que não podia ouvir. Ele implorou para sair, dizendo que a proposta era inaceitável — muito trabalho para transportar, administrar, leiloar;

sua eficiência solitária, sem empecilhos, era do que ele gostava no comércio. Dinheiro vivo, cartas de crédito, cessões eram portáteis. Uma bolsa levava tudo de que precisava. Voltaram para a casa e atravessaram o portão lateral na cerca ornamentada, D’Ortega pontificando o tempo todo. Ele faria a venda. Libras? Soberanos espanhóis? Ele arranjava o transporte, contratava o tratador.

Estômago revirado, narinas agredidas, Jacob se zangou. Isso é uma calamidade, pensou. Não resolvida, levaria a anos de processos legais numa província governada pelos juizes do rei, nada disposta a favorecer um remoto comerciante contra um cavalheiro católico local. A perda, embora não incontrolável, parecia-lhe imperdoável. E para um homem daqueles. A pose de D’Ortega, ao caminharem pela propriedade, lhe era desagradável. Além disso, ele acreditava que a posição daquele queixo, o baixar das pálpebras escondiam algo flácido, como se as mãos dele, acostumadas a rédeas, chicote e renda, nunca tivessem segurado um arado ou tocado um machado em uma árvore. Havia algo além de católico nele, alguma coisa sórdida e passada do ponto. Mas o que podia fazer? Jacob sentiu vergonha da posição enfraquecida dele como uma impureza do sangue. Não era de admirar que tivessem sido excluídos do Parlamento em sua terra natal e, embora ele não acreditasse que deveriam ser caçados como bichos, fora dos negócios ele jamais escolheria aproximar-se ou conviver nem com o mais baixo nem com o mais elevado deles. Mal escutando a arenga de D’Ortega, furtivo e indireto em vez de direto e viril, Jacob aproximou-se da cozinha e viu uma mulher parada na porta com duas crianças. Uma montada no quadril; uma escondida atrás das saias. Ela parecia bastante saudável, mais bem alimentada que os outros. Num repente, mais para silenciá-lo e quase certo de que D’Ortega ia recusar, ele disse: “Ela. Essa aí. Levo essa”.

D’Ortega imobilizou-se, um ar perplexo no rosto. “Ah, não. Impossível. Minha mulher não deixaria. Não pode viver sem ela. É nossa cozinheira principal, a melhor.”

Jacob chegou mais perto e, reconhecendo o suor tocado de cravo, desconfiou que fosse mais que a cozinha que D’Ortega perderia.

“O senhor disse ‘qualquer um’. Que eu podia escolher qualquer um. Se sua palavra não vale nada, resta apenas a lei.”

D’Ortega levantou uma sobrancelha, só uma, como se sua curva sustentasse um império. Jacob sabia que ele lutava com essa ameaça impertinente de um inferior, mas o fidalgo deve ter achado melhor retribuir o insulto com outro. Ele queria desesperadamente resolver depressa aquele assunto, e queria do seu jeito.

“Bom, sim”, disse D’Ortega, “mas existem outras mulheres aqui. Mais. O senhor veja. Além disso essa aí está amamentando.”

“Então será a lei”, disse Jacob.

D’Ortega riu. Um processo judicial provavelmente seria resolvido a seu favor e o tempo gasto nele podia lhe ser vantajoso.

“O senhor me assombra”, disse.

Jacob se recusava a recuar. “Talvez outro emprestador seja mais do seu gosto”, disse, e gostou de ver a narina se dilatar, indicando que tinha atingido o ponto certo. D’Ortega era famoso por dívidas não pagas e tivera de procurar um corretor fora de Maryland, uma vez que havia esgotado seus amigos e os emprestadores locais recusavam o que sabiam que seria uma perda inevitável. O ar ficou tenso.

“O senhor parece não compreender minha oferta. Não estou fugindo à minha dívida. Estou honrando o que devo. O valor de uma escrava competente é mais que adequado.”

“Não se não tenho uso para ela.”

“Usar? Vender!”

“Meu negócio é bens e ouro, senhor”, disse Jacob Vaark, proprietário de terras. E não conseguiu resistir acrescentar: “Mas entendo como é difícil para um papista admitir certo tipo de controle”.

Sutil demais? perguntou-se Jacob. Nem um pouco, aparentemente, porque a mão de D’Ortega foi para o quadril. Jacob acompanhou com os olhos os dedos cheios de anéis fecharem-se num punhal. Teria coragem? Será que aquele janota arrogante e azedo realmente atacaria seu credor, o mataria e, alegando auto-defesa, prerrogativas, se livraria da dívida e do insulto social, mesmo que isso significasse um completo desastre financeiro, considerando que seus cofres estavam tão vazios quanto sua bainha? Os dedos macios tatearam pelo cabo ausente. Jacob levantou os olhos para D’Ortega e notou a covardia do fidalgo desarmado diante de um homem do povo. Ali no sertão dependendo de guardas pagos que não estavam à vista neste domingo. Sentiu vontade de rir. Onde mais naquele mundo desorganizado seria possível um encontro desses? Onde mais a casta estremeceria diante da coragem? Jacob virou-se, deixando que suas costas, desarmadas, expostas, demonstrassem seu desprezo. Foi um momento curioso. Junto com o desdém, sentiu uma onda de exaltação. Potente. Constante. A mudança interna de negociador cauteloso para um menino cru que um dia perambulou pelas vielas da cidade e do campo. Ele nem tentou silenciar a risada ao passar diante da cozinha e olhar de novo a mulher parada na porta.

Bem nesse momento a menininha saiu de trás da mãe. Nos pés tinha um par de sapatos de mulher muito grandes para ela. Talvez tenha sido essa sensação de liberdade, de um recém-recuperado atrevimento junto com a visão daquelas perninhas subindo como duas varetas dos sapatos surrados e estragados, que o fez rir. Uma risada alta, de sacudir o peito diante da comédia, da desanimadora

irritação daquela visita. Sua risada não tinha cessado quando a mulher que aninhava o menino pequeno no quadril avançou. Sua voz era pouco mais que um sussurro, mas não havia dúvida quanto à sua urgência.

“Por favor, senhor. Eu não. Leve ela. Leve minha filha.”

Jacob desviou o olhar dos pés da criança e olhou para ela, a boca ainda cheia de riso, e foi tocado pelo terror nos olhos dela. Seu riso terminou num rangido, ele sacudiu a cabeça, pensando. Deus me livre se este não é um negócio totalmente infeliz.

“Ora, sim. Claro”, disse D’Ortega, afastando seu embaraço anterior e tentando retomar a dignidade. “Mando a menina para o senhor. Imediatamente.” Os olhos dele se abriram, assim como o sorriso condescendente, embora ainda parecesse bastante agitado.

“Minha resposta é firme”, disse Jacob, pensando: tenho de me afastar desse arremedo de homem. Mas pensando também: talvez Rebekka possa gostar de uma criança na casa. Esta aqui, nadando nesses sapatos horríveis, parece ter a mesma idade de Patrician, e se ela levar um coice de mula na cabeça a perda não vai abalar tanto Rebekka.

“Temos um padre aqui”, D’Ortega prosseguiu. “Ele pode levar a menina para o senhor. Embarco os dois numa chalupa para qualquer porto que deseje...”

“Não. Eu disse não.”

De repente a mulher que cheirava a cravos ajoelhou-se e fechou os olhos.

Fizeram novos papéis. Acordaram que a menina valia vinte moedas de prata, considerando o número de anos que tinha pela frente e reduzindo o balanço em três pipas de tabaco, ou quinze libras inglesas, como o último preferia. A tensão de dissipou visivelmente no rosto de D’Ortega. Ansioso para ir embora e realimentar a boa opinião que tinha de si mesmo, Jacob disse adeuses abruptos à sra. D’Ortega, aos dois meninos e ao pai deles. Já na trilha estreita, virou Regina, acenou para o casal e novamente, mesmo sem querer, invejou a casa, o portão, a cerca. Pela primeira vez ele não havia trapaceado, nem lisonjeado, nem manipulado, mas tinha se visto cara a cara com a fidalguia rica. E se deu conta, não pela primeira vez, que só as coisas, não a linhagem nem o caráter, os separavam. Então não seria ótimo ter uma cerca daquelas para separar os marcos de seu próprio campo? E um dia, não muito distante, construir uma casa daquele tamanho em sua propriedade? Naquela subida atrás, com uma vista melhor dos montes e do vale entre eles? Não tão enfeitada como a de D’Ortega. Não com aquele excesso pagão, claro, mas justa. E pura, nobre até, porque não seria comprometida como era a Jublio. Acesso a uma frota de trabalho livre possibilitava a vida cômoda de D’Ortega. Sem uma carga de escravos angolanos ele não estaria apenas em débito; estaria comendo na palma da mão em vez de

na louça e dormindo nas matas da África em vez de em sua cama de quatro postes. Jacob desdenhava a riqueza dependente de uma força de trabalho capturado que exigia mais força para manter. Escassos como eram, os resquícios do seu tipo de protestantismo recusavam chicotes, correntes e capatazes armados. Ele estava decidido a provar que o seu negócio podia juntar a fortuna e a posição que D'Ortega pleiteava sem vender sua consciência.

Atiçou Regina a um passo mais rápido. O sol estava baixo; o ar mais fresco. Ele tinha pressa de voltar à Virgínia, a sua costa, à taverna de Pursey antes da noite, dormir numa cama se elas não estivessem todas tomadas por três ou quatro lado a lado. Senão ele se juntaria aos outros clientes e se acomodaria em qualquer superfície. Mas primeiro ia tomar um, talvez dois copos de cerveja, seu gosto amargo, claro, indispensável para eliminar o saibro adocicado de vício e tabaco estragado que parecia revestir sua língua. Jacob devolveu Regina ao cavaleiro, pagou e foi até o molhe e a taverna de Pursey. A caminho viu um homem espancando um cavalo até ele ajoelhar. Antes que pudesse abrir a boca para gritar, marinheiros valentões puxaram o homem e o fizeram sentir os próprios joelhos na lama. Poucas coisas deixavam Jacob mais zangado do que o tratamento brutal de animais domesticados. Ele não sabia contra o que os marinheiros protestavam, porém sua própria fúria era não só por causa da dor imposta ao cavalo mas por causa do brilho de submissão mudo, sem protesto, nos olhos do animal.

O Pursey fechava aos domingos, como ele devia ter imaginado, então dirigiu-se ao que ficava sempre aberto. Rústico, ilegal e servindo os durões, oferecia mesmo assim comida boa e farta e nunca nenhuma confusão. Em seu segundo copo, um violinista e um flautista entraram para a alegria e o dinheiro deles, e, mesmo que o flautista não tocasse tão bem quanto ele próprio, levantou o espírito de Jacob o suficiente para ele cantar junto. Quando duas mulheres entraram, os homens chamaram seus nomes em bêbada alegria. As prostitutas resistiram um pouco antes de escolher um colo para sentar. Jacob objetou quando elas se aproximaram. Ele já tivera sua cota, anos antes, de bordéis e casas de desordem mantidas por esposas de marinheiros no mar. O atrevimento juvenil que o inundara na Jublio não se estendia ao doce deboche que tinha buscado quando jovem.

Sentado à mesa atravancada com restos de refeições anteriores, ele ouviu a conversa em volta, que era principalmente sobre açúcar, o que queria dizer rum. O preço e a demanda maiores que do tabaco, agora que a fartura estava arruinando esse mercado. O homem que parecia saber mais sobre rum, a simples mecânica de sua produção, os preços extorsivos e os efeitos benéficos, resistia com a autoridade de um prefeito.

Corpulento, a cara marcada pela varíola, ele tinha a aura de um homem que esteve em lugares exóticos e os olhos de alguém desacostumado a olhar coisas próximas a seu rosto. Downes era seu nome. Peter Downes. Tinham chamado um rapaz negro e ele trouxe seis canecas, as alças de três em cada mão, e colocou em cima da mesa. Cinco homens as pegaram e engoliram depressa. Downes também, mas cuspiu o primeiro gole no chão, dizendo aos acompanhantes que o gesto era ao mesmo tempo uma oferenda e uma proteção contra veneno.

“Como assim?”, alguém perguntou. “O veneno pode estar escondido no fundo.”

“Nunca”, disse Downes. “Veneno é como afogado; sempre boia.”

Entre risos, Jacob juntou-se aos homens à mesa e ouviu as histórias hipnóticas de Downes que terminaram com uma hilariante descrição do tamanho dos seios das mulheres em Barbados.

“Uma vez pensei em me mudar para lá”, disse Jacob. “Além dos peitos, como é lá?”

“Como uma puta. Gostosa e mortal”, disse Downes.

“Como assim?”

Downes limpou os lábios com a manga. “Significa que tudo é farto e suculento, menos a vida. Ela é escassa e curta. Seis meses, dezoito e...” Ele acenou dedos de adeus.

“Então como eles fazem? Deve ser um torvelinho constante.” Jacob estava imaginando a diferença entre o trabalho regular e controlado da Jublio e a desordem das plantações de açúcar.

“Nada disso”, Downes sorriu. “Eles importam mais. Como lenha, o que queima até virar cinzas é repostado. E, não esqueça, nasce gente. O lugar é um caldo de mulatos, crioulos, zâmbios, mestiços, negros mexicanos, chineses, contrabandistas de gente.” Ele tocava os dedos com o polegar enquanto listava os tipos produzidos em Barbados.

“Mas os riscos são altos”, protestou Jacob. “Ouvi falar de propriedades inteiras varridas pela doença. O que vai acontecer quando o trabalho minguar e houver menos e menos transporte?”

“Por que haveria de minguar?” Downes abriu as mãos como se carregasse o casco de um navio. “Os africanos estão interessados em vender escravos aos holandeses, uma vez que um fazendeiro inglês está comprando. Regras do rum, não importa quem faça o comércio. Leis? Que leis? Olhe”, prosseguiu, “Massachusetts já tentou leis contra a venda de rum e não conseguiu impedir nem um grama. A venda de melaço para as colônias do Norte está mais forte que nunca. Lucro mais certo do que com pele, tabaco, madeira, qualquer coisa —

menos ouro, eu acho. Enquanto reabastecerem de combustível, os barris fervem e o dinheiro empilha. Rum, açúcar — nunca é o bastante. Um comércio para vidas futuras.”

“Mesmo assim”, disse Jacob, “é um negócio em decadência. E duro.”

“Pense assim. Pele precisa caçar, matar, esfolar, transportar e provavelmente lutar com uns nativos pelos direitos. Tabaco precisa de adubo, colheita, secagem, empacotamento, distribuição, mas principalmente tempo e solo sempre novo. Açúcar? Rum? A cana cresce. Não dá para impedir; o solo para ela não morre nunca. É só cortar, cozinhar, despachar.” Downes bateu palmas.

“Simples assim, é?”

“Mais ou menos. Mas a questão é a seguinte. Sem perda de investimento. Nenhuma. Nunca. Nem safra ruim. Nem castor nem raposa extintos. Nem interferência da guerra. Colheita farta, eterna. Trabalhadores escravos, mesma coisa. Compradores, ávidos. Produto, divino. Em um mês, o tempo da viagem do moinho até Boston, um homem pode transformar cinquenta libras em cinco vezes isso. Pense um pouco. Por mês, todo mês cinco vezes o investimento. Garantido.”

Jacob teve de rir. Ele reconhecia a atitude: o mascate no papel de intermediário eliminando todas as hesitações e encerrando todos os argumentos com promessas de lucro rápido. Pelas roupas de Downes e sua aparente recusa em pagar pela bebida até então, Jacob desconfiou que ele não tinha acumulado o lucro fácil que descrevia.

Mesmo assim, Jacob resolveu que ia examinar o assunto.

Depois que uma tranquila refeição de ostras, vitela, pombo, pastinaca e pudim de banha restaurou suas papilas gustativas, ele reservou um espaço de cama com apenas um homem e, num passeio lá fora, pensou sobre o dia decepcionante e a humilhação de ter aceitado a menina como parte do pagamento. Ele sabia que nunca mais ia ver nada de D’Ortega. Um dia — logo, talvez —, para alívio de todos, os Stuart iam perder o trono e o domínio protestante. Então, pensou, um processo contra D’Ortega teria sucesso e ele não seria forçado a aceitar uma menina como porcentagem daquilo que lhe era devido. Ele sabia que tinha justificado o trato pensando que Rebekka gostaria de tê-la, mas outra coisa era mais verdadeira que isso. Desde sua própria infância ele sabia não haver lugar no mundo para órfãos e enjeitados a não ser a generosidade de estranhos. Mesmo permutados, dados, usados, vendidos, trocados, seduzidos, enganados em troca de comida, trabalhando por abrigo ou roubados, ficavam menos malditos sob controle adulto. Mesmo que importassem menos que uma vaca leiteira para um pai ou um proprietário, sem um adulto era mais provável que morressem congelados numa escada de pedra, que flutuassem de barriga para baixo em

canais ou fossem dar em margens e praias. Ele se recusava a ser sentimental sobre sua condição de órfão, os anos passados com crianças de todos os tipos, roubando comida e mendigando gorjetas em troca de trabalho. Sua mãe, contaram-lhe, era uma jovem sem importância que morreu no parto. O pai, que vinha de Amsterdã, o deixou com um nome fácil para trocadilhos e razões para uma profunda desconfiança. A vergonha que os holandeses tinham imposto aos ingleses estava por toda parte, principalmente durante sua estada num asilo antes da sorte de ser tomado como mensageiro por uma firma de advocacia. O trabalho exigia alguém alfabetizado e o levou a ser contratado pela Companhia. Herdar terras abrandou não apenas a tristeza de ser malnascido como a de ser rejeitado. Porém ele continuou sentindo um perturbador latejar de piedade por órfãos e desgarrados, lembrando bem a triste abundância deles e de si próprio em mercados, vielas, becos e portos de cada região por onde viajou. Uma vez achara difícil recusar quando chamado a resgatar uma criança perdida, indesejada. Dez anos fazia que um serrador pedira que tirasse de suas mãos uma menina emburrada, de cabelo cacheado que ele havia encontrado meio morta na margem do rio. Jacob concordou, contanto que o serrador abatesse o preço da madeira que estava comprando. Ao contrário de agora, naquela época sua fazenda realmente precisava de mais trabalhadores. Rebekka estava grávida então, mas nenhum filho anterior havia sobrevivido. Sua fazenda tinha sessenta acres cultivados, dos cento e vinte de floresta localizados a uns dez quilômetros de um povoado fundado por separatistas. A propriedade ficara adormecida por anos, quando muitos holandeses (exceto os poderosos e ricos) partiram ou foram expulsos da região. A terra ainda era isolada a não ser para os separatistas. Jacob logo descobriu que eles tinham se afastado de seus irmãos no que dizia respeito a natureza da salvação ser para os Escolhidos ou universal. Seus vizinhos favoreciam os primeiros e situavam-se terra adentro além dos postos de pele e das guerras. Quando Jacob, um pequeno comerciante da Companhia com uma linha paralela de pele e madeira, se viu um modesto herdeiro, ele gostou do fato de se tornar um fazendeiro proprietário e independente. Não mudara de ideia a respeito. Fez o que foi necessário: providenciou uma esposa, alguém para ajudar, plantou, construiu, teve filhos... Acrescentara simplesmente a vida comercial. Caso contrário, ele seria forçado a preferir a assentada vida de fazenda e a comunhão com gente cuja religião o confundia, embora os dez quilômetros de distância tornassem a blasfêmia irrelevante. Porém sua terra pertencia a um viajante que sabia muito bem que não era sensato ter trabalhadores homens por ali durante suas longas ausências. Sua preferência por trabalho feminino fixo em lugar de homens ladinos tinha por base sua própria experiência de juventude. Um senhor sempre ausente era convite e tentação — a escapar, estuprar ou

roubar. Os dois homens que de vez em quando o ajudavam não representavam ameaça nenhuma. No ambiente certo, as mulheres eram naturalmente confiáveis. Ele acreditava nisso agora com essa criança mal calçada que a mãe estava jogando fora, como acreditara uma década antes com a menina dos gansos de cabelo encaracolado, que chamaram de Sorrow, *Tristeza*. E a aquisição de ambas poderia ser vista como um resgate. Só Lina tinha sido comprada mesmo, deliberadamente, mas ela era uma mulher, não uma criança.

Caminhando no ar quente da noite, ele foi o mais longe possível, até as luzes da cervejaria se tornarem joias lutando contra a escuridão e os berros dos homens se perderem no farfalhar de seda das ondas. O céu tinha esquecido completamente o fogo matinal e estava disfarçado com estrelas frias numa tela lisa e escura como o pelo de Regina. Ele ficou olhando um ocasional rebrilhar de estrelas na água, depois se abaixou e pôs as mãos nela. A areia moveu-se sob suas palmas; filhotes de ondas morreram em cima de seus pulsos, encharcando o punho das mangas. Pouco a pouco os detritos do dia se lavaram, inclusive o vago traço de sangue de racum. Ao voltar para a hospedaria, não havia nada em seu caminho. Apenas o calor, é claro, mas nenhuma névoa, dourada ou cinzenta, o limitava. Além disso, um plano estava tomando forma. Conhecendo muito bem seus limites como fazendeiro — na verdade o tédio do confinamento e da rotina —, ele achara o comércio mais a seu gosto. Agora, brincava com a ideia de um empreendimento ainda mais satisfatório. E o plano era doce como o açúcar que tinha por base. E havia uma profunda diferença entre a intimidade de corpos escravos na Jublio e a força de trabalho distante em Barbados. Certo? Certo, pensou, olhando um céu vulgar de tantas estrelas. Claro e certo. A prata que brilhava ali não era nem um pouco inatingível. E aquele creme derramado entre as estrelas era para seu gosto.

O calor ainda se mostrava opressivo, seu parceiro de cama superagitado, mas ele dormiu muito bem. Provavelmente porque sonhou com uma casa grandiosa de muitos quartos, erguida numa encosta acima da névoa.

Depois de você ir embora sem despedida, o verão passa, depois o outono, e com o fim do inverno a doença volta. Não como antes com Sorrow, mas agora com o Patrão. Quando ele volta dessa vez está diferente, lento e difícil de agradar. É seco com a Patroa. Ele sua e quer cidra o tempo todo e ninguém acredita que as bolhas vão ser a doença velha de Sorrow. Ele vomita de noite e xinga de dia. Depois fica fraco demais para uma coisa e outra. Ele lembra para a gente que escolheu trabalhar, inclusive eu, que sobreviveu à varíola, então como isso está acontecendo com ele? Ele não consegue deixar de ter inveja da nossa saúde e sentir o engano da casa nova. Posso dizer para você que, mesmo com ela ainda não acabada, o seu trabalho com ferro é uma maravilha de se ver. As cobras brilhantes ainda se beijam na coroa do portão. A casa é poderosa, à espera só de um vidraceiro. O Patrão quer que levem ele lá mesmo sem mobília. Diz para a Patroa depressa depressa não ligue para a chuva de primavera caindo há

dias. A doença mexe com a cabeça dele e com a cara também. Will e Scully já foram embora e quando nós mulheres cada uma segurando uma ponta do lençol levamos o Patrão pela casa ele está dormindo com a boca aberta e não acorda nunca. Nem a Patroa nem nós sabemos se ele está vivo por um minuto que seja para sentir o cheiro do piso de cerejeira novo onde ele está deitado. Estamos sozinhas. Ninguém para amortilhar ou chorar o Patrão além da gente. Will e Scully têm de se esconder para cavar o túmulo. Mandaram eles ficarem longe. Não acho que eles queiram. Acho que o Patrão deles mandou, por causa da doença. O diácono não vem mesmo sendo um amigo que gosta de Sorrow. Nem ninguém da congregação. Mesmo assim a gente não fala a palavra em voz alta até enterrar ele do lado dos filhos e a Patroa percebe duas na sua boca. É a única vez que a gente cochicha. Varíola. Depois que a gente fala isso na manhã seguinte, as duas na língua dela encontram mais vinte e três na cara dela. Vinte e cinco ao todo. Ela quer você aqui tanto quanto eu. Para ela é para salvar a vida dela. Para mim é para ter uma.

Você não deve nem desconfiar como ficam suas costas esteja o céu como estiver: sol, luar. Eu descanso nelas. Minha mão, meus olhos, minha boca. A primeira vez que eu vejo isso você está atijando o fogo com o fole. O brilho de água corre nas suas costas e eu sinto um choque em mim mesma querendo lamber ali. Corro para o estábulo para fazer essa coisa parar de acontecer dentro de mim. Nada segura essa coisa. Só existe você. Nada além de você. Meus olhos não meu estômago são a parte de mim que sente fome. Nunca é demais olhar você se mexendo. Seu braço que sobe para bater o ferro. Você apoia num joelho. Se curva. Para e põe água primeiro no ferro depois garganta abaixo. Antes de você saber que eu estou no mundo já morro por sua causa. Minha boca aberta, minhas pernas tão moles e o coração se esticando até quebrar.

A noite vem e eu roubo uma vela. Levo uma brasa numa panela para acender. Para ver mais você. Quando está acesa protejo a chama com a minha mão. Olho você dormindo. Olho muito tempo. Nem me cuido. A chama queima minha mão. Acho que se você acordar e me encontrar vendo você eu morro. Fujo sem saber na hora que você está me vendo ver você. E quando afinal nossos olhos se tocam eu não estou morta. Pela primeira vez eu estou viva.

Lina se retorcendo feito salmão no anzol espera comigo na aldeia. A carroça dos irmãos Ney não chega. Horas nós ficamos então sentadas na beira da estrada. Um menino e um cachorro tocam cabritos na nossa frente. Ele levanta o chapéu. É a primeira vez que um homem faz isso para mim. Eu gosto. Um bom sinal eu acho, mas Lina está me falando de muitas coisas, falando que se você não estiver no seu lugar eu não posso demorar. Tenho de voltar na mesma hora. Não sei controlar um cavalo, então tenho de procurar voltar na carroça do dia

seguinte, aquela que leva leite fresco e ovos para o mercado. Umas pessoas passam e olham mas não falam nada. Somos mulheres, então elas não têm medo. Sabem quem é Lina, mas mesmo assim fingem que somos estranhas. Esperamos mais e tanto que eu não guardo o meu pão com bacalhau. Como todo o bacalhau. Lina segura a testa na mão, cotovelo no joelho. Ela passa uma sensação ruim então fico com o pensamento no chapéu do pastor de cabras.

O vento é frio e tem cheiro de neve. Finalmente a carroça chega. Eu subo. O cocheiro me ajuda, apoia a mão dura e muito tempo nas minhas partes de trás. Sinto vergonha. Somos sete, além dos irmãos Ney, e os cavalos não são os únicos que ficaram nervosos com flocos de neve na primavera. Eles tremem os quartos, sacodem a crina. Estamos nervosos também, mas sentamos quietos enquanto os flocos caem e grudam nos xales e chapéus, açúcarando os cílios e florindo de algodão as barbas dos homens. Duas mulheres de cara para o vento que bate no cabelo delas como cabelo de milho, os olhos delas frestas de brilho. A outra cobre a boca com o xale e encosta num homem. Um menino com um rabo-de-cavalo amarelo está sentado no chão da carroça, as mãos amarradas nos tornozelos. Ele e eu somos os únicos sem tapete ou cobertor em cima dos pés.

Neve inesperada em folhas tenras é bonito. Talvez dure no chão o bastante para facilitar seguir a trilha dos bichos. Os homens sempre ficam contentes com a neve porque a caça é melhor. O Patrão diz que ninguém morre de fome se tem neve. Nem na primavera, porque mesmo antes de as frutas saírem e as verduras estarem prontas para comer o rio está cheio de filhotes e o ar cheio de aves. Mas essa neve não vai durar, mesmo assim pesada, molhada e grossa. Puxo os pés para debaixo da saia, não pelo calor, mas para proteger a carta. O pano de pão eu levo no colo.

A Patroa me faz decorar o jeito de chegar a você. Tenho de tomar a carroça dos irmãos Ney de manhã quando ela vai para o norte na estrada postal. Depois de uma parada numa taverna a carroça vai chegar num lugar que ela chama de Hartkill logo depois do meio-dia, onde eu desembarco. Tenho de andar à esquerda, para oeste na trilha Abenaki que eu vou saber qual é por causa da muda torta na terra com um broto subindo para o céu. Mas a carroça dos irmãos Ney está muito atrasada. Quando eu subo a bordo e sento no meu lugar nos fundos atrás dos outros já é o fim da tarde. Os outros não perguntam para onde eu vou, mas depois de um tempo estão gostando de cochichar de onde moram antes. Perto do mar, as mulheres dizem, eles limpando navios, os homens calafetando navios e consertando as docas. Elas têm certeza que os anos que devem acabaram, mas o Patrão diz que não. Ele manda elas para o Norte, para outro lugar, um curtume, para mais anos. Eu não entendo por que elas estão tristes. Todo mundo tem de trabalhar. Pergunto estão deixando alguém querido

para trás? As cabeças todas viram para mim e o vento para. Maluca, um homem diz. Uma mulher na minha frente diz: jovem. O homem diz: mesma coisa. Outra mulher levanta a voz e diz deixem ela em paz. Alto demais. Fique lá no fundo, o cocheiro está berrando. O que diz que eu sou maluca se abaixa para coçar o tornozelo, coça muito tempo enquanto os outros tossem e raspam os sapatos como se para desafiar a ordem do cocheiro. Uma mulher do meu lado cochicha, não tem caixão num curtume, só a morte rápida no ácido.

A taverna precisa de luz acesa quando a gente chega. Primeiro eu não vejo ela, mas um de nós aponta e então todo mundo vê. Uma luz piscando no meio das árvores. Os Ney entram. A gente espera. Saem com água para os cavalos e para nós e entram de novo. Depois disso barulho raspado de novo. Olho para baixo e vejo a corda que cai dos tornozelos deles enrolada no fundo da carroça. A neve para e o sol some. Quietos, quietos seis descem, os homens carregando as mulheres nos braços. O menino salta sozinho. As três mulheres apontam para mim. Meu coração revira e eu desço também. Eles vão para o lado de onde a gente vem, andando do melhor jeito que dá ao abrigo das árvores na beira da estrada, lugares onde a neve é pouca. Eu não vou atrás. Também não posso ficar na carroça. Tenho uma pedra fria no meu peito. Não preciso de Lina para me avisar que não devo ficar sozinha com homens estranhos de mãos demoradas quando na bebida e na raiva eles descobrem que a carga se perdeu. Tenho de escolher depressa. Escolho você. Vou para oeste pelas árvores. Tudo que eu quero é oeste. Você. Sua fala. O remédio que você conhece que vai curar a Patroa. Você vai ouvir o que eu tenho para dizer e vai voltar comigo. Só tenho de ir para oeste. Um dia? Duas noites?

Estou andando pelo meio de nogueiras na beira da estrada. Algumas já mostrando folha prendem a respiração até a neve derreter. As bobas deixam os botões caírem no chão como ervilhas secas. Estou indo para o norte onde a muda entorta dentro da terra com um broto que aponta para o céu. Depois oeste até você. Vou depressa para ganhar terreno antes que a luz toda se acabe. A terra desce bastante e não tenho outro jeito senão descer também. Por mais que eu tente perco a estrada. As folhas das árvores são muito novas para proteger, então em toda parte o chão está encharcado de neve e minhas pegadas escorregam e empoçam. O céu está cor de groselha. Consigo ir mais?, me pergunto. Devo? Duas lebres ficam paralisadas antes de sair correndo. Não sei como entender isso. Escuto água correndo e sigo no escuro para o som. O luar é novo. Estico um braço na frente e sigo devagar para não tropeçar e cair. Mas o som é de pinheiros pingando e não tem nenhum riacho nem regato. Faço a mão em concha para pegar um pouco de neve caída e engolir. Não escuto as patas nem vejo nenhum vulto. É o cheiro de pelo molhado que me faz parar. Se estou sentindo o

cheiro, estão sentindo meu cheiro, porque não tem mais nada com cheiro no meu pano de comida, só pão. Não sei dizer se é maior do que eu ou menor ou se está sozinho. Decido ficar imóvel. Não escuto ele ir embora, mas o cheiro desaparece afinal. Acho melhor subir numa árvore. Os pinheiros velhos são muito grandes. Qualquer um é boa cobertura mesmo que me rasgue e brigue comigo. Os galhos balançam, mas não quebram com meu peso. Me escondo de tudo o que rasteja e anda de quatro. Sei que o sono não vai tomar conta de mim porque tenho muito medo. Os galhos rangem e curvam. Meu plano para essa noite não é bom. Preciso de Lina para dizer como se abrigar no sertão.

Um homem atravessa as ondas, pisando com cuidado nas pedras e na areia até a praia. Uma névoa, atlântica e fedendo a vida vegetal, encobria a baía e tornava mais lenta sua marcha. Podia ver suas botas molhadas, mas não a mochila nem as mãos. Quando deixou as ondas para trás e as solas afundaram na lama, ele virou para acenar aos homens da chalupa, mas, como o mastro havia desaparecido na névoa, ele não tinha como dizer se continuavam ancorados ou tinham arriscado a ir adiante — seguindo a costa e se aproximando do local dos cais e das docas. Diferentemente das névoas inglesas que conhecia desde que começara a andar, ou aquelas lá do Norte onde agora vivia, essa era incendiada de sol, transformando o mundo em ouro quente e grosso. Penetrar nela era como lutar em meio a um sonho. Quando a lama se transformou em relva de pântano, ele virou à esquerda, pisando com cuidado até topar com as pranchas de madeiras que subiam da praia para a aldeia. A não ser por sua respiração e seu

passo, o mundo estava silencioso. Só depois que ele chegou aos carvalhos foi que a névoa oscilou e se abriu. Ele andou mais depressa então, com maior controle, porém sentindo falta também do ouro ofuscante que atravessara.

Seguindo seu rumo com mais confiança, chegou a uma aldeia em ruínas a dormir entre duas imensas plantações ribeirinhas. Ali o cavaliário convenceu-se a desistir de um depósito se o homem assinasse uma nota: Jacob Vaark. A sela era malfeita, mas a égua, Regina, era boa. Montado, ele sentiu-se melhor e trotou tranquilo e um pouco depressa demais pelas praias até entrar na velha trilha Lenape. Ali havia razão para ser cauteloso e ele diminuiu o passo de Regina. Nesse território ele não podia ter certeza de amigo ou inimigo. Seis anos antes um exército de pretos, nativos, brancos, mulatos — homens livres, escravos e contratados — tinha feito guerra contra a boa gente local liderados por membros dessa mesma classe. Quando essa “guerra do povo” perdeu suas esperanças para o carrasco, o serviço que prestou — que compreendia a matança de tribos adversárias e a expulsão dos carolinas de suas terras — deu origem a um emaranhado de novas leis que autorizavam o caos em defesa da ordem. Ao eliminar alforria, reuniões, viagem e porte de armas apenas para os negros; ao autorizar qualquer branco a matar qualquer negro por qualquer razão; ao recompensar proprietários pela mutilação ou morte de um escravo, eles separavam e protegiam todos os brancos de todos os outros para sempre. Toda tranquilidade social entre a fidalguia e os trabalhadores, forjada antes e durante essa rebelião, esmigalhou-se debaixo de uma marreta usada no interesse dos lucros da fidalguia. Na opinião de Jacob Vaark, essas leis eram ilegais porque estimulavam a crueldade em lugar da causa comum, se não da virtude comum.

Em resumo, 1682, e a Virgínia ainda era uma confusão. Quem conseguia acompanhar as duras batalhas por Deus, rei e terra? Mesmo com a relativa segurança de sua pele, a viagem solitária exigia prudência. Ele sabia que podia cavalgar durante horas sem nenhuma companhia além dos gansos voando acima de cursos d’água terra adentro e, de repente, de trás de árvores caídas um desertor faminto podia emergir, ou numa depressão uma família de fugitivos poderia se esconder, ou um meliante podia ameaçar. Levando vários tipos de bens em espécie e uma única faca, ele era um alvo apetitoso. Ansioso por sair dessa colônia para outra menos precária mas pessoalmente mais repulsiva, Jacob atitou a égua a um passo mais rápido. Desmontou duas vezes, a segunda para libertar a pata traseira ensanguentada de um racum ainda novo presa numa fenda de árvore. Regina mascava a relva da trilha enquanto ele tentava ser o mais delicado possível, evitando as garras e os dentes do animal assustado. Quando conseguiu, o racum foi embora mancando, talvez para a mãe forçada a abandoná-lo ou mais provavelmente para outras garras.

Quando seguiu a galope, suave tão pesadamente que seus olhos salgavam e o cabelo grudava nos ombros. Já outubro e Regina estava empapada e bufando. Nada de inverno ali no Sul, ele pensou, e podia até estar em Barbados, coisa em que tinha pensado uma vez, embora seu calor dissessem ser ainda mais letal que aquele ali. Mas isso foi anos atrás e a decisão perdeu o sentido antes que ele pudesse agir. Um tio que ele nunca tinha visto do lado da família que o abandonara morreu e deixou-lhe uns cinquenta hectares de uma propriedade inativa em um clima que ele preferia bastante. Um clima com quatro estações definidas. No entanto essa névoa, quente e cheia de mosquitos, não desalentava seu espírito. Apesar da longa viagem em três veleiros por três diferentes cursos d'água, e agora a dura cavalgada pela trilha de Lenape, ele teve prazer com a viagem. Respirar o ar de um mundo tão novo, quase alarmante em sua crueza e tentação, sempre o revigorava. Uma vez superado o quente ouro da baía, ele viu florestas intocadas desde Noé, litorais belos de chorar, comida silvestre à disposição. As mentiras da Companhia sobre o lucro fácil à espera de todos não o surpreendiam nem desanimavam. Na verdade, era a dureza, a aventura que o atraía. Toda a sua vida tinha sido uma mistura de confronto, risco e apaziguamento. Agora ali estava ele, um pobre órfão transformado em dono de terras, inventando um lugar de lugar nenhum, uma vida moderada de uma vida crua. Ele gostava de nunca saber o que havia em seu caminho, quem poderia se aproximar com qual intenção. Rápido de ideias, acendia-se de prazer quando uma crise, grande ou pequena, exigia criatividade e ação rápida. Sacudindo na sela malfeita, olhava à frente enquanto seus olhos varriam os arredores. Conhecia aquela paisagem intimamente de anos atrás, quando ainda era a velha Nação Sueca e, mais tarde, quando ele foi agente da Companhia. E depois também quando os holandeses assumiram o controle. Durante e após essa disputa, não fizera mais muito sentido saber quem dizia ser dono deste ou daquele terreno; deste ou daquele posto avançado. Além de certos nativos, a quem aquilo tudo pertencia, de ano para ano qualquer trecho podia ser reclamado por uma igreja, controlado por uma Companhia ou se transformar em propriedade real pela doação do rei a um filho ou a um favorito. Como as reivindicações de terras eram sempre fluidas, a não ser pelos dados em notas de venda, ele prestava pouca atenção a nomes velhos ou novos de cidades e fortes: Fort Orange; Cape Henry; Nieuw Amsterdam; Wiltwyck. Em sua própria geografia estava indo de Algonquin a Sesquehanna via Chesapeake e através do Lenape, uma vez que as tartarugas vivem mais que as cidades. Quando desceu de veleiro o rio South e entrou na baía de Chesapeake, desembarcou, encontrou uma aldeia e transpôs as trilhas nativas a cavalo, atento a seus campos de trigo, cuidadoso com seus territórios de caça, educadamente pedindo licença para

entrar numa pequena aldeia aqui, numa maior ali. Ele dava água ao cavalo num riacho em particular e evitava ameaçar o pântano adiante dos pinheiros. Reconhecer a encosta de certos montes, um grupo de carvalhos, um abrigo abandonado, o súbito odor de seiva de pinheiro — tudo isso era mais que valioso; era essencial. Num território tão imediatista Jacob simplesmente sabia que quando saísse daquela floresta de pinheiros beirando os pântanos estaria, por fim, em Maryland, que, naquele momento, pertencia ao rei. Inteiramente.

Ao entrar nesse território de propriedade privada, seus sentimentos chocavam-se num embate. Ao contrário das colônias costa acima e costa abaixo — disputadas, objetos de lutas e regularmente rebatizadas; seu comércio limitado à nação vencedora —, a província de Maryland permitia o comércio com mercados estrangeiros. Boa para agricultores, melhor para comerciantes, ótima para corretores. Mas o palatinado era papista até a medula. Padres andavam abertamente pelas cidades; seus templos ameaçavam as praças; suas sinistras missões brotavam junto às aldeias nativas. Leis, tribunais e comércio eram seu domínio exclusivo e mulheres vestidas com exagero e de saltos altos andavam em carruagens conduzidas por negros de dez anos de idade. Ele se ofendia com a astúcia espalhafatosa e relaxada dos papistas. “Abomine a grande prostituta de Roma.” A classe inteira do setor infantil do asilo tinha decorado essa frase da cartilha. “E todas as suas blasfêmias *Não beba de sua taça maldita* Não obedeça aos seus decretos.” O que não queria dizer que não se pudesse fazer negócios com eles, e Jacob levava vantagem sobre eles muitas vezes, principalmente ali onde tabaco e escravos eram casados, cada valor grudado ao cotovelo do outro. Por violência continuada ou súbita doença, qualquer um dos dois estava sujeito ao colapso, inconveniente a todos menos ao prestador.

O desdém, por mais difícil que seja de esconder, deve ser posto de lado. Sua negociação anterior com essa propriedade tinha sido com o administrador do proprietário, sentados nos banquinhos da cervejaria. Agora, por alguma razão, ele tinha sido convidado, convocado na verdade, à casa do fazendeiro — uma fazenda chamada Jublio. Um comerciante convidado a jantar com um cavalheiro? Num domingo? Então deve haver problemas, pensou. Por fim, estapeando mosquitos e alerta a cobras da lama que assustam o cavalo, ele vislumbrou os amplos portões de ferro da Jublio e conduziu Regina por eles. Tinha ouvido dizer que era imponente, mas não podia estar preparado para o que havia diante dele. A casa, de pedra cor de mel, era na verdade mais parecida com um lugar onde se realizavam julgamentos. Longe, à direita, para além das cercas de ferro que circundavam a propriedade e atenuadas pela névoa, ele viu fileiras de alojamentos, silenciosos, vazios. Estão nos campos, supôs, tentando limitar os danos que o tempo úmido impusera às colheitas. O cheiro confortável de folhas

de tabaco, como as lareiras e as boas mulheres servindo cerveja, envolvia a Jublio como um bálsamo. O caminho terminava num pátio de tijolos, anunciando uma orgulhosa entrada para a varanda. Jacob parou. Um menino apareceu, ele desmontou com o corpo um tanto duro, entregou as rédeas, alertando o menino.

“Água. Comida não.”

“Sim, senhor”, disse o menino, e virou o animal murmurando “Bela dama, bela dama”, enquanto a levava embora.

Jacob Vaark subiu três degraus de tijolo, depois voltou atrás para afastar-se da casa e analisá-la. Duas largas janelas, pelo menos duas dúzias de vidros em cada uma, de cada lado da porta. Outras cinco janelas no amplo segundo andar faziam a luz do sol cintilar acima da bruma. Nunca tinha visto uma casa como essa. O homem mais rico que conhecia construía com madeira, não tijolos, tábuas lascadas sem necessidade de grandes colunas condizentes com uma Casa do Parlamento. Grandiosa, pensou, mas fácil, fácil de construir naquele clima. Madeira sulista macia, pedra cremosa, desnecessário calafetar, tudo projetado para aragem, não friagem. Longo corredor, provavelmente saletas, câmaras... trabalho fácil, vida fácil, mas, Deus, o calor.

Ele tirou o chapéu e enxugou com a manga o suor do alto da testa. Depois passou os dedos no colarinho encharcado, subiu de novo os degraus e experimentou o raspador de botas. Antes que pudesse bater, a porta foi aberta por um homem pequeno e contraditório: idoso e sem idade, respeitoso e gozador, cabelo branco, cara negra.

“Tarde, senhor.”

“O senhor Ortega está me esperando.” Jacob avaliou a sala por cima da cabeça do velho.

“Sim, senhor. O chapéu, senhor? O senhor D’Ortega está esperando o senhor. Obrigado, senhor. Por aqui, senhor.”

Passos, fortes e agressivos, seguidos pela voz de D’Ortega.

“Bem na hora! Entre, Jacob. Entre.” Ele apontou uma saleta.

“Bom dia, senhor. Obrigado, senhor”, disse Jacob, deslumbrado com o paletó de seu anfitrião, as meias, a peruca elegante. Por complicadas e incômodas que devessem ser essas roupas no calor, a pele de D’Ortega estava seca como pergaminho, enquanto Jacob continuava a transpirar. O estado do lenço que tirou do bolso o envergonhou tanto quanto sua necessidade dele.

Sentado a uma mesa pequena cercada de estátuas de ídolos, as janelas fechadas para o ar fervente, bebeu cerveja de sassafrás, concordou com o que seu anfitrião falava do tempo e dispensou suas desculpas por tê-lo obrigado a vir até ali. Dito isso, D’Ortega passou rapidamente para os negócios. A desgraça

havia se abatido. Jacob tinha ouvido falar, mas escutou educadamente com um toque de compaixão pela versão que aquele cliente/devedor narrava ali. O navio de D'Ortega estava ancorado a uma milha náutica da costa fazia um mês à espera de uma embarcação, que deveria chegar qualquer dia, para substituir o que ele havia perdido. Um terço de sua carga morrera de febre do navio. Multa de cinco mil libras de tabaco pelo magistrado do lorde proprietário por jogarem os corpos muito perto da baía; forçados a recolher os corpos — aqueles que conseguiram encontrar (usando ganchos e redes, disse D'Ortega, cuja compra em si custou duas libras e seis xelins) — com ordem para queimá-los ou enterrá-los. Tivera de empilhá-los em duas carretas (seis xelins), levar para as terras baixas onde o mentruz e os aligátors terminariam o trabalho.

Ele cortou as perdas e deixou o barco seguir para Barbados? Não, pensou Jacob. Homem relaxado, teimoso em sua obstinação como todos da fé católica, ele espera no porto mais um mês por um navio fantasma de Lisboa trazendo carga suficiente para repor as cabeças que perdeu. Enquanto espera para encher o casco do navio ao limite, o navio afunda e ele perde não apenas a embarcação, não apenas o terço original, mas todos, exceto a tripulação que não estava acorrentada, claro, e quatro angolanos não vendáveis com os olhos injetados de raiva. Agora ele quer mais crédito e seis meses mais para pagar o que tomou emprestado.

O jantar é uma coisa tediosa tornada intolerável pelo constrangimento que Jacob sentia. Sua roupa rústica estava em flagrante contraste com a seda bordada e a gola de renda. Seus dedos normalmente hábeis ficaram desajeitados com os talheres. Havia até um traço de sangue de racum em suas mãos. O ressentimento plantado então aflorou. Por que esse exibicionismo numa tarde modorrenta para um único convidado bem abaixo de sua classe? Intencional, ele concluiu; uma encenação para humilhá-lo a uma rastejante aceitação dos desejos de D'Ortega. A refeição começou com uma oração sussurrada numa língua que ele não conseguiu decifrar e um lento sinal da cruz antes e depois dela. Apesar das mãos sujas e do cabelo murcho de suor, Jacob reprimiu seu aborrecimento e preferiu se concentrar na comida. Mas sua fome considerável encolheu quando confrontada com os pratos pesadamente condimentados: tudo a não ser os pickles e os rabanetes era frito ou cozido demais. O vinho, aguado e doce demais para seu gosto, o decepcionou, e a companhia piorava tudo. Os filhos eram silenciosos como tumbas. A mulher de D'Ortega era uma gralha tagarela que fazia perguntas sem sentido — Como consegue viver na neve? — e emitia observações que desafiavam a razão, como se seu juízo político fosse igual ao de um homem. Talvez fosse a pronúncia deles, seu domínio tênue da língua inglesa, mas a Jacob pareceu que nada transmitido na conversa tinha pé no mundo real. Ambos

falavam da gravidade, da responsabilidade única que aquele mundo indomado lhes oferecia; essa inquebrantável ligação com a obra de Deus e as dificuldades que suportavam por Ele. Cuidar de doentes ou do trabalho recalcitrante merecia, disseram, canonização.

“Eles ficam sempre doentes, madame?”, perguntou Jacob.

“Tanto quanto fingem, não”, disse a anfitriã. “Salafrários, eles são. Em Portugal nunca conseguiriam se safar com esses truques.”

“Eles são de Portugal?” Jacob se perguntou se a mulher que servia a mesa entendia inglês ou se eles só a xingavam em português.

“Bom, da parte angolana de Portugal”, disse D’Ortega. “É a terra mais agradável e bonita.”

“Portugal?”

“Angola. Mas, é claro, Portugal é sem par.”

“Lá estivemos por quatro anos”, acrescentou a sra. D’Ortega.

“Em Portugal?”

“Em Angola. Mas, veja bem, nossos filhos não nasceram lá.”

“Em Portugal então?”

“Não. Em Maryland.”

“Ah. Inglaterra.”

Afinal, D’Ortega era o terceiro filho de um criador de gado, sem direito a herança. Tinha ido para Angola, o reservatório de escravos de Portugal, para gerenciar carregamentos para o Brasil, mas viu as promessas de enriquecer depressa e mais generosamente se cumprirem mais longe. A mudança de um tipo de rebanho para outro foi rápida e imensamente enriquecedora. Durante algum tempo, pensou Jacob. D’Ortega não parecia estar progredindo em sua posição relativamente nova, mas não tinha dúvida de que ia se dar bem de alguma forma, como aquele convite para jantar tencionava provar.

Tinham seis filhos, dois deles com idade suficiente para sentar à mesa. Meninos calados como pedras, treze e catorze anos, usando perucas como as do pai como se estivessem num baile ou num tribunal de Justiça. Seu azedume, Jacob entendeu, era indigno, resultado de não ter ele próprio nenhum descendente — homem ou não. Agora que sua filha Patrician tinha ido fazer companhia aos irmãos mortos, não havia ninguém ainda para colher a modesta mas respeitável herança que ele esperava acumular. Assim, reprimindo a inveja como haviam ensinado no orfanato, Jacob se divertiu identificando defeitos no casamento do par. Eles pareciam bem adequados um ao outro: vaidosos, voluptuosos, mais orgulhosos dos estanhos e da porcelana que dos filhos. Era abundantemente claro o porquê de D’Ortega estar com sérias dívidas. Transformando lucro em ninharias inúteis, sem vergonha da suntuosidade, das

meias de seda e da mulher espalhafatosa, desperdiçando velas ao meio-dia, ele seria sempre incapaz de se safar de qualquer revés, fosse navio perdido ou colheita arruinada. Ao observar o casal, Jacob notou que marido e mulher nunca se olhavam, a não ser por uma espiada furtiva quando o outro não estava vendo. Ele não sabia dizer o que havia nessas espiadelas sub-reptícias, mas divertia-se em adivinhar o pior enquanto suportava a conversa tola, incompreensível e os pratos intragáveis. Eles não sorriam, tinham um esgar; não riam, davam risadinhas. Ele os imaginava perversos com os criados e obsequiosos com os padres. Sua vergonha inicial pelas consequências inevitáveis da longa viagem — botas enlameadas, mãos sujas, transpiração e seu odor — era ofuscada pelo perfume excessivo e pelo rosto pesadamente empoado da sra. D’Ortega. O único alívio, mesmo menor, vinha da mulher com cheiro de cravo que serviu a comida.

Sua Rebekka lhe parecia sempre mais valiosa nas raras vezes em que estava na companhia das esposas desses homens ricos, mulheres que mudavam de roupa todos os dias e vestiam os criados com pano de saco. Desde o momento em que viu sua futura noiva lutando para descer a prancha de desembarque com roupa de cama, duas caixas e uma bolsa pesada, ele entendeu a sorte que teve. Estava disposto a aceitar um saco de ossos ou uma donzela feia — na verdade esperava uma assim, já que uma bonita teria tido diversas oportunidades de se casar na região. Mas a jovem que respondeu ao seu grito na multidão era roliça, graciosa e capaz. Valeu cada dia da longa procura tornada necessária porque assumir a propriedade exigia uma esposa, e porque ele queria certo tipo de parceira: uma mulher que não fosse de igreja, em idade de ter filhos, obediente mas não submissa, alfabetizada mas não orgulhosa, independente mas doméstica. E ele não aceitaria censura. Exatamente como o primeiro imediato a descreveu, Rebekka era ideal. Não havia um osso de megera em seu corpo. Ela nunca levantava a voz com raiva. Cuidava das necessidades dele, fazia os bolinhos mais macios, entregou-se ao trabalho numa terra completamente estranha a ela com entusiasmo e criatividade, alegre como um passarinho. Ou havia sido assim. Três bebês mortos um depois do outro, seguidos pela morte acidental de Patrician, a filha deles de cinco anos, a tinham amargurado. Uma espécie de cinza invisível pousara sobre ela que vigílias nos pequenos túmulos na campina nada faziam para apagar. Ela no entanto nem reclamava nem faltava a seus deveres. Se algo mudara, foi que ela se atirava com mais vigor ao trabalho na terra, e, quando ele viajava, como agora, a negócios, comerciando, coletando, emprestando, não tinha dúvida de como sua casa era cuidada. Rebekka e suas duas ajudantes eram tão confiáveis como o nascer do sol e fortes como postes. Além disso, o tempo e a saúde estavam do lado delas. Ele tinha confiança de que ela ia ter mais filhos e ao menos um, um menino, sobreviveria para crescer.

A sobremesa, purê de maçã com pecãs, foi um ganho e, quando ele acompanhou D’Ortega pelo local num passeio impossível de recusar, seu humor tinha melhorado um pouco, o suficiente para admirar sinceramente a propriedade. A névoa havia clareado e ele conseguiu ver em detalhe o trabalho e o cuidado com os barracões, as carretas, as fileiras após fileiras de barris de tabaco — arrumados e bem conservados — com a bem construída casa de carne, a casa de ordenha, a lavanderia, da cozinha. Todas, menos a última, de reboco caiado, um nada menores que o alojamento de escravos, mas, ao contrário deles, em excelente condição. O objetivo, o propósito do encontro não tinha sido abordado. D’Ortega descrevera com cuidado e nos mínimos detalhes os acidentes fora de seu controle que o impossibilitavam de pagar o que devia. Mas de que forma Jacob seria reembolsado não se havia falado. Ao examinar as folhas de tabaco manchadas, cheias de bichos, ficou claro o que restava a D’Ortega para oferecer. Escravos.

Jacob recusou. Sua fazenda era modesta; seu negócio dependia apenas dele mesmo. Além disso, sem lugar para colocá-los, não haveria nada com que ocupá-los.

“Ridículo”, disse D’Ortega. “Você vende. Sabe o preço que eles atingem?”

Jacob recuou. Carne não era a sua mercadoria.

Mesmo assim, por insistência de seu anfitrião, ele o seguiu pelos pequenos barracões onde D’Ortega interrompeu o descanso do meio do dia deles e ordenou que duas dúzias ou mais se reunissem em linha reta, inclusive o menino que tinha dado água a Regina. Os dois homens passaram diante da fila, inspecionando. D’Ortega identificava talentos, fraquezas e possibilidades, mas silenciava sobre cicatrizes, as feridas como veias deslocadas riscando a pele deles. Um tinha até mesmo a marca no rosto exigida pela lei local quando um escravo atacava um homem branco pela segunda vez. Os olhos das mulheres pareciam à prova de choque, olhando além do tempo e do espaço como se elas de fato não estivessem ali. Os homens olhavam para o chão. Só eventualmente, quando possível, quando achavam que não estavam sendo avaliados, Jacob via os rápidos olhares deles, de lado, cautelosos, mas, acima de tudo, avaliando os homens que os avaliavam.

De repente, Jacob sentiu um aperto no estômago. O cheiro do tabaco, tão bem-vindo quando chegara, agora o nauseava. Ou seria o arroz-doce, as costeletas de porco fritas e pingando melado, o chocolate pelo qual a sra. D’Ortega era louca? Fosse o que fosse, ele não podia ficar ali cercado por um bando de escravos cujo silêncio o fazia imaginar uma avalanche vista a grande distância. Sem som, só a consciência do bramido que não podia ouvir. Ele implorou para sair, dizendo que a proposta era inaceitável — muito trabalho para transportar, administrar, leiloar;

sua eficiência solitária, sem empecilhos, era do que ele gostava no comércio. Dinheiro vivo, cartas de crédito, cessões eram portáteis. Uma bolsa levava tudo de que precisava. Voltaram para a casa e atravessaram o portão lateral na cerca ornamentada, D’Ortega pontificando o tempo todo. Ele faria a venda. Libras? Soberanos espanhóis? Ele arranjava o transporte, contratava o tratador.

Estômago revirado, narinas agredidas, Jacob se zangou. Isso é uma calamidade, pensou. Não resolvida, levaria a anos de processos legais numa província governada pelos juizes do rei, nada disposta a favorecer um remoto comerciante contra um cavalheiro católico local. A perda, embora não incontrolável, parecia-lhe imperdoável. E para um homem daqueles. A pose de D’Ortega, ao caminharem pela propriedade, lhe era desagradável. Além disso, ele acreditava que a posição daquele queixo, o baixar das pálpebras escondiam algo flácido, como se as mãos dele, acostumadas a rédeas, chicote e renda, nunca tivessem segurado um arado ou tocado um machado em uma árvore. Havia algo além de católico nele, alguma coisa sórdida e passada do ponto. Mas o que podia fazer? Jacob sentiu vergonha da posição enfraquecida dele como uma impureza do sangue. Não era de admirar que tivessem sido excluídos do Parlamento em sua terra natal e, embora ele não acreditasse que deveriam ser caçados como bichos, fora dos negócios ele jamais escolheria aproximar-se ou conviver nem com o mais baixo nem com o mais elevado deles. Mal escutando a arenga de D’Ortega, furtivo e indireto em vez de direto e viril, Jacob aproximou-se da cozinha e viu uma mulher parada na porta com duas crianças. Uma montada no quadril; uma escondida atrás das saias. Ela parecia bastante saudável, mais bem alimentada que os outros. Num repente, mais para silenciá-lo e quase certo de que D’Ortega ia recusar, ele disse: “Ela. Essa aí. Levo essa”.

D’Ortega imobilizou-se, um ar perplexo no rosto. “Ah, não. Impossível. Minha mulher não deixaria. Não pode viver sem ela. É nossa cozinheira principal, a melhor.”

Jacob chegou mais perto e, reconhecendo o suor tocado de cravo, desconfiou que fosse mais que a cozinha que D’Ortega perderia.

“O senhor disse ‘qualquer um’. Que eu podia escolher qualquer um. Se sua palavra não vale nada, resta apenas a lei.”

D’Ortega levantou uma sobrancelha, só uma, como se sua curva sustentasse um império. Jacob sabia que ele lutava com essa ameaça impertinente de um inferior, mas o fidalgo deve ter achado melhor retribuir o insulto com outro. Ele queria desesperadamente resolver depressa aquele assunto, e queria do seu jeito.

“Bom, sim”, disse D’Ortega, “mas existem outras mulheres aqui. Mais. O senhor veja. Além disso essa aí está amamentando.”

“Então será a lei”, disse Jacob.

D’Ortega riu. Um processo judicial provavelmente seria resolvido a seu favor e o tempo gasto nele podia lhe ser vantajoso.

“O senhor me assombra”, disse.

Jacob se recusava a recuar. “Talvez outro emprestador seja mais do seu gosto”, disse, e gostou de ver a narina se dilatar, indicando que tinha atingido o ponto certo. D’Ortega era famoso por dívidas não pagas e tivera de procurar um corretor fora de Maryland, uma vez que havia esgotado seus amigos e os emprestadores locais recusavam o que sabiam que seria uma perda inevitável. O ar ficou tenso.

“O senhor parece não compreender minha oferta. Não estou fugindo à minha dívida. Estou honrando o que devo. O valor de uma escrava competente é mais que adequado.”

“Não se não tenho uso para ela.”

“Usar? Vender!”

“Meu negócio é bens e ouro, senhor”, disse Jacob Vaark, proprietário de terras. E não conseguiu resistir acrescentar: “Mas entendo como é difícil para um papista admitir certo tipo de controle”.

Sutil demais? perguntou-se Jacob. Nem um pouco, aparentemente, porque a mão de D’Ortega foi para o quadril. Jacob acompanhou com os olhos os dedos cheios de anéis fecharem-se num punhal. Teria coragem? Será que aquele janota arrogante e azedo realmente atacaria seu credor, o mataria e, alegando auto-defesa, prerrogativas, se livraria da dívida e do insulto social, mesmo que isso significasse um completo desastre financeiro, considerando que seus cofres estavam tão vazios quanto sua bacia? Os dedos macios tatearam pelo cabo ausente. Jacob levantou os olhos para D’Ortega e notou a covardia do fidalgo desarmado diante de um homem do povo. Ali no sertão dependendo de guardas pagos que não estavam à vista neste domingo. Sentiu vontade de rir. Onde mais naquele mundo desorganizado seria possível um encontro desses? Onde mais a casta estremeceria diante da coragem? Jacob virou-se, deixando que suas costas, desarmadas, expostas, demonstrassem seu desprezo. Foi um momento curioso. Junto com o desdém, sentiu uma onda de exaltação. Potente. Constante. A mudança interna de negociador cauteloso para um menino cru que um dia perambulou pelas vielas da cidade e do campo. Ele nem tentou silenciar a risada ao passar diante da cozinha e olhar de novo a mulher parada na porta.

Bem nesse momento a menininha saiu de trás da mãe. Nos pés tinha um par de sapatos de mulher muito grandes para ela. Talvez tenha sido essa sensação de liberdade, de um recém-recuperado atrevimento junto com a visão daquelas perninhas subindo como duas varetas dos sapatos surrados e estragados, que o fez rir. Uma risada alta, de sacudir o peito diante da comédia, da desanimadora

irritação daquela visita. Sua risada não tinha cessado quando a mulher que aninhava o menino pequeno no quadril avançou. Sua voz era pouco mais que um sussurro, mas não havia dúvida quanto à sua urgência.

“Por favor, senhor. Eu não. Leve ela. Leve minha filha.”

Jacob desviou o olhar dos pés da criança e olhou para ela, a boca ainda cheia de riso, e foi tocado pelo terror nos olhos dela. Seu riso terminou num rangido, ele sacudiu a cabeça, pensando. Deus me livre se este não é um negócio totalmente infeliz.

“Ora, sim. Claro”, disse D’Ortega, afastando seu embaraço anterior e tentando retomar a dignidade. “Mando a menina para o senhor. Imediatamente.” Os olhos dele se abriram, assim como o sorriso condescendente, embora ainda parecesse bastante agitado.

“Minha resposta é firme”, disse Jacob, pensando: tenho de me afastar desse arremedo de homem. Mas pensando também: talvez Rebekka possa gostar de uma criança na casa. Esta aqui, nadando nesses sapatos horríveis, parece ter a mesma idade de Patrician, e se ela levar um coice de mula na cabeça a perda não vai abalar tanto Rebekka.

“Temos um padre aqui”, D’Ortega prosseguiu. “Ele pode levar a menina para o senhor. Embarco os dois numa chalupa para qualquer porto que deseje...”

“Não. Eu disse não.”

De repente a mulher que cheirava a cravos ajoelhou-se e fechou os olhos.

Fizeram novos papéis. Acordaram que a menina valia vinte moedas de prata, considerando o número de anos que tinha pela frente e reduzindo o balanço em três pipas de tabaco, ou quinze libras inglesas, como o último preferia. A tensão de dissipou visivelmente no rosto de D’Ortega. Ansioso para ir embora e realimentar a boa opinião que tinha de si mesmo, Jacob disse adeuses abruptos à sra. D’Ortega, aos dois meninos e ao pai deles. Já na trilha estreita, virou Regina, acenou para o casal e novamente, mesmo sem querer, invejou a casa, o portão, a cerca. Pela primeira vez ele não havia trapaceado, nem lisonjeado, nem manipulado, mas tinha se visto cara a cara com a fidalguia rica. E se deu conta, não pela primeira vez, que só as coisas, não a linhagem nem o caráter, os separavam. Então não seria ótimo ter uma cerca daquelas para separar os marcos de seu próprio campo? E um dia, não muito distante, construir uma casa daquele tamanho em sua propriedade? Naquela subida atrás, com uma vista melhor dos montes e do vale entre eles? Não tão enfeitada como a de D’Ortega. Não com aquele excesso pagão, claro, mas justa. E pura, nobre até, porque não seria comprometida como era a Jublio. Acesso a uma frota de trabalho livre possibilitava a vida cômoda de D’Ortega. Sem uma carga de escravos angolanos ele não estaria apenas em débito; estaria comendo na palma da mão em vez de

na louça e dormindo nas matas da África em vez de em sua cama de quatro postes. Jacob desdenhava a riqueza dependente de uma força de trabalho capturado que exigia mais força para manter. Escassos como eram, os resquícios do seu tipo de protestantismo recusavam chicotes, correntes e capatazes armados. Ele estava decidido a provar que o seu negócio podia juntar a fortuna e a posição que D'Ortega pleiteava sem vender sua consciência.

Atiçou Regina a um passo mais rápido. O sol estava baixo; o ar mais fresco. Ele tinha pressa de voltar à Virgínia, a sua costa, à taverna de Pursey antes da noite, dormir numa cama se elas não estivessem todas tomadas por três ou quatro lado a lado. Senão ele se juntaria aos outros clientes e se acomodaria em qualquer superfície. Mas primeiro ia tomar um, talvez dois copos de cerveja, seu gosto amargo, claro, indispensável para eliminar o saibro adocicado de vício e tabaco estragado que parecia revestir sua língua. Jacob devolveu Regina ao cavaleiro, pagou e foi até o molhe e a taverna de Pursey. A caminho viu um homem espancando um cavalo até ele ajoelhar. Antes que pudesse abrir a boca para gritar, marinheiros valentões puxaram o homem e o fizeram sentir os próprios joelhos na lama. Poucas coisas deixavam Jacob mais zangado do que o tratamento brutal de animais domesticados. Ele não sabia contra o que os marinheiros protestavam, porém sua própria fúria era não só por causa da dor imposta ao cavalo mas por causa do brilho de submissão mudo, sem protesto, nos olhos do animal.

O Pursey fechava aos domingos, como ele devia ter imaginado, então dirigiu-se ao que ficava sempre aberto. Rústico, ilegal e servindo os durões, oferecia mesmo assim comida boa e farta e nunca nenhuma confusão. Em seu segundo copo, um violinista e um flautista entraram para a alegria e o dinheiro deles, e, mesmo que o flautista não tocasse tão bem quanto ele próprio, levantou o espírito de Jacob o suficiente para ele cantar junto. Quando duas mulheres entraram, os homens chamaram seus nomes em bêbada alegria. As prostitutas resistiram um pouco antes de escolher um colo para sentar. Jacob objetou quando elas se aproximaram. Ele já tivera sua cota, anos antes, de bordéis e casas de desordem mantidas por esposas de marinheiros no mar. O atrevimento juvenil que o inundara na Jublio não se estendia ao doce deboche que tinha buscado quando jovem.

Sentado à mesa atravancada com restos de refeições anteriores, ele ouviu a conversa em volta, que era principalmente sobre açúcar, o que queria dizer rum. O preço e a demanda maiores que do tabaco, agora que a fartura estava arruinando esse mercado. O homem que parecia saber mais sobre rum, a simples mecânica de sua produção, os preços extorsivos e os efeitos benéficos, resistia com a autoridade de um prefeito.

Corpulento, a cara marcada pela varíola, ele tinha a aura de um homem que esteve em lugares exóticos e os olhos de alguém desacostumado a olhar coisas próximas a seu rosto. Downes era seu nome. Peter Downes. Tinham chamado um rapaz negro e ele trouxe seis canecas, as alças de três em cada mão, e colocou em cima da mesa. Cinco homens as pegaram e engoliram depressa. Downes também, mas cuspiu o primeiro gole no chão, dizendo aos acompanhantes que o gesto era ao mesmo tempo uma oferenda e uma proteção contra veneno.

“Como assim?”, alguém perguntou. “O veneno pode estar escondido no fundo.”

“Nunca”, disse Downes. “Veneno é como afogado; sempre boia.”

Entre risos, Jacob juntou-se aos homens à mesa e ouviu as histórias hipnóticas de Downes que terminaram com uma hilariante descrição do tamanho dos seios das mulheres em Barbados.

“Uma vez pensei em me mudar para lá”, disse Jacob. “Além dos peitos, como é lá?”

“Como uma puta. Gostosa e mortal”, disse Downes.

“Como assim?”

Downes limpou os lábios com a manga. “Significa que tudo é farto e suculento, menos a vida. Ela é escassa e curta. Seis meses, dezoito e...” Ele acenou dedos de adeus.

“Então como eles fazem? Deve ser um torvelinho constante.” Jacob estava imaginando a diferença entre o trabalho regular e controlado da Jublio e a desordem das plantações de açúcar.

“Nada disso”, Downes sorriu. “Eles importam mais. Como lenha, o que queima até virar cinzas é repostado. E, não esqueça, nasce gente. O lugar é um caldo de mulatos, crioulos, zâmbios, mestiços, negros mexicanos, chineses, contrabandistas de gente.” Ele tocava os dedos com o polegar enquanto listava os tipos produzidos em Barbados.

“Mas os riscos são altos”, protestou Jacob. “Ouvi falar de propriedades inteiras varridas pela doença. O que vai acontecer quando o trabalho minguar e houver menos e menos transporte?”

“Por que haveria de minguar?” Downes abriu as mãos como se carregasse o casco de um navio. “Os africanos estão interessados em vender escravos aos holandeses, uma vez que um fazendeiro inglês está comprando. Regras do rum, não importa quem faça o comércio. Leis? Que leis? Olhe”, prosseguiu, “Massachusetts já tentou leis contra a venda de rum e não conseguiu impedir nem um grama. A venda de melaço para as colônias do Norte está mais forte que nunca. Lucro mais certo do que com pele, tabaco, madeira, qualquer coisa —

menos ouro, eu acho. Enquanto reabastecerem de combustível, os barris fervem e o dinheiro empilha. Rum, açúcar — nunca é o bastante. Um comércio para vidas futuras.”

“Mesmo assim”, disse Jacob, “é um negócio em decadência. E duro.”

“Pense assim. Pele precisa caçar, matar, esfolar, transportar e provavelmente lutar com uns nativos pelos direitos. Tabaco precisa de adubo, colheita, secagem, empacotamento, distribuição, mas principalmente tempo e solo sempre novo. Açúcar? Rum? A cana cresce. Não dá para impedir; o solo para ela não morre nunca. É só cortar, cozinhar, despachar.” Downes bateu palmas.

“Simples assim, é?”

“Mais ou menos. Mas a questão é a seguinte. Sem perda de investimento. Nenhuma. Nunca. Nem safra ruim. Nem castor nem raposa extintos. Nem interferência da guerra. Colheita farta, eterna. Trabalhadores escravos, mesma coisa. Compradores, ávidos. Produto, divino. Em um mês, o tempo da viagem do moinho até Boston, um homem pode transformar cinquenta libras em cinco vezes isso. Pense um pouco. Por mês, todo mês cinco vezes o investimento. Garantido.”

Jacob teve de rir. Ele reconhecia a atitude: o mascate no papel de intermediário eliminando todas as hesitações e encerrando todos os argumentos com promessas de lucro rápido. Pelas roupas de Downes e sua aparente recusa em pagar pela bebida até então, Jacob desconfiou que ele não tinha acumulado o lucro fácil que descrevia.

Mesmo assim, Jacob resolveu que ia examinar o assunto.

Depois que uma tranquila refeição de ostras, vitela, pombo, pastinaca e pudim de banha restaurou suas papilas gustativas, ele reservou um espaço de cama com apenas um homem e, num passeio lá fora, pensou sobre o dia decepcionante e a humilhação de ter aceitado a menina como parte do pagamento. Ele sabia que nunca mais ia ver nada de D’Ortega. Um dia — logo, talvez —, para alívio de todos, os Stuart iam perder o trono e o domínio protestante. Então, pensou, um processo contra D’Ortega teria sucesso e ele não seria forçado a aceitar uma menina como porcentagem daquilo que lhe era devido. Ele sabia que tinha justificado o trato pensando que Rebekka gostaria de tê-la, mas outra coisa era mais verdadeira que isso. Desde sua própria infância ele sabia não haver lugar no mundo para órfãos e enjeitados a não ser a generosidade de estranhos. Mesmo permutados, dados, usados, vendidos, trocados, seduzidos, enganados em troca de comida, trabalhando por abrigo ou roubados, ficavam menos malditos sob controle adulto. Mesmo que importassem menos que uma vaca leiteira para um pai ou um proprietário, sem um adulto era mais provável que morressem congelados numa escada de pedra, que flutuassem de barriga para baixo em

canais ou fossem dar em margens e praias. Ele se recusava a ser sentimental sobre sua condição de órfão, os anos passados com crianças de todos os tipos, roubando comida e mendigando gorjetas em troca de trabalho. Sua mãe, contaram-lhe, era uma jovem sem importância que morreu no parto. O pai, que vinha de Amsterdã, o deixou com um nome fácil para trocadilhos e razões para uma profunda desconfiança. A vergonha que os holandeses tinham imposto aos ingleses estava por toda parte, principalmente durante sua estada num asilo antes da sorte de ser tomado como mensageiro por uma firma de advocacia. O trabalho exigia alguém alfabetizado e o levou a ser contratado pela Companhia. Herdar terras abrandou não apenas a tristeza de ser malnascido como a de ser rejeitado. Porém ele continuou sentindo um perturbador latejar de piedade por órfãos e desgarrados, lembrando bem a triste abundância deles e de si próprio em mercados, vielas, becos e portos de cada região por onde viajou. Uma vez achara difícil recusar quando chamado a resgatar uma criança perdida, indesejada. Dez anos fazia que um serrador pedira que tirasse de suas mãos uma menina emburrada, de cabelo cacheado que ele havia encontrado meio morta na margem do rio. Jacob concordou, contanto que o serrador abatesse o preço da madeira que estava comprando. Ao contrário de agora, naquela época sua fazenda realmente precisava de mais trabalhadores. Rebekka estava grávida então, mas nenhum filho anterior havia sobrevivido. Sua fazenda tinha sessenta acres cultivados, dos cento e vinte de floresta localizados a uns dez quilômetros de um povoado fundado por separatistas. A propriedade ficara adormecida por anos, quando muitos holandeses (exceto os poderosos e ricos) partiram ou foram expulsos da região. A terra ainda era isolada a não ser para os separatistas. Jacob logo descobriu que eles tinham se afastado de seus irmãos no que dizia respeito a natureza da salvação ser para os Escolhidos ou universal. Seus vizinhos favoreciam os primeiros e situavam-se terra adentro além dos postos de pele e das guerras. Quando Jacob, um pequeno comerciante da Companhia com uma linha paralela de pele e madeira, se viu um modesto herdeiro, ele gostou do fato de se tornar um fazendeiro proprietário e independente. Não mudara de ideia a respeito. Fez o que foi necessário: providenciou uma esposa, alguém para ajudar, plantou, construiu, teve filhos... Acrescentara simplesmente a vida comercial. Caso contrário, ele seria forçado a preferir a assentada vida de fazenda e a comunhão com gente cuja religião o confundia, embora os dez quilômetros de distância tornassem a blasfêmia irrelevante. Porém sua terra pertencia a um viajante que sabia muito bem que não era sensato ter trabalhadores homens por ali durante suas longas ausências. Sua preferência por trabalho feminino fixo em lugar de homens ladinos tinha por base sua própria experiência de juventude. Um senhor sempre ausente era convite e tentação — a escapar, estuprar ou

roubar. Os dois homens que de vez em quando o ajudavam não representavam ameaça nenhuma. No ambiente certo, as mulheres eram naturalmente confiáveis. Ele acreditava nisso agora com essa criança mal calçada que a mãe estava jogando fora, como acreditara uma década antes com a menina dos gansos de cabelo encaracolado, que chamaram de Sorrow, *Tristeza*. E a aquisição de ambas poderia ser vista como um resgate. Só Lina tinha sido comprada mesmo, deliberadamente, mas ela era uma mulher, não uma criança.

Caminhando no ar quente da noite, ele foi o mais longe possível, até as luzes da cervejaria se tornarem joias lutando contra a escuridão e os berros dos homens se perderem no farfalhar de seda das ondas. O céu tinha esquecido completamente o fogo matinal e estava disfarçado com estrelas frias numa tela lisa e escura como o pelo de Regina. Ele ficou olhando um ocasional rebrilhar de estrelas na água, depois se abaixou e pôs as mãos nela. A areia moveu-se sob suas palmas; filhotes de ondas morreram em cima de seus pulsos, encharcando o punho das mangas. Pouco a pouco os detritos do dia se lavaram, inclusive o vago traço de sangue de racum. Ao voltar para a hospedaria, não havia nada em seu caminho. Apenas o calor, é claro, mas nenhuma névoa, dourada ou cinzenta, o limitava. Além disso, um plano estava tomando forma. Conhecendo muito bem seus limites como fazendeiro — na verdade o tédio do confinamento e da rotina —, ele achara o comércio mais a seu gosto. Agora, brincava com a ideia de um empreendimento ainda mais satisfatório. E o plano era doce como o açúcar que tinha por base. E havia uma profunda diferença entre a intimidade de corpos escravos na Jublio e a força de trabalho distante em Barbados. Certo? Certo, pensou, olhando um céu vulgar de tantas estrelas. Claro e certo. A prata que brilhava ali não era nem um pouco inatingível. E aquele creme derramado entre as estrelas era para seu gosto.

O calor ainda se mostrava opressivo, seu parceiro de cama superagitado, mas ele dormiu muito bem. Provavelmente porque sonhou com uma casa grandiosa de muitos quartos, erguida numa encosta acima da névoa.

Depois de você ir embora sem despedida, o verão passa, depois o outono, e com o fim do inverno a doença volta. Não como antes com Sorrow, mas agora com o Patrão. Quando ele volta dessa vez está diferente, lento e difícil de agradar. É seco com a Patroa. Ele sua e quer cidra o tempo todo e ninguém acredita que as bolhas vão ser a doença velha de Sorrow. Ele vomita de noite e xinga de dia. Depois fica fraco demais para uma coisa e outra. Ele lembra para a gente que escolheu trabalhar, inclusive eu, que sobreviveu à varíola, então como isso está acontecendo com ele? Ele não consegue deixar de ter inveja da nossa saúde e sentir o engano da casa nova. Posso dizer para você que, mesmo com ela ainda não acabada, o seu trabalho com ferro é uma maravilha de se ver. As cobras brilhantes ainda se beijam na coroa do portão. A casa é poderosa, à espera só de um vidraceiro. O Patrão quer que levem ele lá mesmo sem mobília. Diz para a Patroa depressa depressa não ligue para a chuva de primavera caindo há

dias. A doença mexe com a cabeça dele e com a cara também. Will e Scully já foram embora e quando nós mulheres cada uma segurando uma ponta do lençol levamos o Patrão pela casa ele está dormindo com a boca aberta e não acorda nunca. Nem a Patroa nem nós sabemos se ele está vivo por um minuto que seja para sentir o cheiro do piso de cerejeira novo onde ele está deitado. Estamos sozinhas. Ninguém para amortilhar ou chorar o Patrão além da gente. Will e Scully têm de se esconder para cavar o túmulo. Mandaram eles ficarem longe. Não acho que eles queiram. Acho que o Patrão deles mandou, por causa da doença. O diácono não vem mesmo sendo um amigo que gosta de Sorrow. Nem ninguém da congregação. Mesmo assim a gente não fala a palavra em voz alta até enterrar ele do lado dos filhos e a Patroa percebe duas na sua boca. É a única vez que a gente cochicha. Varíola. Depois que a gente fala isso na manhã seguinte, as duas na língua dela encontram mais vinte e três na cara dela. Vinte e cinco ao todo. Ela quer você aqui tanto quanto eu. Para ela é para salvar a vida dela. Para mim é para ter uma.

Você não deve nem desconfiar como ficam suas costas esteja o céu como estiver: sol, luar. Eu descanso nelas. Minha mão, meus olhos, minha boca. A primeira vez que eu vejo isso você está atijando o fogo com o fole. O brilho de água corre nas suas costas e eu sinto um choque em mim mesma querendo lamber ali. Corro para o estábulo para fazer essa coisa parar de acontecer dentro de mim. Nada segura essa coisa. Só existe você. Nada além de você. Meus olhos não meu estômago são a parte de mim que sente fome. Nunca é demais olhar você se mexendo. Seu braço que sobe para bater o ferro. Você apoia num joelho. Se curva. Para e põe água primeiro no ferro depois garganta abaixo. Antes de você saber que eu estou no mundo já morro por sua causa. Minha boca aberta, minhas pernas tão moles e o coração se esticando até quebrar.

A noite vem e eu roubo uma vela. Levo uma brasa numa panela para acender. Para ver mais você. Quando está acesa protejo a chama com a minha mão. Olho você dormindo. Olho muito tempo. Nem me cuido. A chama queima minha mão. Acho que se você acordar e me encontrar vendo você eu morro. Fujo sem saber na hora que você está me vendo ver você. E quando afinal nossos olhos se tocam eu não estou morta. Pela primeira vez eu estou viva.

Lina se retorcendo feito salmão no anzol espera comigo na aldeia. A carroça dos irmãos Ney não chega. Horas nós ficamos então sentadas na beira da estrada. Um menino e um cachorro tocam cabritos na nossa frente. Ele levanta o chapéu. É a primeira vez que um homem faz isso para mim. Eu gosto. Um bom sinal eu acho, mas Lina está me falando de muitas coisas, falando que se você não estiver no seu lugar eu não posso demorar. Tenho de voltar na mesma hora. Não sei controlar um cavalo, então tenho de procurar voltar na carroça do dia

seguinte, aquela que leva leite fresco e ovos para o mercado. Umas pessoas passam e olham mas não falam nada. Somos mulheres, então elas não têm medo. Sabem quem é Lina, mas mesmo assim fingem que somos estranhas. Esperamos mais e tanto que eu não guardo o meu pão com bacalhau. Como todo o bacalhau. Lina segura a testa na mão, cotovelo no joelho. Ela passa uma sensação ruim então fico com o pensamento no chapéu do pastor de cabras.

O vento é frio e tem cheiro de neve. Finalmente a carroça chega. Eu subo. O cocheiro me ajuda, apoia a mão dura e muito tempo nas minhas partes de trás. Sinto vergonha. Somos sete, além dos irmãos Ney, e os cavalos não são os únicos que ficaram nervosos com flocos de neve na primavera. Eles tremem os quartos, sacodem a crina. Estamos nervosos também, mas sentamos quietos enquanto os flocos caem e grudam nos xales e chapéus, açúcarando os cílios e florindo de algodão as barbas dos homens. Duas mulheres de cara para o vento que bate no cabelo delas como cabelo de milho, os olhos delas frestas de brilho. A outra cobre a boca com o xale e encosta num homem. Um menino com um rabo-de-cavalo amarelo está sentado no chão da carroça, as mãos amarradas nos tornozelos. Ele e eu somos os únicos sem tapete ou cobertor em cima dos pés.

Neve inesperada em folhas tenras é bonito. Talvez dure no chão o bastante para facilitar seguir a trilha dos bichos. Os homens sempre ficam contentes com a neve porque a caça é melhor. O Patrão diz que ninguém morre de fome se tem neve. Nem na primavera, porque mesmo antes de as frutas saírem e as verduras estarem prontas para comer o rio está cheio de filhotes e o ar cheio de aves. Mas essa neve não vai durar, mesmo assim pesada, molhada e grossa. Puxo os pés para debaixo da saia, não pelo calor, mas para proteger a carta. O pano de pão eu levo no colo.

A Patroa me faz decorar o jeito de chegar a você. Tenho de tomar a carroça dos irmãos Ney de manhã quando ela vai para o norte na estrada postal. Depois de uma parada numa taverna a carroça vai chegar num lugar que ela chama de Hartkill logo depois do meio-dia, onde eu desembarco. Tenho de andar à esquerda, para oeste na trilha Abenaki que eu vou saber qual é por causa da muda torta na terra com um broto subindo para o céu. Mas a carroça dos irmãos Ney está muito atrasada. Quando eu subo a bordo e sento no meu lugar nos fundos atrás dos outros já é o fim da tarde. Os outros não perguntam para onde eu vou, mas depois de um tempo estão gostando de cochichar de onde moram antes. Perto do mar, as mulheres dizem, eles limpando navios, os homens calafetando navios e consertando as docas. Elas têm certeza que os anos que devem acabaram, mas o Patrão diz que não. Ele manda elas para o Norte, para outro lugar, um curtume, para mais anos. Eu não entendo por que elas estão tristes. Todo mundo tem de trabalhar. Pergunto estão deixando alguém querido

para trás? As cabeças todas viram para mim e o vento para. Maluca, um homem diz. Uma mulher na minha frente diz: jovem. O homem diz: mesma coisa. Outra mulher levanta a voz e diz deixem ela em paz. Alto demais. Fique lá no fundo, o cocheiro está berrando. O que diz que eu sou maluca se abaixa para coçar o tornozelo, coça muito tempo enquanto os outros tossem e raspam os sapatos como se para desafiar a ordem do cocheiro. Uma mulher do meu lado cochicha, não tem caixão num curtume, só a morte rápida no ácido.

A taverna precisa de luz acesa quando a gente chega. Primeiro eu não vejo ela, mas um de nós aponta e então todo mundo vê. Uma luz piscando no meio das árvores. Os Ney entram. A gente espera. Saem com água para os cavalos e para nós e entram de novo. Depois disso barulho raspado de novo. Olho para baixo e vejo a corda que cai dos tornozelos deles enrolada no fundo da carroça. A neve para e o sol some. Quietos, quietos seis descem, os homens carregando as mulheres nos braços. O menino salta sozinho. As três mulheres apontam para mim. Meu coração revira e eu desço também. Eles vão para o lado de onde a gente vem, andando do melhor jeito que dá ao abrigo das árvores na beira da estrada, lugares onde a neve é pouca. Eu não vou atrás. Também não posso ficar na carroça. Tenho uma pedra fria no meu peito. Não preciso de Lina para me avisar que não devo ficar sozinha com homens estranhos de mãos demoradas quando na bebida e na raiva eles descobrem que a carga se perdeu. Tenho de escolher depressa. Escolho você. Vou para oeste pelas árvores. Tudo que eu quero é oeste. Você. Sua fala. O remédio que você conhece que vai curar a Patroa. Você vai ouvir o que eu tenho para dizer e vai voltar comigo. Só tenho de ir para oeste. Um dia? Duas noites?

Estou andando pelo meio de nogueiras na beira da estrada. Algumas já mostrando folha prendem a respiração até a neve derreter. As bobas deixam os botões caírem no chão como ervilhas secas. Estou indo para o norte onde a muda entorta dentro da terra com um broto que aponta para o céu. Depois oeste até você. Vou depressa para ganhar terreno antes que a luz toda se acabe. A terra desce bastante e não tenho outro jeito senão descer também. Por mais que eu tente perco a estrada. As folhas das árvores são muito novas para proteger, então em toda parte o chão está encharcado de neve e minhas pegadas escorregam e empoçam. O céu está cor de groselha. Consigo ir mais?, me pergunto. Devo? Duas lebres ficam paralisadas antes de sair correndo. Não sei como entender isso. Escuto água correndo e sigo no escuro para o som. O luar é novo. Estico um braço na frente e sigo devagar para não tropeçar e cair. Mas o som é de pinheiros pingando e não tem nenhum riacho nem regato. Faço a mão em concha para pegar um pouco de neve caída e engolir. Não escuto as patas nem vejo nenhum vulto. É o cheiro de pelo molhado que me faz parar. Se estou sentindo o

cheiro, estão sentindo meu cheiro, porque não tem mais nada com cheiro no meu pano de comida, só pão. Não sei dizer se é maior do que eu ou menor ou se está sozinho. Decido ficar imóvel. Não escuto ele ir embora, mas o cheiro desaparece afinal. Acho melhor subir numa árvore. Os pinheiros velhos são muito grandes. Qualquer um é boa cobertura mesmo que me rasgue e brigue comigo. Os galhos balançam, mas não quebram com meu peso. Me escondo de tudo o que rasteja e anda de quatro. Sei que o sono não vai tomar conta de mim porque tenho muito medo. Os galhos rangem e curvam. Meu plano para essa noite não é bom. Preciso de Lina para dizer como se abrigar no sertão.

Lina não se impressionou com o clima festivo, a agitada satisfação de todos os envolvidos e se recusou a entrar ou chegar perto dela. Aquela terceira casa e era de se esperar última que o Patrão insistiu em construir distorcia a luz do sol e exigiu a morte de cinquenta árvores. E agora tendo morrido nela ele vai assombrar essas salas para sempre. A primeira casa que o Patrão construiu — piso de terra, madeira verde — era mais fraca que a casa coberta de casca de árvore em que ela nasceu. A segunda era forte. Ele desmanchou a primeira para colocar pisos de madeira na segunda com quatro quartos, uma lareira decente e janelas com venezianas que fechavam bem. Não havia necessidade de uma terceira. Porém bem no momento em que não havia filhos para ocupar nem para herdar a casa, ele quis construir outra, maior, de dois andares, cercada e com portões igual a uma que ele viu nas viagens. A Patroa tinha suspirado e segredado a Lina que ao menos fazer a casa ia mantê-lo mais na terra.

“Comércio e viagem enchem os bolsos dele”, ela dissera, “mas ele se contentava em ser fazendeiro quando nós casamos. Agora...” Sua voz se calou enquanto arrancava as penas do cisne.

Durante sua construção, porém, a Patroa não conseguia esconder o sorriso do rosto. Como todo mundo, Willard, Scully, operários contratados, entregadores, ela estava feliz cozinhando como se fosse tempo de colheita. A idiota da Sorrow de boca aberta de prazer; o ferreiro rindo; Florens distraída como feno ao vento. E o Patrão — ela nunca o tinha visto de melhor humor. Nem com o nascimento dos seus filhos condenados, nem com o prazer de sua filha, nem mesmo com um arranjo de negócios especialmente bem-sucedido de que ele se gabava. Não foi uma mudança súbita, mas foi profunda. Os últimos anos ele parecia enferrusado, menos gentil, mas quando resolveu matar as árvores e no lugar delas fazer um monumento profano a si mesmo, ele se pôs contente cada momento do dia.

Matar árvores nessa quantidade, sem pedir a permissão delas, claro que o esforço dele ia atrair má sorte. Claro, quando a casa estava perto de ficar pronta ele caiu doente sem mais nada na cabeça. Ele intrigava Lina. Todos os europas intrigavam. Houve tempo que a aterrorizavam, depois a resgataram. Agora simplesmente a intrigavam. Por que, ela se perguntava, a Patroa tinha mandado uma moça perturbada de amor procurar o ferreiro? Por que não engolir o orgulho e procurar um dos anabatistas? O diácono estaria mais que disposto. A pobre Florens, pensou Lina. Se não for roubada nem assassinada, se encontrar com ele com certeza não volta. Por que voltaria? Lina tinha observado primeiro com leve divertimento, depois com crescente preocupação, a corte que começara na manhã em que o ferreiro viera trabalhar na casa boba do Patrão. Florens tinha ficado imóvel, uma corça assustada, quando ele desmontou do cavalo, tirou o chapéu e perguntou se aquela era a casa Vaark. Lina mudara o balde de leite para a mão esquerda e apontara morro acima. A Patroa, puxando a novilha, tinha virado no canto do barracão e perguntado o que ele queria, aspirado o ar pelos dentes quando ele respondeu.

“Meu Deus”, ela murmurou e, esticando o lábio inferior, soprara o cabelo da testa. Então: “Espere aqui um momento”.

Quando a Patroa levou a vaca para o pasto o ferreiro travou os olhos com Lina antes de voltar o chapéu para a cabeça. Ele não olhou nem uma vez para Florens parada ali perto, sem respirar, segurando o banquinho de ordenha com as mãos como se quisesse ajudar a gravidade a mantê-la presa na terra. Ela devia ter entendido naquela hora quais seriam as consequências, mas tinha certeza de que Sorrow, sempre uma colheita fácil, logo chamaria a atenção dele e frustraria o deslumbramento de Florens. Ao descobrir com a Patroa que ele era um homem

livre, duplicou-se sua ansiedade. Ele tinha direito, então, e privilégios, como o Patrão. Ele podia casar, possuir coisas, viajar, vender seu próprio trabalho. Ela devia ter percebido o perigo de imediato porque a arrogância dele era clara. Quando a Patroa voltou, esfregando as mãos no avental, ele tirou o chapéu de novo e fez uma coisa que Lina nunca tinha visto um africano fazer: olhou diretamente para a Patroa, baixando os olhos porque era muito alto, sem piscar aqueles olhos amendoados e amarelos como de um carneiro. Então não era verdade o que ela tinha ouvido dizer; que para eles só crianças e os entes queridos podiam ser olhados no olho; para todos os outros era desrespeito ou uma ameaça. Na cidade para onde Lina fora levada, depois que a conflagração arrasou sua aldeia, esse tipo de ousadia em qualquer africano era razão legítima para um chicote. Um quebra-cabeça sem solução. Os europas podiam calmamente cortar mãos, explodir velhos no rosto com mosquetes mais barulhentos que grito de alce, mas ficavam enfurecidos se um não europa olhava um europa no olho. Por outro lado eles incendiavam sua casa; no outro dia alimentavam, tratavam e abençoavam você. Melhor julgar eles um por vez, comprovar que um ao menos podia ficar seu amigo, razão por que ela dormia no chão ao lado da cama da Patroa e vigiava no caso de Sorrow chegar perto ou a Patroa precisar de alguma coisa.

Uma vez, muito tempo atrás, se Lina fosse mais velha ou iniciada na cura, podia ter minorado a dor de sua família e de todos que morriam em torno dela: em esteiras de junco, enrolados na beira do lago, encolhidos em trilhas dentro da aldeia e na floresta adiante, mas a maioria rasgando as cobertas que não conseguiam nem usar nem abandonar. Os bebês silenciavam primeiro, e mesmo ao amontoarem terra sobre seus ossos, suas mães também estavam vertendo suor e moles como cabelo de milho. De início eles espantaram os corvos, ela e dois menininhos, mas não eram páreo para os pássaros nem para o cheiro, e quando os lobos chegaram os três escalaram uma faia o mais alto que puderam. Ficaram lá a noite inteira ouvindo os lobos roerem, ladrarem, rosnarem, lutarem e, pior de tudo, o silêncio de animais saciados enfim. Ao amanhecer nenhum deles ousou dar um nome aos pedaços arrastados para longe de um corpo ou abandonados aos insetos. Ao meio-dia, bem quando resolveram dar uma corrida até uma das canoas atracadas no lago, chegaram homens de fardas azuis, os rostos embrulhados em trapos. A notícia das mortes que varrera sua aldeia tinha se espalhado. A alegria de Lina pelo resgate desmoronou quando os soldados, depois de ver os corvos e abutres se alimentando dos corpos espalhados, mataram os lobos a tiros e depois circundaram de fogo a aldeia. Enquanto a carniça queimava ela hesitava entre ficar escondida e arriscar levar um tiro também. Mas os meninos gritaram nos galhos até que os homens ouviram e os

carregaram no colo quando saltaram, dizendo “*Calme, mes petits. Calme*”. Se temiam que os pequenos sobreviventes fossem infectá-los, eles preferiram ignorar isso, sendo verdadeiros soldados, avessos a exterminar crianças pequenas.

Ela nunca soube para onde levaram os meninos, mas ela foi levada para viver entre bondosos presbiterianos. Ficaram satisfeitos de recebê-la, disseram, porque admiravam as mulheres nativas que, disseram, trabalhavam tão duro quanto eles, mas desprezavam os homens nativos que simplesmente pescavam e caçavam como a fidalguia, o dia inteiro. Fidalguia empobrecida, isso sim, uma vez que não possuíam nada, certamente não a terra onde dormiam, preferindo viver como pobres com títulos. E como os anciãos da igreja tinham ouvido histórias terríveis, ou testemunhado eles mesmos a ira de Deus contra os ociosos e profanos — lançando morte negra seguida de fogo ardente sobre a cidade orgulhosa e blasfema de seu nascimento —, eles só podiam rezar para que o povo de Lina tivesse entendido antes de morrer que o que se abatera sobre eles era apenas o primeiro sinal de Seu desagrado: o verter de um dos sete frascos, o último dos quais anunciaria a Sua chegada e o nascimento da nova Jerusalém. Eles a batizaram de Messalina, por precaução, mas abreviaram para Lina para demonstrar um vestígio de esperança. Temendo mais uma vez perder o abrigo, aterrorizada de ficar sozinha no mundo sem família, Lina admitiu seu status de pagã e deixou-se purificar por esses justos. Aprendeu que tomar banho nua no rio era pecado; que apanhar cerejas de uma árvore carregada era roubo; que comer papa de milho com os dedos era perverso. Que Deus odiava a preguiça acima de tudo, de forma que ficar olhando o vazio a chorar por uma mãe ou um companheiro era namorar a danação. Cobrir-se com peles de animais ofendia a Deus, então queimaram seu vestido de couro de veado e deram-lhe um bom vestido de pano grosso. Cortaram as contas de seus braços e apararam centímetros de seu cabelo. Embora não permitissem que ela os acompanhasse a nenhuma das duas cerimônias religiosas que frequentavam aos domingos, ela fazia parte das orações diárias antes do café da manhã, no meio da manhã e à noite. Mas nem a entrega, a súplica o implorar ou o louvar de joelhos surtiu efeito porque, por mais que tentasse, a parte Messalina irrompia mesmo assim e os presbiterianos a abandonaram sem nem mesmo um murmúrio de despedida.

Foi algum tempo depois, enquanto varria com uma vassoura de ramos o chão de terra batida do Patrão, com cuidado para evitar a galinha aninhada no canto, sozinha, zangada e ameaçadora, que ela resolveu fortificar-se costurando retalhos do que sua mãe havia lhe ensinado antes de morrer em agonia. Contando com a memória e seus próprios recursos, ela emendou ritos esquecidos, misturou medicina europa com nativa, escritura com lendas, e

lembrou ou inventou o significado oculto de coisas. Encontrou, em outras palavras, um jeito de estar no mundo. Não havia consolo nem lugar para ela na aldeia; o Patrão estava e não estava. A solidão a teria esmagado se ela não tivesse contado com habilidades de ermitão e se transformado em uma coisa a mais a se mover no mundo natural. Ela crocitava com os pássaros, conversava com as plantas, falava com esquilos, cantava para a vaca e abria a boca para a chuva. A vergonha por ter sobrevivido à destruição de suas famílias diminuiu com seu voto de nunca trair nem abandonar ninguém que estimasse. As lembranças de sua aldeia povoada por mortos aos poucos viraram cinzas e em seu lugar brotou uma única imagem. Fogo. Que rápido. Com que determinação ele devorava o que tinha sido construído, o que tinha sido vida. Limpando de alguma forma e de uma beleza escandalosa. Mesmo diante de uma simples lareira ou atizando a chama para ferver água, ela sentia uma doce pontada de agitação.

À espera da chegada de uma esposa, o Patrão era um furacão de atividade batalhando para pôr a natureza sob seu controle. Mais de uma vez quando Lina levou sua comida a qualquer campo ou lote de madeira onde ele estivesse trabalhando, encontrou-o com a cabeça jogada para trás, olhando o céu como se assombrado de desespero pela recusa da terra em obedecer a sua vontade. Juntos eles cuidavam das aves e das matrizes do rebanho; plantavam milho e verduras. Mas foi ela que o ensinou a secar o peixe que pescavam; como prever a desova e como proteger a colheita das criaturas noturnas. Porém nenhum deles sabia o que fazer com catorze dias de chuva ou cinquenta e cinco sem nenhuma. Ficavam indefesos quando cortinas de moscas negras desciam, estropiando o gado, os cavalos e forçando-os a se refugiar dentro de casa. Lina não sabia muita coisa, mas sabia, sim, como ele era mau fazendeiro. Ela ao menos era capaz de distinguir erva daninha de muda de planta. Sem paciência, que é o sangue da agricultura, e relutando em buscar conselho com aldeões vizinhos, ele estava sempre despreparado para as violentas, zombeteiras mudanças de tempo e para o fato de que os predadores comuns não sabiam nem se importavam a quem pertencia sua presa. Ele ignorou os avisos dela sobre usar peixe como fertilizante e como consequência viu sua plantação de vegetais macios arrasada por forrageiros atraídos pelo cheiro. Ele também não plantava abóbora no meio do milho. Mesmo admitindo que os pés de abóbora impediam as ervas daninhas, ele não gostava do aspecto de desordem. Porém era bom com animais e para construir coisas.

Era uma vida sem compensações. A menos que o tempo estivesse perigoso, ela se acomodava com as galinhas, até que, pouco antes de a esposa chegar, ele ergueu um estábulo em um dia. Durante toda essa época Lina deve ter dito umas

cinquenta palavras além de “Sim, senhor”. Solidão, pesar e fúria a teriam alquebrado se ela não tivesse apagado aqueles seis anos anteriores à morte do mundo. A companhia de outras crianças, mães industriosas com belas joias, o plano majestoso da vida: quando limpar, colher, queimar, caçar; cerimônias de morte, nascimento e culto. Ela selecionou e guardou o que ousava lembrar e eliminou o resto, uma atividade que lhe deu forma por dentro e por fora. Quando a Patroa chegou, sua autoinvenção estava quase aperfeiçoada. Logo seria irresistível.

Lina colocava pedregulhos mágicos debaixo do travesseiro da Patroa; mantinha o quarto fresco com hortelã e enfiava raiz de angélica na boca fétida de sua paciente para puxar para fora os maus espíritos de seu corpo. Preparou o remédio mais potente que conhecia: mordida-do-diabo, artemísia, erva-de-são-joão, avenca cabelo-de-anjo e congorsa; ferveu, coou e deu de colher entre os lábios da Patroa. Pensou na possibilidade de repetir algumas orações que aprendera com os presbiterianos, mas como nenhuma delas tinha salvado o Patrão, achou melhor não. Ele foi embora depressa. Gritando com a Patroa. Depois sussurrando, implorando ser levado para sua terceira casa. A grande, inútil, agora que não havia filhos nem netos para viver nela. Ninguém para olhar assombrado seu tamanho ou admirar o portão sinistro que o ferreiro levou dois meses para fazer. Duas cobras de cobre se encontravam no alto. Quando as separaram para o último desejo do Patrão, Lina sentiu que estava entrando no mundo dos condenados. Mas se o trabalho do ferreiro era uma frívola perda de tempo de um homem adulto, a presença dele não era. Ele fez de uma menina uma mulher e salvou a vida de outra. Sorrow. Sorrow de olhos de megera e dentes pretos, a cabeça uma lã nunca penteada cor do pôr do sol. Aceita, não comprada, pelo Patrão, ela se juntou à criadagem depois de Lina, mas antes de Florens e ainda não tinha lembranças de sua vida passada senão a de ser arrastada para a terra por baleias.

“Baleias, não”, dissera a Patroa. “Com certeza não. Ela estava se debatendo no rio North em terra Mohawk, meio afogada, quando dois serradores jovens pescaram ela para a margem. Jogaram um lençol em cima e trouxeram o pai dela até a margem onde ela estava caída. O que se disse foi que estava morando sozinha num navio encalhado. Acharam que ela era um menino.”

Nem na hora, nem nunca ela contou como tinha ido parar lá ou onde tinha andado. A mulher do serrador deu para ela o nome de Sorrow, com boa razão, pensou Lina, e depois de um inverno de alimentação a moça maluca que vivia se perdendo, que não sabia de coisa nenhuma e trabalhava muito pouco, uma estranha moça melancólica em quem seus filhos estavam prestando muita atenção, a mulher do serrador pediu que o marido se livrasse dela. Ele concordou

e ofereceu a moça aos cuidados de um cliente que confiava não fosse lhe fazer nenhum mal. O Patrão. Quando Sorrow chegou, seguindo o cavalo do Patrão, a Patroa mal escondeu o aborrecimento, mas concordou que o lugar precisava de ajuda. Se o Patrão era chegado a viagens, duas camponesas mulheres e uma filha de quatro anos não bastavam. Lina era uma menina alta de catorze anos quando o Patrão a trouxe dos presbiterianos. Ele tinha procurado nos anúncios colocados na gráfica da cidade. Mulher capaz que teve varíola e sarampo... Negro capaz de cerca de nove anos... Moça ou mulher capacitada na cozinha, sensata, fala bom inglês, cor entre amarelo e preto... Cinco anos a serviço de mulher branca, entende trabalho do campo, com um filho com mais de dois anos... Homem mulato, muito marcado de varíola, honesto e sóbrio... Rapaz branco capacitado para servir... Procura-se criado capaz de conduzir carroça, branco ou preto... Mulher sóbria e prudente que... Criada saudável, branca, vinte e nove anos, grávida... Mulher holandesa saudável... sólido saudável, saudável forte, forte saudável capaz sóbrio sóbrio sóbrio..." até que chegou em "Moça forte, cristianizada e capaz em todo trabalho doméstico disponível em troca de bens ou espécie".

Solteiro à espera de uma esposa nova, ele precisava exatamente desse tipo de mulher em sua terra. A essa altura, o olho inchado de Lina tinha abrandado e os cortes de chicote no rosto, braços e pernas haviam sarado, mal eram perceptíveis. Os presbiterianos, lembrando talvez da antevisão que tiveram ao lhe darem aquele nome, nunca perguntaram o que acontecera com ela, e não havia por que contar a eles. Ela não tinha nenhuma situação legal, nem sobrenome, e ninguém aceitaria sua palavra contra um europa. O que eles fizeram foi consultar o gráfico sobre as palavras do anúncio. "Moça forte..."

Quando a esposa europa desceu da carroça, a hostilidade entre elas foi instantânea. A saúde e a beleza da moça jovem já encarregada incomodaram a esposa nova; enquanto a pretensão a autoridade da moça europa esquisita deixou Lina furiosa. Porém a animosidade, absolutamente inútil no sertão, morreu no útero. Mesmo antes de Lina fazer o parto do primeiro filho da Patroa, nenhuma das duas conseguiu manter a frieza. A disputa fraudulenta não valia nada numa terra tão exigente. Além disso elas eram companhia uma para a outra e aos poucos descobriram uma coisa muito mais interessante do que status. Rebekka ria alto dos próprios erros; não tinha vergonha de pedir ajuda. Lina batia na testa quando esquecia as frutas apodrecendo na palha. Ficaram amigas. Não só porque alguém tinha de puxar o ferrão da picada de vespa do braço da outra. Não só porque era preciso duas para empurrar a vaca para longe da cerca. Não só porque uma tinha de segurar a cabeça enquanto a outra amarrava as patas. Principalmente porque nenhuma sabia exatamente o que estava fazendo ou

como. Juntas, por tentativa e erro elas aprenderam: o que mantinha as raposas à distância; como e quando manejar e espalhar esterco; a diferença entre letal e comestível e o gosto doce do capim rabo-de-gato; os traços de porco com sarampo; o que deixava o cocô do bebê líquido e o que deixava duro de doer. Para sua Patroa, o trabalho agrícola era mais aventura do que sacrifício. Mas também, pensava Lina, ela possuía o Patrão que lhe agradava mais e mais e logo uma filha, Patrician, duas coisas que abafavam a tristeza pelos bebês de vida tão curta. Lina fez o parto e enterrou a cada ano seguido. Quando o Patrão trouxe Sorrow para casa, as mulheres residentes eram uma frente unida no desânimo. Para a Patroa ela era inútil. Para Lina era a má sorte em pessoa. Cabelo vermelho, dentes pretos, erupções recorrentes no pescoço e um olhar naqueles olhos cinza-prata muito cheios de cílios que fazia os cabelos da nuca de Lina se arrepiarem.

Ela olhou enquanto a Patroa treinava Sorrow a costurar, única tarefa de que ela gostava e que fazia bem, e não disse nada quando, para deter a perambulação dela, disse ele, o Patrão fez a moça dormir junto à lareira em todas as estações. Um conforto de que Lina desconfiava mas que não invejava nem no tempo ruim. Seu povo tinha construído cidades protegidas durante mil anos e, a não ser pela marcha mortal dos europas, podiam continuar construindo por mais mil. Acontece que o chefe da tribo estava completamente errado. Os europas nem fugiram nem morreram. Na verdade, disseram as velhas encarregadas das crianças, ele tinha se desculpado por seu erro na profecia e admitiram que por muitos que tivessem morrido de ignorância ou doença mais sempre viriam. Viriam com idiomas que pareciam latidos de cachorro; com uma fome infantil por peles de animais. Para sempre cercariam terra, embarcariam árvores inteiras para países distantes, tomariam qualquer mulher para um prazer rápido, arruinariam o solo, profanariam lugares sagrados e adorariam um deus sem graça e nada imaginativo. Deixam seus porcos pastar nas costas do mar, transformando tudo em dunas de areia onde nada verde pode jamais brotar de novo. Seccionados da alma da terra, eles insistiam na compra de seu solo, e como todos os órfãos eram insaciáveis. Era seu destino mastigar o mundo e cuspir um horror que destruiria todos os povos primordiais. Lina não tinha tanta certeza. Com base no jeito do Patrão e da Patroa tocarem a fazenda, ela sabia que eles eram exceções à profecia revisada do chefe da tribo. Eles pareciam saber a distinção entre terra e propriedade, cercavam seu gado, embora seus vizinhos não cercassem e embora fosse legal fazer isso, hesitavam em matar porcos forrageiros. Eles esperavam viver da agricultura mais do que devorar a terra com rebanhos, medidas que mantinham baixas suas rendas. Então embora confiasse mais ou menos no juízo do Patrão e da Patroa, Lina não confiava em seus

instintos. Se tivessem verdadeira visão, jamais manteriam Sorrow tão próxima.

Difícil companhia era ela, a exigir constante atenção, como naquele mesmo amanhecer em que, por necessidade, ela fora encarregada da ordenha. Como o fato de estar grávida atrapalhava com o banquinho, ela manipulava errado a teta e, Sorrow contou, a vaca tinha dado um coice. Lina deixou o quarto da doente para cuidar da novilha — falar com ela primeiro, cantarolar um pouco, depois aninhar devagar as tetas macias com creme na palma da mão. Os jorros eram esporádicos, inúteis, a não ser para alívio da vaca e depois de untá-la até estar confortável, Lina voltou depressa para dentro da casa. Nada de bom podia resultar de deixar a Patroa sozinha com Sorrow e agora que a barriga dela estava baixa com a criança, ela era ainda menos confiável. Nos melhores momentos, a moça arrastava a miséria como uma cauda. Na aldeia de Lina havia um homem assim. O nome dele ela esquecera junto com o resto de sua língua, mas queria dizer “árvores caem atrás dele”, sugerindo sua influência sobre os arredores. Na presença de Sorrow os ovos não permitiam ser batidos em neve nem a manteiga deixava mais leve a massa do bolo. Lina tinha certeza de que a morte prematura dos filhos da Patroa podia ser creditada à praga natural que era Sorrow. Depois da morte do segundo bebê, Lina sentiu-se obrigada a informar sua senhora do perigo. Estavam fazendo recheio de torta para aprontar para a volta do Patrão. Os pés de porco que tinham fervido desde manhã estavam frios já. Os ossos cortados deles, em cima da mesa, à espera da adição de gordura e cartilagem para cozinhar.

“Tem gente que faz o mal de propósito”, disse Lina. “Outras não conseguem evitar o mal que fazem.”

A Patroa levantou os olhos para ela. “O que você está dizendo?”

“Seu filho, John Jacob. Ele morreu depois que Sorrow chegou.”

“Quieta, Lina. Não alimente tristeza antiga. Meu bebê morreu de febre.”

“Mas Patrician ficou doente também e não...”

“Eu disse quieta. Ele ter morrido nos meus braços já foi o suficiente, não precisa acrescentar mais nenhuma besteira selvagem.” Ela continuou descrevendo toda a fragilidade do bebê durante a dentição, a voz severa enquanto cortavam a carne depois misturavam as passas, as fatias de maçã, o gengibre, o açúcar, o sal. Lina puxou um grande pote para mais perto e as duas colocaram colheradas da mistura dentro dele. Depois Lina encheu o pote até a boca com conhaque e selou. Quatro semanas ou mais lá fora, e estaria pronto para uma torta no Natal. Enquanto isso, a Patroa pôs o miolo e o coração de um novilho dentro de uma panela de água fervendo com temperos. Um jantar desses, frito na manteiga e guarnecido com fatias de ovo, seria um banquete.

Ora, além de não merecer confiança, além de sair vagando a falar com a relva

e as trepadeiras, Sorrow estava grávida e logo haveria outro nascimento virgem e, talvez, infelizmente, esse não morresse. Mas e se a Patroa morresse, e aí? A quem recorreriam? Embora os batistas um dia tivessem ajudado gratuitamente o Patrão a construir a segunda casa, os anexos, e se juntado alegremente a ele para derrubar pinheiros para a cerca, tinha havido um esfriamento entre eles e sua família. Em parte porque a Patroa odiava os batistas por terem trancado seus filhos para fora do céu, mas também, achava Lina, porque a espreita de Sorrow os assustava. Anos atrás, os batistas podiam trazer um par de salmões ou oferecer um berço que não era mais necessário para o bebê da Patroa. E o diácono podia contar com cestos de morangos e mirtilos, todo tipo de noz e, uma vez, um quarto inteiro de veado. Agora, claro, ninguém, batista ou qualquer outra coisa, vinha a uma casa contaminada. Nem Willard nem Scully vinham, coisa que não devia decepcioná-la, mas decepcionava. Os dois eram europas, afinal. Willard estava envelhecendo e ainda trabalhava o seu quinhão. Os sete anos originais se estenderam para vinte e tantos, ele disse, e havia muito deixara de lado quase toda a dissimulação que estava sempre estendendo sua servidão. Os anos de que lembrava com um sorriso tinham a ver com rum; os outros eram tentativas de fugir. Scully, jovem, de ossos finos, com ligeiras cicatrizes a riscar-lhe as costas, tinha planos. Estava terminando o contrato de sua mãe. Verdade, ele não sabia quanto tempo levaria, mas, gabava-se, ao contrário de Willard ou de Lina, sua escravidão terminaria antes da morte. Ele era filho de uma mulher despachada para as colônias por “lascívia e desobediência”, nenhuma das duas, segundo ele, havia se saciado. A morte dela transferira seu contrato para o filho. Então um homem que dizia ser pai de Scully acertou o balanço devido e recuperou certas despesas arrendando o menino ao seu atual senhor por um período que estava para terminar logo, embora Scully não soubesse exatamente quando. Havia um documento legal, ele contara a Lina, que dizia quando. Lina supunha que ele não tinha visto o documento e que não saberia ler se tivesse visto. Tudo o que ela sabia ao certo era que a taxa de liberdade seria generosa o bastante para ele comprar um cavalo ou abrir um negócio. Que negócio?, Lina se perguntava. Se aquele glorioso dia de taxas de liberdade não chegasse logo, ele também, pensou ela, iria fugir e talvez tivesse a sorte negada a Willard. Mais esperto que o homem mais velho, e sóbrio, ele podia se dar bem. Mesmo assim, ela duvidava; achava que os sonhos dele de vender seu trabalho eram apenas isso mesmo. Ela sabia que ele não se recusava a se deitar com Willard quando a ideia não era dormir. Não era de admirar que o Patrão, sem parentes nem filhos com quem contar, não quisesse homens em sua propriedade. Era de bom senso, só quando não era. Como agora com as duas mulheres lamentosas, uma presa ao leite, a outra pesadamente grávida; uma moça apaixonada à solta e ela própria

sem certeza de nada, nem do nascer da lua.

Não morra, Moça. Não. Ela própria, Sorrow, um recém-nascido e talvez Florens — três mulheres sem senhor e um bebê ali sozinhas, sem pertencer a ninguém, tornavam-se presas fáceis para qualquer um. Nenhuma delas podia herdar; nenhuma estava ligada a uma igreja ou registrada em seus livros. Mulheres e ilegais, elas seriam intrusas, invasoras, se ali ficassem quando morresse a Patroa, sujeitas a compra, aluguel, violação, sequestro, exílio. A fazenda podia ser reclamada ou leiloada para os batistas. Lina tinha saboreado seu lugar naquela pequena, apegada família, mas agora via a loucura daquilo. O Patrão e a Patroa achavam que podiam viver vidas honestas de livres-pensadores, mas sem herdeiros todo o trabalho deles importava menos que o ninho de um pardal. Seu afastamento dos outros produziu uma privacidade egoísta e eles tinham perdido o refúgio e a consolação do clã. Batistas, presbiterianos, tribo, exército, família, era preciso alguma coisa externa circundante. Orgulho, pensou ela. Só o orgulho os fez pensar que precisavam apenas de si mesmos, que podiam moldar a vida desse jeito, como Adão e Eva, como deuses de lugar nenhum devedores de nada além da própria criação. Ela devia tê-los alertado, mas sua devoção aconselhava a não ser impertinente. Enquanto o Patrão estava vivo era fácil mascarar a verdade: que não eram uma família — nem mesmo um grupo que pensava igual. Eram órfãos, cada um e todos.

Lina olhou pela vidraça ondulada da minúscula janela um sol namorador despejando luz amarela aos pés da cama da Patroa. Ao longe, do outro lado da trilha, havia uma floresta de faias. Como sempre, ela conversou com as árvores.

“Vocês e eu, esta terra é nosso lar”, sussurrou, “mas ao contrário de vocês eu sou uma exilada aqui.”

A senhora de Lina está resmungando agora, contando a Lina ou a si mesma alguma história, algum assunto de grave importância como mostrava o movimento brusco de seus olhos. O que seria tão vital, Lina se perguntou, a ponto de ela usar uma língua inaproveitável numa boca circundada de feridas? As mãos enfaixadas sobem e acenam. Lina se vira para olhar onde os olhos focalizam. Um baú no qual a Patroa guardava coisas bonitas, presentes do Patrão nunca usados mas estimados. Uma gola de renda, um chapéu que nenhuma mulher decente usaria, a pena de pavão já quebrada pela pressão. Em cima de uns poucos metros de seda há um pequeno espelho com uma moldura trabalhada, a prata manchada e preta.

“Me dê”, disse a Patroa.

Lina pegou o espelho, pensando: não, por favor. Não olhe. Nunca procure seu próprio rosto mesmo quando está bem, para que o reflexo não beba sua alma.

“Depreeessa”, gemeu a Patroa, o tom suplicante como de criança.

Incapaz de desobedecer, Lina o trouxe à senhora. Colocou-o entre as mãos enluvadas, certa agora de que a Patroa vai morrer. E a certeza era uma espécie de morte para ela também, uma vez que sua própria vida, tudo, dependia da sobrevivência da Patroa, que dependia do sucesso de Florens.

Lina tinha se apaixonado por ela imediatamente, assim que a viu tremendo na neve. Uma criança de pescoço comprido, assustada, que não falava havia semanas mas quando falou sua voz leve, melodiosa era adorável de se ouvir. De alguma forma, de algum jeito, a criança aplacou a minúscula porém eterna ânsia de lar que Lina um dia conhecera, onde todo mundo tinha qualquer coisa e ninguém tinha tudo. Talvez sua própria esterilidade atilasse essa devoção. De qualquer modo, queria protegê-la, mantê-la longe da corrupção tão natural a alguém como Sorrow e, mais recentemente, estava decidida a ser uma muralha entre Florens e o ferreiro. Desde que ele viera, havia na menina um apetite que Lina reconhecia como o que tivera um dia. Um desejo choroso além do sentido, sem consciência. O corpo jovem falando em sua única linguagem de sua exclusiva razão para viver na terra. Quando ele chegou — brilhante demais, alto demais, ao mesmo tempo arrogante e hábil —, só Lina viu o perigo, mas não havia com quem reclamar. A Patroa estava boba de felicidade porque seu marido estava em casa e o Patrão se comportava como se o ferreiro fosse seu irmão. Lina tinha visto os dois com a cabeça curvada sobre linhas desenhadas na terra. Outra vez, vira o Patrão fatiar uma maçã verde, a bota esquerda apoiada numa pedra, a boca trabalhando junto com as mãos; o ferreiro balançando a cabeça, olhando intensamente o empregador. Então o Patrão, muito à vontade, pegou uma fatia de maçã com a faca e ofereceu ao ferreiro, que também muito à vontade, pegou-a e pôs na boca. Então Lina entendeu que ela era a única alerta ao colapso que avançava para eles. A única a prever a ruptura, o abalo que um negro livre podia provocar. Ele já havia arruinado Florens, uma vez que ela se recusava a ver que desejava loucamente um homem que não se dera ao trabalho de se despedir dela. Quando Lina tentara esclarecê-la, dizendo: “Você é uma folha na árvore”, Florens sacudira a cabeça, fechara os olhos, replicara: “Não. Eu sou a árvore dele”. Uma mudança de maré que Lina só podia esperar não fosse final.

Florens tinha sido uma versão calada, tímida, da própria Lina no momento de seu próprio deslocamento. Antes da destruição. Antes do pecado. Antes dos homens. Lina pairou sobre Patrician, competindo com a Patroa pelo afeto da menininha, mas aquela ali, chegada na trilha da morte de Patrician, podia ser, seria, sua. E ela seria o oposto da incorrigível Sorrow. Florens já sabia ler, escrever. Já não precisava que dissessem várias vezes para terminar uma tarefa.

Não só ela era solidamente confiável como profundamente grata por qualquer fiapo de afeição, qualquer toque na cabeça, qualquer sorriso de aprovação. Tiveram noites memoráveis, deitadas juntas, em que Florens ouviu com rígido deleite as histórias de Lina. História de homens maus que cortavam a cabeça de esposas devotadas; de cardeais que levavam as almas de crianças boas para um lugar onde o próprio tempo era um bebê. Especialmente solicitadas, eram as histórias de mães lutando para salvar seus filhos de lobos e desastres naturais. De coração quase partido, Lina se lembrava de uma favorita e da conversa sussurrada que vinha sempre em seguida.

Um dia, dizia a história, uma águia botou seus ovos num ninho muito acima e muito além das cobras e quadrúpedes que os caçavam. Seus olhos são negros meia-noite e brilhantes enquanto elas os guarda. Ao tremor de uma folha, ao aroma de qualquer outra vida, sua cara se franze, a cabeça se agita e as penas calmamente se arrepiam. As garras são afiadas em pedra; o bico é como o alfanje de um deus da guerra. Ela é feroz, protege seus nascituros. Mas de uma coisa ela não consegue se defender: dos maus pensamentos do homem. Um dia, um viajante escala uma montanha próxima. Ele para no topo e admira tudo o que vê abaixo de si. O lago turquesa, a cicuta eterna, os estorninhos voando para dentro de nuvens cortadas por arco-íris. O viajante ri da beleza e diz: “Isto é perfeito. Isto é meu”. E a palavra incha, ressoando com um trovão pelos vales, pelas extensões de prímulas e malva. Criaturas saem de cavernas perguntando-se o que aquilo significa. Meu. Meu. Meu. As cascas dos ovos da águia estremecem e um até racha. A águia gira a cabeça em busca da fonte do estranho trovão sem sentido, do som incompreensível. Ao identificar o viajante, ela mergulha para remover com as garras seu riso e seu som antinatural. Mas o viajante, atacado, levanta o cajado e bate na asa dela com toda a força. Gritando, ela cai e cai. Em cima do lago turquesa, além da cicuta eterna, através das nuvens cortadas pelo arco-íris. Gritando, gritando ela é levada pelo ar em vez de pela asa.

Então Florens sussurrava: “Onde ela está agora?”.

“Ainda caindo”, Lina respondia, “caindo para sempre.”

Florens mal respira. “E os ovos?”, pergunta.

“Chocam sozinhos”, diz Lina.

“Sobrevivem?”, o sussurro de Florens é urgente.

“Nós sobrevivemos”, diz Lina.

Florens suspirava então, a cabeça no ombro de Lina, e quando o sono vinha o sorriso da menininha permanecia. Fome de mãe — ser uma ou ter uma —, ambas tremiam com esse desejo que, Lina sabia, permanecia vivo, viajava nos ossos. Florens crescia e aprendia depressa, queria saber mais e teria sido a pessoa perfeita para encontrar o ferreiro se ao menos não estivesse aleijada de

adoração por ele.

Quando a Patroa insistiu em se desarvorar olhando o próprio rosto no espelho, Lina fechou os olhos contra aquele estouvado convite à má sorte e saiu do quarto. Uma pilha de tarefas exigia atenção e, como sempre, não se podia encontrar Sorrow. Grávida ou não, ela podia ao menos ter limpado o esterco das baias. Lina entrou no estábulo e olhou o trenó quebrado onde, no tempo frio, ela e Florens dormiam. Ao ver as teias de aranha penduradas das lâminas para a prancha, Lina suspirou, depois prendeu a respiração. Os sapatos de Florens, os de pele de coelho que tinha feito para ela dez anos antes, estavam embaixo do trenó — solitários, vazios como dois ataúdes pacientes. Abalada, saiu do estábulo e ficou parada na porta. Para onde ir? Não conseguia suportar a autopiedade que levava a Patroa a desafiar espíritos nocivos, então resolveu procurar Sorrow rio abaixo, aonde ela sempre ia para conversar com seu bebê morto.

O rio rebrilhava sob o sol partindo devagar como uma noiva relutante em deixar a festa de casamento. Nada de Sorrow em lugar nenhum, mas Lina sentiu um delicioso cheiro de fogo e foi atrás. Com cuidado, deslocou-se na direção do odor de fumaça. Logo ouviu vozes, várias, cautelosas, deliberadamente baixas. Rastejando uns cem metros na direção do som, ela viu figuras iluminadas por uma pequena fogueira num buraco fundo no chão. Um rapaz e vários adultos acampados no mato debaixo de dois espinheiros. Um homem estava dormindo, outro afiando a faca. Três mulheres, duas europas, pareciam estar removendo os sinais de uma refeição, cascas de noz, sabugos de milho e reembalando outras coisas. Desarmados, provavelmente pacíficos, pensou Lina ao se aproximar. Assim que permitiu ser vista, eles se puseram de pé — todos menos o homem adormecido. Lina os reconheceu da carroça em que Florens havia embarcado. Seu coração disparou. O que aconteceu?

“Noite”, disse o homem.

“Noite”, Lina replicou.

“É sua terra, madame?”, ele perguntou.

“Não. Mas vocês podem ficar.”

“Bom, obrigado. Não vamos demorar.” Ele relaxou, assim como os outros.

“Eu me lembro de você”, disse Lina. “Da carroça. Para Hartkill.”

Houve um longo silêncio enquanto eles pensavam numa resposta.

Lina continuou. “Tinha uma mocinha com vocês. Que eu embarquei.”

“Tinha”, disse o homem.

“O que aconteceu com ela?”

As mulheres balançaram a cabeça e deram de ombros. “Ela desceu da carroça”, disse uma.

Lina pôs a mão embaixo da garganta. “Ela desceu? Por quê?”

“Não sei dizer. Foi para a floresta eu acho.”

“Sozinha?”

“A gente convidou. Ela escolheu não vir. Parecia com pressa.”

“Onde? Onde ela desceu?”

“Mesmo lugar que a gente. Na taverna.”

“Sei”, disse Lina. Não sabia, mas achou melhor não insistir. “Querem alguma coisa? A fazenda é perto.”

“Seria bom, mas não, obrigado. A gente viaja de noite.”

O homem adormecido estava acordado agora, olhando cautelosamente para Lina enquanto os outros pareciam atentos ao rio. Quando terminaram de recolher seus poucos suprimentos, uma das mulheres europas disse aos outros.

“Melhor a gente estar lá. Ele não vai esperar.”

Concordaram sem dizer nada e partiram na direção do rio.

“Boa viagem”, disse Lina.

“Adeus. Deus abençoe.”

Então o primeiro homem virou-se. “A senhora não viu a gente, viu madame?”

“Não. Não vi nada.”

“Muito agradecido”, disse ele e tocou o chapéu.

Ao voltar para a casa, fazendo um esforço para evitar sequer olhar para a casa nova, Lina ficou aliviada de até agora nada de mal ter acontecido com Florens, e mais assustada que nunca que algo pudesse acontecer. Os fugitivos tinham um propósito; Florens tinha outro. Em vez de entrar na casa, Lina foi até a estrada, olhou de ambos os lados, depois levantou a cabeça para farejar o tempo que ia fazer. A primavera, como sempre, era inconstante. Cinco dias antes a chuva que ela havia farejado foi mais demorada e mais dura do que havia muito; uma pancada que achou ter apressado a morte do Patrão. Depois um dia de sol quente, brilhante, que renovou e tingiu as árvores com uma pálida névoa verde. A neve súbita que se seguiu a surpreendeu e alarmou, uma vez que Florens ia viajar nela. Agora, sabendo que Florens tinha seguido em frente, ela tentou descobrir o que o céu, as brisas, estavam reservando. Calma, concluiu; a primavera ainda estava se assentando como estação. Renovada, voltou ao quarto da doente, onde ouviu a Patroa resmungando. Mais autopiedade? Não, nem uma desculpa para o próprio rosto dessa vez. Agora, surpreendentemente, ela estava rezando. Para quem, por quê, Lina não sabia. Ficou ao mesmo tempo perplexa e envergonhada, uma vez que sempre achou a Patroa gentil com o deus cristão, mas indiferente, se não hostil, à religião. Bom, Lina matutou, o leito de morte era um criador primordial, grande transformador de cabeças e colecionador de corações. Qualquer decisão tomada ao respirar nele era tão pouco confiável

quanto feroz. A razão em momentos de crise era rara. Porém, e Florens? Veja só o que ela fez quando as coisas mudaram de repente: escolheu seguir seu próprio rumo uma vez que os outros escapuliram. Correto. Valente. Mas será que ela conseguia? Sozinha? Estava com as botas do Patrão, com a carta, com comida e com uma necessidade desesperada de ver o ferreiro. Mas será que ela volta, com ele, atrás dele, sem ele, ou não volta?

Noite densa sem estrelas em lugar nenhum, mas de repente a lua se mexe. O picar das agulhas é dolorido demais e não dá para descansar nada. Desço e procuro um lugar melhor. Ao luar fico contente de encontrar um tronco oco, mas está fervendo de formigas. Quebro uns gravetos e galhinhos de um pinheiro novo, empilho e engatinho por baixo. As agulhas picam menos e não tem perigo de eu cair. O chão está úmido, frio. Os ratos da noite chegam perto, me farejam e saem correndo. Vigio por causa das cobras que descem das árvores e vêm pelo chão, se bem que Lina disse que elas não preferem morder a gente nem engolir inteira. Fico deitada quieta e tento não pensar em água. Penso é numa outra noite, num outro lugar de chão úmido. Mas é verão agora e o úmido é de orvalho não de neve. Você me contando como faz coisas de ferro. Como você fica feliz de encontrar minério tão perto da superfície da terra. A glória de moldar metal. Seu pai fazendo isso e o pai dele antes dele até lá atrás mil anos. Com fornos em

cupinzeiros. E a gente sabe que os ancestrais aprovam quando aparecem duas corujas no instante mesmo que você diz os nomes deles então você entende que elas estão se mostrando para nos abençoar. Veja, você diz, veja como elas viram a cabeça. Elas aprovam você também, você me diz. Ela me abençoa também?, eu pergunto. Espere, você diz. Espere para ver. Acho que sim, porque eu estou indo agora. Estou indo para você.

Lina diz que tem uns espíritos que cuidam de guerreiros e caçadores e outros que guardam virgens e mães. Não sou nada disso. O reverendo padre diz que a comunhão é a melhor esperança, a reza em seguida. Não tem comunhão por aqui e eu tenho vergonha de falar com a Virgem quando tudo o que eu estou pedindo não é do gosto dela. Acho que a Patroa não tem nada para dizer sobre esse assunto. Ela evita os batistas e as mulheres da aldeia que vão à casa de reunião. Elas incomodam a Patroa, quando nós três, ela, Sorrow e eu, vamos vender dois novilhos. Eles vão trotando atrás de nós na corda amarrada na carroça onde a gente está. A gente espera enquanto a Patroa discute a venda. Sorrow salta e vai para trás da barraca do comerciante onde uma mulher da aldeia bate na cara dela muitas vezes e grita com ela. Quando a Patroa descobre o que está acontecendo, tanto a cara dela quanto a da mulher da aldeia estão queimando de raiva. Sorrow está se aliviando no pátio sem ligar para os olhos dos outros. A discussão está terminada e a Patroa leva a gente embora. Depois de um tempo ela para o cavalo. Vira para Sorrow e bate mais na cara dela, dizendo Tonta. Eu fico em choque. A Patroa nunca bate na gente. Sorrow não chora nem responde. Acho que a Patroa diz outras palavras para ela, mais brandas, mas eu só vejo como fica o olho dela. O olhar dela é parecido com o jeito das mulheres que encaram a Lina e eu quando a gente espera os irmãos Ney. Nenhum dos dois olhares dá medo, mas é uma coisa que machuca. Porém eu sei que a Patroa tem o coração mole. Num dia de inverno quando eu ainda sou pequena Lina pergunta para ela se pode me dar os sapatos da filha morta. Sapatos pretos com seis botões cada um. A Patroa concorda, mas quando me vê com eles de repente senta na neve e chora. O Patrão vem e carrega ela no colo e a leva para dentro de casa.

Eu nunca choro. Nem quando a mulher rouba meu manto e meus sapatos e eu fico gelando no barco as lágrimas vêm.

Essas ideias são tristes dentro de mim, então em vez disso eu faço força para pensar em você. O jeito que você diz que seu trabalho no mundo é forte e bonito. Acho que você também é. Nenhum espírito santo que eu precise. Nenhuma comunhão nem reza. Você é a minha proteção. Só você. Você pode ser porque diz que é um homem livre de Nova Amsterdã, e é sempre isso. Não igual a Will e Scully, mas igual ao Patrão. Não sei qual a sensação ou o que quer dizer livre ou não livre. Mas tenho uma lembrança. Quando o portão do Patrão está pronto e

você fica tanto tempo longe, eu ando às vezes procurando você. Atrás da casa nova, na ladeira, em cima do monte adiante. Vejo o caminho entre fileiras de olmos e entro nele. Debaixo do pé é relva e chão. Um pouco depois o caminho vira para longe dos olmos e à direita tem terra que despenca em pedras. À esquerda tem um morro. Alto, muito alto. Subindo por ele todo, subindo, subindo, flores escarlates que eu nunca vi antes. Por toda parte sufocando as próprias folhas. O cheiro é doce. Estendo a mão para apanhar umas flores. Escuto alguma coisa atrás de mim, viro e vejo um gamo subindo a parede de pedra. É grande. E imponente. Parada ali entre o muro atraente de perfume e o gamo, eu me pergunto o que mais o mundo pode me mostrar. É como se eu fosse livre para fazer o que eu escolher, o gamo, o muro de flores. Fico com um pouco de medo dessa soltura. É assim ser livre? Eu não gosto. Não quero ficar livre de você porque só com você eu vivo. Quando escolho e digo bom-dia, o gamo sai correndo.

Agora estou pensando em outra coisa. Em outro animal que faz escolha. O Patrão toma banho todo mês de maio. A gente despeja baldes de água quente na banheira e colhe gaultéria para salpicar. Ele fica sentado um tempo. Os joelhos de fora, o cabelo achatado e molhado por cima da beira. Logo a Patroa está lá, primeiro com uma pedra de sabão, depois com uma escova curta. Quando está vermelho da esfregada, ele levanta. Ela enrola um pano para secar o corpo dele. Depois ela entra e se lava. Ele não esfrega ela. Ele está na casa para se vestir. Um alce vem pelo meio das árvores até a borda da clareira. Nós todos, a Patroa, Lina e eu, nós vemos. Ele fica sozinho olhando. A Patroa cruza os pulsos em cima dos peitos. Os olhos dela arregalados, olhando. O rosto perde o sangue. Lina grita e atira uma pedra. O alce vira devagar e vai embora. Como um comandante. Mesmo assim a Patroa treme como se uma coisa ruim acontecesse. Fico pensando como ela parece pequena. É só um alce que não tem nenhum interesse nela. Nem em ninguém. A Patroa não grita nem continua o banho. Ela não vai arriscar escolher. O Patrão sai da casa. A Patroa se levanta e corre para ele. A pele nua dela está escorregadia de gaultéria. Lina e eu olhamos uma para a outra. Do que ela está com medo?, eu pergunto. Nada, Lina diz. Então por que ela corre para o Patrão? Porque ela pode, Lina responde. De repente um lençol de pardais cai do céu e assenta nas árvores. Tantos que as árvores parecem dar passarinhos, não folha nenhuma. Lina aponta. A gente nunca dá forma ao mundo ela diz. O mundo forma a gente. Súbitos e silenciosos, os pardais vão embora. Não estou entendendo Lina. Você é meu formador e meu mundo também. Está feito. Não precisa de escolha.

Quanto vai demorar ela vai se perder ele vai estar lá ele vai chegar algum vagabundo vai estuprar ela? Ela precisava de sapatos, sapatos de verdade, no lugar daqueles trapos sujos que cobriam seus pés, e só quando Lina fez um sapato foi que ela disse uma palavra.

Os pensamentos de Rebekka sangravam um para dentro do outro, confundindo os acontecimentos e o tempo, mas não as pessoas. A necessidade de engolir, a dor para engolir, a urgência insuportável de arrancar a pele de cima dos ossos só cessavam quando ela estava inconsciente — não dormindo, porque no que dizia respeito aos sonhos era a mesma coisa que estar acordada.

“Sentei entre estranhos durante seis semanas para conseguir esta terra.”

Ela disse isso para Lina e repetiu, repetiu. Lina sendo a única que sobrava em cuja compreensão ela confiava e cujo juízo valorizava. Mesmo agora no azul profundo de uma noite de primavera, com menos sono que sua Patroa, Lina

sussurrava e sacudia uma vareta emplumada em torno da cama.

“Entre estranhos”, Rebekka disse. “Não tinha outro jeito, apertada feito um bacalhau entre um convés e outro.”

Ela fixou os olhos em Lina, que tinha deixado de lado a vareta e agora se ajoelhava ao lado da cama.

“Eu conheço você”, disse Rebekka, e pensou que estava sorrindo embora não tivesse certeza. Outros rostos familiares às vezes apareciam, depois iam embora: sua filha; o marinheiro que tinha ajudado a carregar suas caixas e apertado as correias delas; um homem na forca. Não. Aquele rosto era real. Ela reconhecia os olhos escuros ansiosos, a pele fulva. Como podia não conhecer a única amiga que tinha? Para confirmar a si mesma aquele momento de clareza, ela disse: “Lina. Lembra, você lembra? A gente não tinha lareira. Era frio. Tão frio. Achei que ela era muda ou surda, sabe. Sangue é pegajoso. Nunca sai por mais que a gente...”. Sua voz era intensa, confidencial como se revelasse um segredo. Depois o silêncio quando ela caiu em algum lugar entre a febre e as lembranças.

Não havia nada no mundo que a preparasse para uma vida de água, na água, sobre a água; nauseada por ela e desesperada por ela. Mesmerizada e aborrecida de olhar para ela, principalmente ao meio-dia, quando as mulheres podiam ficar mais uma hora no convés. Então ela falava com o mar. “Fique quieto, não me sacuda. Não. Mexa, mexa, me excite. Confie em mim, eu guardo os seus segredos: que o seu cheiro é como o sangue fresco menstrual; que você é o dono do globo e a terra, pensada depois para divertir você; que o mundo debaixo de você é ao mesmo tempo cemitério e céu.”

Imediatamente ao desembarcar, a pura sorte de Rebekka com o marido a deixou tonta. Já com dezesseis anos, ela sabia que seu pai a teria despachado para qualquer um que pagasse a passagem e o aliviasse de alimentá-la. Homem do mar, ele estava a par de todas as notícias através dos colegas, e quando um tripulante repassou uma consulta do primeiro-imediato — em busca de uma esposa casta, saudável, disposta a viajar para o exterior —, ele depressa ofereceu sua menina mais velha. A teimosa, aquela de muitas perguntas e boca rebelde. A mãe de Rebekka era contra a “venda” — ela chamava assim porque o possível noivo tinha enfatizado que ia “reembolsar” pelas roupas, despesas e uns poucos suprimentos —, não por amor ou necessidade de sua filha, mas porque o futuro marido era um pagão que vivia entre selvagens. A religião, Rebekka experimentara isso através da mãe, era uma chama alimentada por um incrível ódio. Seus pais tratavam um ao outro e aos filhos com total indiferença e guardavam seu fogo para as questões religiosas. Qualquer gota de generosidade a um estranho ameaçava jogar água na chama. Rebekka tinha uma compreensão tênue de Deus, via-o como um tipo mais vasto de rei, mas aplacava a vergonha

da devoção insuficiente presumindo que Ele não podia ser maior nem melhor do que a imaginação do crente. Crentes rasos preferiam um deus raso. Os tímidos gostavam de um deus bravo e vingador. Apesar do empenho de seu pai, sua mãe a alertou para o fato de que selvagens ou não conformistas iriam trucidá-la assim que desembarcasse, então quando Rebekka encontrou Lina já lá, esperando na frente do chalé de um cômodo que seu novo marido tinha construído para eles, ela trancou a porta à noite e não deixava a moça de cabelo de corvo e pele impressionante dormir em nenhum lugar próximo. Catorze anos talvez, cara de pedra ela era, e levou um tempo para haver confiança entre elas. Talvez porque as duas estivessem sozinhas sem família, ou porque precisassem agradar ao mesmo homem, ou porque as duas fossem desesperadamente ignorantes de como tocar uma fazenda, elas se tornaram o que era companhia uma para a outra. Uma dupla, de qualquer forma, o resultado da aliança mútua que vem de repartir tarefas. Então, quando o primeiro bebê nasceu, Lina cuidou dele com tanta ternura, com tanto conhecimento, que Rebekka se envergonhou de seus primeiros medos e fingiu que nunca os tinha tido. Agora, deitada na cama, as mãos enroladas e amarradas contra a automutilação, os lábios afastados dos dentes, ela transferiu seu destino a outros e se tornou presa de cenas de desordens passadas. Os primeiros enforcamentos que viu na praça em meio a uma alegre multidão de espectadores. Tinha provavelmente dois anos, e os rostos da morte a teriam assustado se a multidão não caçoasse e se divertisse tanto com elas. Com o resto da família e a maioria dos vizinhos, ela esteve presente a um arrastamento e esquartejamento e, embora fosse nova demais para se lembrar dos detalhes, seus pesadelos passaram a ser permanentemente vívidos pelos anos de narrativas e descrições de seus pais. Ela não sabia o que era um Quinto Monarquista, nem na época nem agora, mas era claro em sua casa que execução era uma festividade tão excitante quanto um desfile do rei.

Brigas, facadas e sequestros eram tão comuns na cidade de seu nascimento que os alertas de assassinato em um mundo novo, não visto, eram como ameaças de mau tempo. No mesmo ano em que ela desembarcou do navio, uma poderosa guerra colonos-contra-nativos a trezentos quilômetros de distância havia terminado antes de Rebekka ter ouvido falar nela. As escaramuças intermitentes de homens contra homens, flechas contra pólvora, fogo contra machado de que ela ouvia falar não se comparavam à carnificina que vira desde a infância. O monte de entranhas pulsantes, ainda vivas, erguidas diante dos olhos do condenado, depois atiradas num balde e jogadas no Tâmis; dedos tremendo por um torso perdido; o cabelo de uma mulher culpada de mutilação brilhando em chamas. Comparada a isso, a morte por naufrágio ou machado de índio não era nada. Ela não sabia o que outras famílias de colonos próximas podiam saber

sobre desmembramentos rotineiros, mas ela não sentia o mesmo horror que eles quando, três meses depois do fato, chegava a notícia de uma encarniçada batalha, um sequestro ou uma paz interrompida. As escaramuças entre tribos ou milícias locais que castigavam partes da região pareciam um pano de fundo distante e controlável numa terra com tamanho espaço e perfume. A ausência de cidade e o fedor a bordo do navio a embalaram em uma espécie de embriaguês, e ela levou anos para recuperar a sobriedade e tomar o ar fresco por garantido. A própria chuva passou a ser uma coisa inteiramente nova: água limpa, sem fuligem, caindo do céu. Ela juntava as mãos debaixo do queixo olhando árvores mais altas que uma catedral, madeira para aquecimento tão farta que a fazia rir, depois chorar por seus irmãos e pelas crianças congelando na cidade que deixara para trás. Nunca tinha visto pássaros como aqueles, nem provado água doce que corria sobre pedras brancas visíveis. Havia aventura em aprender a cozinhar caça de que nunca ouvira falar e em adquirir gosto por cisne assado. Bem, sim, havia tempestades monstruosas aqui com neve que se empilhava até mais alto que o peitoril da janela. E insetos de verão enxameavam com uma música mais alta que os sinos da torre. No entanto, a ideia do que sua vida teria sido se tivesse ficado esmagada naquelas ruas fétidas, onde lordes e prostitutas cuspiam, fazendo medidas, medidas, medidas, ainda a repelia. Ali ela respondia apenas a seu marido e comparecia por polidez (se o tempo e o clima permitissem) à única casa de reuniões da região. Anabatistas que não eram satanistas, como seus pais chamavam a eles e a todos os separatistas, mas gente doce, generosa apesar de todos os seus confusos pontos de vista. Pontos de vista que levaram a eles e aos horríveis quakers a se baterem sangrentamente em sua própria casa de reunião em sua terra. Rebekka não cultivava nenhuma hostilidade profunda. Até mesmo o rei havia perdoado meia dúzia deles a caminho do patíbulo. Ela ainda se lembrava da decepção de seus pais quando as festividades foram canceladas e de sua fúria por um monarca que oscilava com tanta facilidade. O desconforto dela em um sótão cheio de constantes discussões, explosões de inveja raivosa e amuada reprovação a qualquer um que não fosse como eles a faziam ansiar por alguma via de escape. De qualquer tipo.

Tinha havido logo um resgate, porém, e a possibilidade de coisas melhores na Escola da Igreja onde ela foi escolhida como uma das quatro a ser treinadas para trabalho doméstico. Mas o único lugar que a aceitara acabou exigindo fugir do patrão e se esconder atrás da porta. Ela durou quatro dias. Depois disso, ninguém lhe ofereceu outro lugar. Depois veio o resgate maior quando seu pai teve a notícia de um homem que procurava uma esposa forte mais do que um dote. Alerta de matança imediata e promessa de felicidade conjugal, ela não acreditava em nenhuma das duas. Porém, sem dinheiro, nem vocação para vender coisas,

abrir uma barraca ou ser aprendiz em troca de casa e comida, barrada até dos conventos da classe alta, suas perspectivas eram ser criada, prostituta, esposa, e, embora contassem histórias horríveis sobre essas carreiras, a última parecia a mais segura. Aquela em que poderia ter filhos e portanto garantir alguma afeição. Como em qualquer futuro disponível a ela, dependia do caráter do homem em questão. Daí o casamento com um marido desconhecido numa terra longínqua ter nítidas vantagens: separação de uma mãe que escapara por pouco do castigo do mergulho; de irmãos homens que trabalhavam dia e noite com seu pai e aprendiam com ele a atitude de repúdio à irmã que tinha ajudado a criá-los; mas especialmente escapar dos olhares maliciosos e das mãos rudes de qualquer homem, bêbado ou sóbrio, com quem pudesse encontrar. América. Fosse qual fosse o perigo, como poderia ser pior?

No começo, quando se instalou na terra de Jacob, ela visitou a igreja local a dez quilômetros da casa e conheceu alguns aldeões vagamente suspeitos. Tinha se afastado da seita maior a fim de praticar uma forma mais pura de sua religião separatista, mais verdadeira e mais aceitável a Deus. Entre eles ela ficava deliberadamente reservada. Na casa de reuniões, era afável e quando eles explicavam suas crenças ela não olhava para o teto. Foi quando se recusaram a batizar seu primeiro bebê, sua filha querida, que Rebekka se afastou. Fraca como era sua fé, não havia desculpa para não proteger a alma de um bebê da perdição eterna.

Mais e mais era na companhia de Lina que ela deixava a desgraça vazar.

“Castiguei a menina por causa de uma roupa rasgada, Lina, e quando vejo ela está caída na neve. A cabecinha aberta como um ovo.”

Teria sido embaraçoso para ela mencionar tristeza pessoal na oração; ser outra coisa que não forte na dor; deixar Deus saber que ela era menos que grata por Sua presença. Mas ela pariu quatro bebês saudáveis, viu três sucumbirem em idades diferentes a uma ou outra doença, e depois viu Patrician, sua primogênita, que chegou à idade de cinco anos e forneceu uma felicidade em que Rebekka não conseguia nem acreditar, jazer em seus braços durante dois dias antes de morrer de cabeça quebrada. E depois enterrá-la duas vezes. A primeira em um caixão forrado de pele porque o chão não tinha como aceitar o caixãozinho que Jacob fizera, então tiveram de deixá-la gelar dentro dele, e a segunda no fim da primavera, quando conseguiram colocá-la entre seus irmãos com a presença dos anabatistas. Fraca, pustulenta, com um dia ainda nem completo de luto por Jacob, a tristeza cortada prematuramente, como feno em tempo de fome. Em sua própria morte é que devia estar concentrada. Podia ouvir seus cascos batendo no telhado, podia ver a figura embuçada a cavalo. Mas sempre que o tormento imediato cedia, seus pensamentos abandonavam Jacob e viajavam para o cabelo

embaraçado de Patrician, a barra dura e escura de sabão que usava para lavá-lo, os muitos enxáguas para livrar cada mecha castanha cor de mel do horrível sangue que escurecia, como sua mente, até ficar negro. Rebekka nunca olhou para o caixão à espera do degelo debaixo de peles. Mas quando finalmente a terra ficou macia, quando Jacob conseguiu tração com a pá e baixaram o caixão, ela sentou no chão apoiada nos cotovelos, ignorando a umidade, e olhou cada torrão e pedra que caía. Ficou ali o dia inteiro e toda a noite. Ninguém, nem Jacob, Sorrow ou Lina, conseguiu levantá-la. Nem o Pastor também, uma vez que ele e sua congregação eram aqueles cujas crenças privaram sua filha da redenção. Ela rosnou quando a tocaram; derrubou dos ombros o cobertor. Eles então a deixaram sozinha, balançando a cabeça, resmungando preces por seu perdão. Ao amanhecer, com a neve caindo leve, Lina veio e arrumou joias e comida em cima do túmulo, junto com folhas perfumadas, disse a ela que os meninos e Patrician eram estrelas agora, ou alguma coisa igualmente bonita: pássaros verdes e amarelos, raposas brincalhonas ou nuvens cor-de-rosa a se juntar no limiar do céu. Coisas pagãs, é verdade, porém mais satisfatórias do que as orações do tipo “eu aceito e nos encontramos no dia do Juízo” que Rebekka tinha aprendido e ouvira repetidas vezes na congregação batista. Houve um dia de verão em que ela sentou na frente da casa costurando e conversando profanamente enquanto Lina mexia os lençóis a ferver numa panela a seu lado.

Não acho que Deus saiba quem nós somos. Acho que Ele gostaria de nós se nos conhecesse, mas não acho que Ele conheça a gente.

Mas Ele fez a gente, Dona. Não?

Fez. Mas fez o rabo do pavão também. Isso deve ter sido mais difícil.

Ah, mas, Dona, a gente canta e fala. Pavão não.

A gente precisa. Pavão não. O que mais a gente tem?

Ideias. Mãos para fazer coisas.

Tudo muito bem. Mas essa é coisa nossa. Não de Deus. Ele está fazendo alguma outra coisa no mundo. Nós não estamos na cabeça Dele.

O que Ele está fazendo então, se não está cuidando da gente?

Deus sabe.

E explodiram em risada, como meninas pequenas escondidas atrás do estábulo adorando o perigo dessa conversa. Ela não conseguia concluir se o acidente de Patrician provocado por um demônio era censura ou uma lição de vida.

Agora ali na cama, suas mãos hábeis, industriosas, amarradas com pano para que não se arranhasse até sangrar, ela não sabia dizer se estava falando alto ou simplesmente pensando.

“Caguei numa tina... estranhos...”

Às vezes, eles cercavam sua cama, esses estranhos que não eram, que tinham

virado uma espécie de família que a viagem por mar cria. Delírio ou remédio de Lina, ela pensava. Mas eles vinham e davam conselhos, faziam intrigas, riam ou simplesmente olhavam para ela com pena.

Havia sete outras mulheres nos alojamentos baratos do *Angelus*. Esperando a bordo, as costas voltadas contra a brisa que vinha do mar para o porto, elas tremiam entre caixas, meirinhos, passageiros do convés superior, carroças, cavalos, guardas, bolsas e crianças chorando. Por fim, quando os passageiros do convés inferior foram chamados a bordo, e seus nomes, país de origem e ocupação foram anotados, quatro ou cinco mulheres disseram que eram criadas. Rebekka percebeu logo que eram outra coisa, assim que elas foram separadas dos homens e das mulheres de melhor classe e levadas para um lugar escuro ao lado das baías dos animais. Luz e ar entravam por uma escotilha; uma tina para dejetos ao lado de um barril de cidra; uma cesta e uma corda com as quais a comida podia ser baixada e a cesta puxada de volta. Qualquer um com mais de um metro e meio tinha de se curvar e baixar a cabeça para andar. Engatinhar era mais fácil, uma vez que, como vagabundos de rua, elas dividiram o espaço pessoal. O tipo de bagagem, roupa, fala e atitude revelava claramente quem elas eram, muito antes de suas confissões. Uma, Anne, tinha sido expulsa em desgraça por sua família. Duas, Judith e Lydia, eram prostitutas que tiveram de escolher entre a prisão ou o exílio. Lydia estava acompanhada por sua filha, Patty, uma ladra de dez anos. Elizabeth era filha, ou pelo menos dizia que era, de um importante agente da Companhia. Uma, Abigail, foi depressa transferida para a cabine do capitão e outra, Dorothea, era uma ladra de bolsas com sentença igual à das prostitutas. Apenas Rebekka, com a passagem pré-paga, ia se casar. O resto ia encontrar com parentes ou trabalhadores que pagariam suas passagens — a não ser a ladra e as prostitutas, cujos custos e manutenção teriam de ser compensados com anos e anos de trabalho gratuito. Só Rebekka não era dessas. Foi depois, aninhada entre conveses e paredes feitas de baús, caixas, cobertores pendurados de redes, que Rebekka descobriu mais sobre elas. A menina pré-pubescente aprendiz de ladra cantava com voz de anjo. A “filha” do agente nascera na França. Ao completarem catorze anos, as duas prostitutas maduras tinham sido expulsas da casa da família por comportamento lascivo. E a ladra era sobrinha de uma outra que a tinha ensinado e refinado suas habilidades. Juntas elas tornavam a viagem mais leve; deixavam-na menos hedionda do que certamente teria sido sem elas. A sabedoria de taverna, o *know-how* delas entremeado com uma baixa expectativa em relação aos outros e um elevado nível de autoaprovação, seu riso rápido divertiram e encorajaram Rebekka. Se temia por sua vulnerabilidade feminina, viajando sozinha a um país estrangeiro para se casar com um estranho, aquelas mulheres compensaram esses temores.

Se por vezes mariposas noturnas tremulavam dentro de seu peito ao se lembrar das previsões da mãe, a companhia daquelas mulheres descartadas, exiladas, as eliminara. Dorothea, de quem ficou mais amiga, foi especialmente atenciosa. Com suspiros exagerados e xingamentos brandos, elas dividiram suas posses e se apropriaram de um território não maior que a soleira de uma porta. Quando questionada diretamente, Rebekka admitiu que ia se casar e, sim, pela primeira vez, Dorothea riu e anunciou a quem pudesse ouvir. “Uma virgem! Judy, ouviu isso? Uma boceta verde entre nós.”

“Bom, duas então. Patty também é.” Judith piscou e sorriu para a menina. “Não venda barato.”

“Ela tem dez anos!”, disse Lydia. “Que tipo de mãe vocês acham que eu sou?”

“Daqui a dois anos a gente responde.”

As três riram alto, até Anne dizer: “Basta, por favor! Essa grosseria me ofende”.

“Palavras rudes sim, comportamento rude não?”, Judith perguntou.

“Isso também”, ela replicou.

Estavam instaladas então e dispostas a examinar as vizinhas. Dorothea tirou um sapato e mexeu os dedos através de um buraco da meia. Em seguida, puxando com cuidado, dobrou a lã esgarçada para baixo dos dedos. Calçou de novo o sapato, sorriu para Anne.

“Foi por comportamento que sua família jogou você no mar?”

Dorothea abriu muito os olhos, piscou os cílios para Anne em falsa inocência.

“Vou visitar meu tio e minha tia.” Se a luz que vinha da escotilha aberta fosse mais forte, elas teriam visto o vermelhão de suas bochechas.

“E vai levar um presente para eles, calculo.” Lydia riu.

“Nana nenê.” Dorothea fez um gesto de ninar com os braços.

“Vacas!”, Anne rosnou.

Mais risos, tão altos a ponto de agitar os animais do outro lado das pranchas que separam as mulheres do gado. Um tripulante, talvez obedecendo a ordens, parou acima delas e fechou a escotilha.

“Filho da puta!”, alguém gritou quando mergulharam na escuridão. Dorothea e Lydia, engatinhando, conseguiram encontrar o único lampião disponível. Quando aceso, a massa de luz juntou as mulheres.

“Onde está dona Abigail?”, Patty perguntou. Tinha gostado dela no porto, horas antes de embarcarem.

“Escolhida pelo capitão”, disse a mãe.

“Putá de sorte”, Dorothea murmurou.

“Bata na boca. Você não viu o homem.”

“Não, mas sou capaz de imaginar a mesa dele.” Dorothea suspirou. “Frutas, vinho, carneiro, doces...”

“Que tormento. Deixe disso. Quieta. Quem sabe a vagabunda manda um pouco para nós. Ele não vai deixar ela sair das vistas dele. Porco...”

“Leite direto da teta, sem sujeira nem mosca em cima, manteiga de marca...”

“Quieta!”

“Eu tenho um pouco de queijo”, disse Rebekka. Surpresa de como sua voz soou infantil, ela tossiu. “E biscoitos.”

Viraram-se para ela e uma voz ressoou: “Ah, linda. Vamos tomar chá”.

O lampião de gás crepitou, ameaçando lançá-las de volta à escuridão que só viajantes do porão sabem como é. Balançando de um lado para o outro o tempo todo, tentando não vomitar antes de chegar à tina, mais seguro engatinhar que andar — tudo era apenas suportável se houvesse ao menos um palmo de luz.

As mulheres correram para Rebekka e, de repente, sem combinar, começaram a imitar o que achavam ser maneiras de rainha. Judith estendeu o xale na tampa de uma caixa. Elizabeth tirou de seu baú uma chaleira e um conjunto de colheres. As xícaras eram variadas: estanho, lata, cerâmica. Lydia esquentou água na chaleira em cima do lampião, protegendo a chama com a mão. Não surpreendeu a elas que nenhuma tivesse chá, mas tanto Judith como Dorothea tinham rum escondido em suas sacolas. Com o cuidado de um mordomo, despejaram o rum na água tépida. Rebekka pôs o queijo no meio do xale e cercou-o com biscoitos. Anne deu as graças. Respirando baixinho, elas tomaram a água quente alcoolizada e mastigaram biscoitos murchos, espanando as migalhas elegantemente. Patty sentou nos joelhos da mãe e Lydia entornava a xícara com uma mão e alisava o cabelo da filha com a outra. Rebekka lembrava como as duas, inclusive a menina de dez anos, levantava o dedinho curvo para fora. Lembrava também como o bater do oceano exagerava o silêncio. Talvez elas estivessem tentando apagar, como ela estava, o que tinham deixado para trás e o que podia estar à espera. Miserável como era o espaço em que se apertavam, ainda assim era um vazio onde o passado não assombrava nem o futuro atraía. Mulheres de e para homens, naqueles poucos momentos não foram nem uma coisa nem outra. E, quando finalmente o lampião se apagou, envolvendo-as no negrume, durante um longo tempo, indiferentes aos passos acima delas, ou aos mugidos atrás, elas não se mexeram. Para elas, incapazes de ver o céu, o tempo passara a ser simplesmente o mar correndo, sem marcas, eterno e imaterial.

Ao desembarcarem, não pretenderam encontrar-se de novo. Sabiam que nunca se encontrariam, então a despedida foi seca, sem sentimentalismo, à medida que cada uma recolhia sua bagagem e examinava a multidão em busca de seu futuro. Era verdade; elas nunca mais se encontraram, a não ser nessas visitas do lado da

cama que Rebekka conjurava.

Ele era maior do que ela imaginava. Todos os homens que ela conhecera eram pequenos, endurecidos, mas pequenos. O sr. Vaark (levou algum tempo até ela conseguir dizer Jacob) levantou suas duas caixas depois de tocar seu rosto e sorrir.

“Você tirou o chapéu e sorriu. Sorriu e sorriu.” Rebekka pensou que estava retribuindo o sorriso de seu novo marido, mas seus lábios ressecados mal se moviam quando ela entrou na cena de seu primeiro encontro. Naquele momento, teve a impressão de que a vida dele inteira tinha sido aquilo: encontrá-la afinal, tão evidente eram o alívio e a satisfação dele. Ao acompanhá-lo, sentindo a incapacitante elasticidade da terra depois de semanas no mar, ela tropeçou na prancha de desembarque e rasgou a barra do vestido. Como ele não se virou, ela agarrou um punhado de saia, apertou a cobertura debaixo do braço e trotou ao lado dele até a carroça, recusando a mão que ele ofereceu para ajudá-la a subir. Era pau a pau. Ele não ia mimá-la. Ela não aceitaria se ele mimasse. Uma equação perfeita para o trabalho que havia pela frente.

“Realizam-se casamentos aqui”, dizia a placa junto à porta do café, e embaixo em letras pequenas um verso que combinava alerta com vendas: “Quando a luxúria ilegal é concebida produz-se o pecado”. Velho e não inteiramente sóbrio, o clérigo foi mesmo assim rápido. Minutos depois eles estavam de volta à carroça imersos na expectativa de uma vida nova de plenitude.

Ele pareceu tímido no início, então ela pensou que ele não tinha vivido com oito pessoas em um único cômodo no sótão; não havia se familiarizado tanto com pequenos gritos de paixão ao amanhecer que eram como as cantilenas dos vendedores ambulantes. Não era nada como Dorothea havia descrito, nem as acrobacias que faziam Lydia regougar, nem como os rápidos e furiosos coitos de seus pais. Em vez disso, ela se sentiu não tanto tomada e mais instigada.

“Minha estrela do norte”, ele a chamou.

Eles se instalaram no longo aprendizado um do outro: preferências, hábitos alterados, outros adquiridos; desentendimentos sem zanga; confiança e aquela conversa sem palavras em que repousam anos de companheirismo. A fraca religiosidade que irritava a mãe de Rebekka não era do interesse dele. Ele era indiferente, tendo resistido a toda pressão para se juntar à congregação da aldeia, mas disposto a deixar que ela se convencesse caso fosse sua escolha. Depois de algumas visitas iniciais e Rebekka tendo escolhido não continuar, era clara a satisfação dele. Apoiavam-se um ao outro da cabeça aos pés. Não precisavam de ninguém de fora em sua suficiência. Ao menos acreditavam nisso. Porque haveria filhos, claro. E houve. Depois de Patrician, cada vez que Rebekka dava à luz, ela esquecia a amamentação anterior interrompida muito antes do tempo de

desmame. Esquecia os peitos ainda vazando, ou mamilos prematuramente encoscorados e sensíveis demais para roupas de baixo. Esquecia também como podia ser rápida a viagem do berço ao caixão.

À medida que os filhos morriam e os anos passavam, Jacob convenceu-se de que a fazenda era sustentável, mas não lucrativa. Começou a comerciar e viajar. Suas voltas, porém, eram momentos alegres, cheios de novidades e visões surpreendentes: a raiva, ruidosa e letal, do povo da cidade quando um pastor foi morto a tiros em seu cavalo pelos guerreiros de uma tribo local; as prateleiras de uma loja cobertas de rolos de seda de cores que ele só via na natureza; um pirata amarrado a uma prancha a caminho do patíbulo amaldiçoando seus captores em três línguas; um açougueiro chicoteado por vender carne doente; os sons impressionantes dos coros fluando na chuva de domingo. As histórias das viagens dele a excitavam, mas também intensificavam sua visão de um mundo desordenado e ameaçador lá fora, contra o qual só ele podia oferecer proteção. Se uma vez ele lhe trouxera uma criada jovem, sem treino, também trazia presentes para a casa. Uma faca de corte melhor, um cavalinho de pau para Patrician. Levou algum tempo até ela perceber que as histórias rareavam e os presentes aumentavam, presentes que iam ficando menos práticos, até extravagantes. Um serviço de chá de prata que foi guardado imediatamente; um penico de porcelana que logo lascou por uso indiscriminado; uma escova de cabelo pesadamente trabalhada para cabelo que ele só via na cama. Um chapéu aqui, uma gola de renda ali. Quatro metros de seda. Rebekka engolia as perguntas e sorria. Quando ela finalmente perguntou para ele de onde vinha o dinheiro, ele disse: “Novos arranjos”, e entregou a ela um espelho com moldura de prata. Tendo visto o ir e vir de um brilho no olho dele ao desembulhar esses tesouros tão inúteis numa fazenda, ela devia ter previsto o dia em que ele contratou homens para ajudar a limpar as árvores de um largo trecho de terra ao pé de uma encosta. Uma nova casa ele ia construir. Algo condizente não com um fazendeiro, nem mesmo com um comerciante, mas com um cavalheiro.

Nós somos gente boa, gente comum, ela pensou, num lugar em que essa alegação era não apenas suficiente como valorizada, ostentada mesmo.

“Nós não precisamos de outra casa”, ela dissera. “Decerto não uma desse tamanho.” Ela o estava barbeando e ele respondeu, quando ela terminou.

“Precisar não é razão, mulher.”

“O que é, por favor?” Rebekka limpou um último resto de espuma da navalha.

“O que um homem deixa é o que um homem é.”

“Jacob, um homem é só a sua reputação.”

“Me entenda.” Ele pegou o pano das mãos dela e limpou o queixo. “Eu vou ter isso.”

E assim foi. Homens, carrinhos de mão, um ferreiro, madeira, cordas, barris de piche, martelos e cavalos de tiro, um dos quais uma vez deu um coice na cabeça de sua filha. A febre de construir era tão intensa que ela não percebeu a febre verdadeira, aquela que o levou ao túmulo. Assim que ele caiu, a notícia chegou aos batistas, e ninguém da fazenda, principalmente Sorrow, era recebido entre eles. Os trabalhadores foram embora com seus cavalos e ferramentas. O ferreiro tinha ido havia muito, seu trabalho brilhante como um portão para o céu. Rebekka fez o que Jacob mandou que fizesse: reuniu as mulheres e lutou junto com elas para tirá-lo da cama e baixá-lo num cobertor. O tempo todo ele falava, rouco, depressa, depressa. Incapaz de força muscular para ajudá-las, ele era um peso morto antes de morrer. Elas o levaram pela fria chuva de primavera. As saias arrastando na lama, os xales despencados, as toucas encharcadas até o couro cabeludo. Houve problemas no portão. Tiveram de deitá-lo na lama enquanto duas delas abriam as trancas e depois destrancavam a porta da casa. Com a chuva caindo no rosto dele, Rebekka tentou protegê-lo com o dela. Usando a parte mais seca de sua anágua, ela enxugou com cuidado para não incomodar as bolhas que doeriam. Por fim entraram no hall e o colocaram longe da chuva que entrava pelo espaço da janela. Rebekka inclinou-se bem perto para perguntar se ele queria tomar um pouco de cidra. Ele mexeu os lábios, mas não saiu nenhuma resposta. Os olhos dele mudaram para alguém ou alguma coisa acima do ombro dela e assim ficaram até que ela os fechou. As quatro — ela, Lina, Sorrow e Florens — sentaram-se nas tábuas do chão. Uma ou todas pensaram que as outras estavam chorando, ou então eram gotas de chuva em suas faces.

Rebekka duvidava que fosse se contaminar. Nenhum dos parentes de seus pais tinha morrido durante a pestilência; eles se gabavam de que nenhuma cruz vermelha tinha sido pintada em sua porta, embora vissem centenas e centenas de cachorros executados e carroças cheias de mortos rangendo pelos caminhos. Então ter navegado até aquele mundo limpo, aquela fresca e nova Inglaterra, ter casado com um homem sólido, robusto e então, na trilha da morte dele, apodrecer numa noite de primavera perfeita parecia uma piada. Parabéns, Satã. Era isso que a ladra dizia sempre que o navio subia e jogava os corpos delas para lá e para cá.

“Blasfêmia!”, Elizabeth gritava.

“Verdade!”, Dorothea replicava.

Agora elas pairavam na porta ou se ajoelhavam ao lado de sua cama.

“Eu já estou morta”, disse Judith. “Não é tão ruim.”

“Não diga isso para ela. É horrível.”

“Não dê ouvidos para ela. É esposa de pastor agora.”

“Gostaria de um chá?”

“Casei com um marinheiro, então estou sempre sozinha.”

“Ela complementa os ganhos dele. Pergunte como.”

“Tem leis contra isso.”

“Claro, mas não teriam leis se não precisassem delas.”

“Escute, deixe eu contar o que aconteceu comigo. Conheci um homem...”

Exatamente como no navio, as vozes delas se chocavam. Tinham vindo para confortá-la, mas, como todas as presenças fantasmagóricas, estavam interessadas apenas em si mesmas. No entanto as histórias que contavam, os comentários, ofereciam a Rebekka a distração da vida de outras pessoas. Bom, ela pensou, esse era o verdadeiro valor dos consoladores de Jó. Ele caído, devastado de dor e em desespero moral; eles lhe falavam de si mesmos e, quando ele se sentiu ainda pior, recebeu de Deus uma resposta que dizia: Quem você pensa que é? Me questionar? Vou dar um sinal de quem sou eu e do que sei. Durante um momento Jó deve ter sentido saudade das divagações interessadas em si mesmos dos humanos tão vulneráveis e equivocados quanto ele. Mas um vislumbre de conhecimento divino era menos importante do que ganhar, por fim, a atenção do Senhor. Coisa que, Rebekka concluiu, era tudo o que Jó queria. Não prova de Sua existência — ele nunca questionou isso. Não prova de Seu poder — todo mundo aceitava isso. Ele queria simplesmente captar o Seu olhar. Ser reconhecido não como digno ou indigno, mas ser notado como uma forma de vida pelo Um que a fez e desfez. Não uma troca; meramente um fulgor do miraculoso.

Mas enfim Jó era um homem. A invisibilidade era intolerável para os homens. Qual reclamação uma Jó mulher teria ousado formular? E se, a tendo formulado, e Ele se dignado a lembrá-la do quão fraca e ignorante ela era, que novidade haveria nisso? O que chocou Jó e o levou a se humilhar e renovar a fidelidade foi a mensagem que uma Jó mulher teria conhecido e ouvido a cada minuto de sua vida. Não. Melhor falso conforto do que nenhum, pensou Rebekka, e ouviu cuidadosamente suas parceiras de navio.

“Ele me esfaqueou, sangue para todo lado. Segurei minha cintura e pensei: não! Nada de desmaiar, minha filha. Firme...”

Quando as mulheres se apagaram, foi a lua que espiou como uma amiga preocupada num céu com a textura de um vestido de baile de uma dama. Lina roncava baixinho no chão aos pés da cama. Em algum ponto, muito antes da morte de Jacob, o vasto espaço desimpedido que um dia a emocionara tornou-se vazio. Uma ausência dominadora e opressiva. Ela aprendeu a complexidade da solidão: o horror da cor, o rugido do silêncio e a ameaça de objetos familiares imóveis. Quando Jacob estava longe. Quando nem Patrician nem Lina eram

suficientes. Quando os batistas locais a cansavam com sua conversa que nunca ia além de suas cercas a menos que fosse até lá o céu. Aquelas mulheres lhe pareciam chatas, convencidas de que eram inocentes e portanto livres; salvas porque iam à igreja; rijas porque ainda vivas. Um povo novo refeito em recipientes velhos como o tempo. Crianças, em outras palavras, sem a alegria ou a curiosidade de uma criança. Tinham definições das preferências de Deus ainda mais estreitas que as de seus pais. Além de si mesmos (e daqueles da sua cepa que concordavam), ninguém se salvava. A possibilidade estava aberta para a maioria, porém, exceto os filhos de Cam. Além disso, havia papistas e as tribos de Judá a quem a redenção era negada, como também a uma variedade de outros que viviam voluntariamente em erro. Rebekka descartava essas exclusões como as restrições de qualquer religião, mas tinha uma mágoa mais pessoal contra eles. Seus filhos. Cada vez que um dos dela morria, ela dizia a si mesma que era o antibatismo que a enraivecia. Mas a verdade era que não conseguia suportar a proximidade dos filhos não mortos e sadios deles. Mais que inveja, ela sentia que cada filho risonho e de cara vermelha deles era uma acusação de fracasso, uma caçoada com os dela. De qualquer forma, eles eram pobre companhia e de nenhuma ajuda para ela com a solicitude sem prelúdio que podia se erguer e fazê-la prisioneira quando Jacob estava ausente. Ela podia estar dobrada num canteiro de rabanetes, arrancando ervas daninhas com a perícia de uma matrona de bar a jogar moedas no avental. Ervas daninhas para o gado. Então, parada ao sol derretido, a juntar as pontas do avental, os sons confortáveis da fazenda cessavam. Caía um silêncio como neve flutuando em torno de sua cabeça e ombros, espalhando-se para fora na direção de folhas ao vento, mas ao mesmo tempo quietas, cincerros oscilantes, o estalar do machado de Lina rachando lenha ali perto. Sua pele fervia, depois gelava. Os sons acabavam voltando, mas a solidão podia permanecer durante dias. Até que, no meio da solidão, vinha ele a cavalo, gritando.

“Onde está minha estrela?”

“Aqui no norte”, ela respondia e ele jogava um rolo de algodão a seus pés ou entregava-lhe um pacote de agulhas. O melhor eram as vezes em que ele tirava a flauta e envergonhava os pássaros canoros que acreditavam ser donos do crepúsculo. Um bebê ainda vivo estaria em seu colo. Patrician estaria no chão, boca aberta, olhos brilhantes, enquanto ele invocava jardins de rosas e pastores que nenhum deles veria nem jamais conheceria. Com ele, o custo de uma vida solitária, sem igreja, não era alto.

Uma vez, sentindo-se repleta de contentamento, ela reprimiu sua generosidade, seu excessivo bem-estar, a ponto de Lina sentir pena.

“Você não conheceu homem ainda, conheceu?”

Estavam sentadas no riacho, Lina segurando o bebê, jogando água em suas costas para ouvi-lo dar risada. No calor tórrido de agosto tinham ido lavar roupa numa parte do riacho que os enxames de moscas e os pérfidos mosquitos ignoravam. A menos que uma canoa leve passasse muito perto da margem adiante, ninguém as veria. Patrician ajoelhada perto olhando como sua calçola mexia nas ondas. Rebekka sentada com roupas de baixo banhando o pescoço e os braços. Lina nua como o bebê que tinha nos braços, o levantava e abaixava a olhar o cabelo dele se refazer na corrente. Depois, ela o pôs no ombro e jogou cascatas de águas em suas costas.

“Conhecer, Dona?”

“Você me entendeu, Lina.”

“Conheci.”

“Então?”

“Olhe”, Patrician gritou, apontando.

“Shhh”, Lina sussurrou. “Vai assustar eles.” Tarde demais. A raposa e seus filhotes saíram correndo para beber em outro lugar.

“Então?”, Rebekka repetiu. “Conheceu?”

“Uma vez.”

“E?”

“Nada bom. Nada bom, Dona.”

“Por que isso?”

“Eu vou andar atrás. Eu vou limpar depois. Eu não vou apanhar. Não.”

Entregando o bebê à mãe, Lina levantou-se e foi até os arbustos de amoras onde sua roupa estava pendurada. Vestida, abraçou o cesto de roupa lavada e estendeu a mão para Patrician.

A sós com o bebê que mais que qualquer de seus filhos puxara ao pai, Rebekka saboreou de novo naquele dia o milagre de sua boa sorte. Espancamento de esposa era comum, ela sabia, mas as restrições — não depois das nove da noite, com razão e não raiva — eram para esposas e apenas esposas. Teria sido um nativo, o amante de Lina? Provavelmente não. Um homem rico? Ou um soldado ou marinheiro comum? Rebekka desconfiava que fosse um homem rico, já que havia conhecido marinheiros bons, mas, com base em seu breve emprego como criada de cozinha, tinha visto apenas o lado baixo da fidalguia. Além de sua mãe, ninguém jamais tinha lhe batido. Catorze anos e ela ainda não sabia se sua mãe estava viva. Uma vez, recebera uma mensagem de um capitão que Jacob conhecia. Dezoito meses depois de ter sido encarregado de investigar, ele revelou que a família dela tinha se mudado. Para onde, ninguém sabia dizer. Rebekka levantou-se do ribeirão, deitou o filho na relva quente enquanto se vestia, pensando que cara teria sua mãe agora. Grisalha, curvada,

enrugada? Os olhos claros e agudos ainda irradiariam a astúcia, a desconfiança que Rebekka detestava? Ou talvez a idade, a doença a tivessem amaciado em uma malícia benigna, desdentada.

Confinada ao leito agora, sua pergunta era redirecionada. “E eu? Como estou? O que existe em meus olhos agora? Caveira e ossos cruzados? Raiva? Capitulação?” De repente, ela queria: o espelho que Jacob tinha lhe dado e que silenciosamente ela havia embrulhado de novo e guardado no armário. Levou um tempo para convencê-la, mas, quando Lina finalmente entendeu e fixou o espelho entre suas mãos, Rebekka tremeu.

“Desculpe”, murmurou. “Me desculpe mesmo.” Suas sobrancelhas eram uma lembrança, o rosa pálido das faces agora se concentrava em botões de vermelho fogo. Ela viajou devagar por seu rosto, desculpando-se delicadamente. “Olhos, queridos olhos, me desculpem. Nariz, pobre boca. Pobre, doce boca, desculpe. Acredite em mim, pele, eu peço desculpas. Por favor. Me perdoem.”

Lina, incapaz de remover o espelho, insistia com ela.

“Dona. Chega. Chega.”

Rebekka se recusou e agarrou-se ao espelho.

Ah, tinha sido tão feliz. Tão sadia. Jacob em casa e ocupado com os projetos da nova residência. As noites quando ele estava exausto e ela catava seu cabelo; de manhã quando o prendia. Ela adorava o apetite voraz dele e o orgulho que tinha da cozinha dela. O ferreiro, que preocupava todo mundo menos a ela e Jacob, era como uma âncora segurando o casal no lugar em águas pouco confiáveis. Lina tinha medo dele. Sorrow agradecida a ele como um cão. E Florens, pobre Florens, estava completamente apaixonada. Das três, só se podia contar com ela para ir até ele. Lina teria implorado para não ir, não querendo deixar sua paciente, claro, porém, mais que isso, por desprezo a ele. A idiota grávida da Sorrow não conseguiria. Rebekka tinha confiança em Florens porque ela era inteligente e porque tinha uma forte razão para conseguir. E sentia muita afeição por ela, embora isso tivesse levado algum tempo para se desenvolver. Jacob provavelmente acreditava que lhe dar uma menina de idade próxima à de Patrician ia agradar-lhe. Na verdade, insultou-a. Nada podia substituir a original e nada substituiria. Então mal olhou a menina quando ela chegou e nem precisou olhar depois porque Lina tomou a menina inteiramente sob suas asas. Com o tempo, Rebekka amoleceu, relaxou, até se divertir com a necessidade de aprovação que tinha Florens. “Muito bem.” “Está ótimo.” Por leve que fosse, qualquer gentileza que lhe era oferecida ela mascava como um coelho. Jacob disse que a mãe não tinha uso para ela, o que, Rebekka concluiu, explicava sua necessidade de agradar. Explicava também sua afeição pelo ferreiro, trotando atrás dele por qualquer razão, em pânico para levar a comida dele na hora. Jacob

interrompeu o olhar furioso de Lina e o brilho de Florens: o ferreiro logo iria embora, disse. Não era preciso se preocupar, além disso o homem era muito capacitado e valioso para deixar ir embora, decerto não porque uma moça estava no mundo da lua por causa dele. Jacob tinha razão, claro. O valor do ferreiro não tinha preço quando curou Sorrow de fosse lá o que fosse que a atacara. Queira Deus que ele consiga repetir o milagre. Queira Deus também que Florens consiga convencê-lo. Tinham enfiado os pés dela em boas botas fortes. De Jacob. E dobrado uma esclarecedora carta de autorização dentro delas. E suas instruções de viagem eram claras.

Ia dar tudo certo. Assim como a mortalha de não ter filhos, combinada a ataques de solidão, tinha desaparecido, derretido como as nevascas que a anunciavam. Assim como a determinação de Jacob de subir no mundo havia deixado de perturbá-la. Ela resolveu que a satisfação de ter mais e mais não era ganância, não estava nas coisas em si, mas no prazer do processo. Fosse qual fosse a verdade, por mais motivado que estivesse, Jacob estava ali. Com ela. Respirando ao lado dela na cama. Estendendo a mão para ela mesmo no sono. Então, de repente, não estava mais.

Será que os anabatistas tinham razão? A felicidade era sedução de Satã, seu engano torturante? Sua devoção seria tão frágil a ponto de ser mera isca? Sua teimosa autossuficiência total blasfêmia? Seria por isso que, no auge de seu contentamento, uma vez mais a morte se virava para olhar em sua direção? E sorrir? Bem, suas companheiras de barco, ao que parecia, tinham se safado. Conforme sabia por suas visitas, independentemente da vida que levavam, independentemente dos obstáculos que enfrentavam, elas manipulavam as circunstâncias a seu favor e confiavam na própria imaginação. As mulheres batistas confiavam noutra parte. Diferentes de suas companheiras de viagem, elas nem ousavam nem enfrentavam a inconstância da vida. Ao contrário, desafiavam a morte. Desafiavam-na a apagá-las, a fingir que esta vida terrena era tudo; que não existia nada além; que não existia reconhecimento do sofrer e decerto nenhuma recompensa; elas recusavam a falta de sentido e o acaso. O que excitava e desafiava suas companheiras de viagem horrorizava as mulheres igrejeiras, e cada grupo acreditava que o outro estava profunda e perigosamente errado. Embora as posições de cada uma não tivessem nada em comum, tinham tudo em comum numa coisa: a promessa e a ameaça de homens. Aí elas concordavam, era onde estavam a segurança e o risco. E ambas as coisas se resolveram. Algumas, como Lina, que havia experimentado tanto a libertação como a destruição nas mãos deles, se retiravam. Algumas, como Sorrow, que aparentemente nunca fora orientada por outras mulheres, se transformavam em brinquedos deles. Algumas como suas companheiras de viagem brigavam com

eles. Outras, as piedosas, obedeciam a eles. E umas poucas, como ela própria, depois de uma relação de amor mútuo, ficavam como crianças quando o homem ia embora. Sem o status ou o ombro de um homem, sem o apoio de família ou de quem queira bem, uma viúva era, na prática, ilegal. Mas não era assim que devia ser? Adão primeiro. Eva em seguida e também, confusa sobre seu papel, a primeira fora da lei?

Os anabatistas não se confundiam com nada disso. Adão (como Jacob) era um bom homem, mas (ao contrário de Jacob) tinha sido levado e solapado por sua parceira. Eles entendiam também que havia linhas de comportamento aceitável e pensamento direito. Níveis de pecado, em outras palavras, e pessoas inferiores. Nativos e africanos, por exemplo, tinham acesso à graça, mas não ao céu — um céu que eles conheciam com a mesma intimidade com que conheciam seus jardins. A outra vida era mais que divina; era inundada de emoções. Não um paraíso de ouro sobre azul entoando loas vinte e quatro horas por dia, mas uma aventureira vida real, onde todas as escolhas eram perfeitas e perfeitamente executadas. Como era mesmo que a mulher da igreja com quem falara havia descrito? Haveria música e banquetes; piqueniques e passeios de carroça. Brincadeiras. Sonhos realizados. E talvez, se a pessoa fosse realmente comprometida, consistentemente devota, Deus tivesse piedade e permitisse a seus filhos, embora jovens demais para um batismo de imersão completa, a entrada em Sua esfera. Mas, da maior importância, havia o tempo. Todo ele. Tempo de conversar com os salvos, rir com eles. Esquiar até em lagoas geladas com uma fogueira estralejando na margem para esquentar as mãos. Trenós tilintavam e crianças faziam casas de neve, brincavam com arcos nas campinas porque o tempo seria o tempo que você quisesse. Pense um pouco. Imagine só. Nada de doenças. Nunca. Nada de dor. Nada de envelhecimento nem fragilidade de nenhuma espécie. Nenhuma perda, tristeza ou lágrimas. E, evidentemente, nada de morte, nem mesmo se as estrelas se desmanchassem como pó e a lua se desintegrasse como um cadáver sob o mar.

Ela só precisava parar de pensar e acreditar. A língua seca na boca de Rebekka se comportava como um animalzinho que tinha perdido o rumo. E, embora ela entendesse que seus pensamentos estavam desorganizados, estava também convencida de sua clareza. Que ela e Jacob tivessem podido um dia conversar e discutir essas coisas tornava a perda dele intolerável. Fosse qual fosse seu humor ou disposição, ele tinha sido o verdadeiro significado de companheiro.

Agora, pensou ela, não há ninguém a não ser os criados. O melhor marido morto e enterrado pelas mulheres que deixou para trás; nuvens crianças cor-de-rosa no céu. Sorrow temendo por seu futuro se eu morrer, e tem razão, uma moça lenta de cabeça distorcida por viver num navio-fantasma. Só Lina era firme,

inabalada por nenhuma catástrofe como se tivesse visto e sobrevivido a tudo. Como no segundo ano em que Jacob estava fora, presas numa nevasca fora de estação, ela, Lina e Patrician depois de dois dias estavam perto de morrer de fome. Nenhuma trilha ou estrada transitável. Patrician ficando azul apesar do miserável fogo de estrume estralejando num buraco no chão de terra batida. Foi Lina quem se vestiu com peles, levou um cesto e um machado, enfrentou a neve até as coxas, o vento de amortecer a mente, para chegar ao rio. Lá ela puxou de debaixo do gelo salmão criado para trazer de volta e alimentá-las. Encheu a cesta com tudo que pôde pegar; amarrou a alça da cesta em sua trança para impedir que as mãos congelassem no caminho de volta.

Essa era Lina. Ou seria Deus? Ali num abismo de perda, ela se perguntava se a jornada nesta terra, a morte de sua família, toda sua vida, de fato, eram estações marcando o caminho da revelação. Ou da perdição? Como ela podia saber? E agora com os lábios da morte a chamar seu nome, a quem poderia se voltar? Um ferreiro? Florens?

Quanto vai demorar ele vem aqui ela vai se perder alguém vai atacar a menina ela vai voltar ele vai vir e será que já é tarde demais? Para a salvação.

Eu durmo depois acordo com qualquer barulho. Depois estou sonhando com cerejeiras andando para mim. Sei que é sonho porque elas estão cheias de folhas e frutas. Não sei o que elas querem. Olhar? Tocar? Uma se curva e acordo com um gritinho na boca. Nada está diferente. As árvores não estão pesadas de cerejas nem mais perto de mim. Me acalmo. Esse sonho é melhor que a minha mãe parada perto com o menininho dela. Nesse sonho ela está sempre querendo me dizer alguma coisa. Está esticando os olhos. Está mexendo com a boca. Eu olho para o outro lado. Meu sono depois é profundo.

Não canto de passarinho, mas o sol é que me acorda. A neve toda sumiu. Me aliviar é complicado. Então estou indo para o norte eu acho, mas talvez seja oeste também. Não, norte até eu chegar onde o mato não me deixa passar sem me agarrar e me prender. Os espinheiros que se espalham no meio dos brotos são largos e altos até a minha cintura. Eu forço e forço um tempo grande o que é bom já que na minha frente de repente tem um campo aberto aceso de sol e com cheiro de lodo. Este é um lugar que lembra a queimada sem ela mesma. Grama nova debaixo do pé, funda, grossa, macia feito lã de carneiro. Eu me abaixo para encostar a mão nela e me lembro como Lina adora desembaraçar meu cabelo. Me faz dar risada, diz que é prova de que eu sou na verdade um carneiro. E você? pergunto para ela. Um cavalo, ela responde e sacode a crina. Faz horas que ando por este campo ensolarado, minha sede tão forte que eu desmaio. Lá adiante vejo uma floresta rala de bétulas e macieiras. A sombra lá dentro verde de folhas novas. Passarinhos conversando por todo lado. Estou louca para entrar

porque água pode ter lá. Paro. Escuto passos de cascos. Do meio das árvores cavaleiros vêm na minha direção. Todos homens, todos nativos, todos jovens. Alguns parecem mais novos que eu. Nenhum tem sela no cavalo. Nenhum. Me admira isso e o brilho da pele deles, mas tenho medo deles também. Eles chegam perto. Me circundam. Sorriem. Eu estou tremendo. Eles têm sapatos macios, mas os cavalos não são ferrados e o cabelo tanto dos rapazes como dos cavalos é comprido e solto como o de Lina. Eles falam palavras que eu não conheço e riem. Um enfia os dedos na boca, para dentro e para fora, para dentro e para fora. Os outros riem mais. Ele também. Aí ele levanta bem a cabeça, abre muito a boca e aponta os lábios com o polegar. Eu caio de joelhos de aflição e medo. Ele desmonta e chega perto. Sinto o perfume do cabelo dele. Ele tem os olhos puxados, não grandes e redondos como os de Lina. Ele ri enquanto tira uma bolsa pendurada com um cordão atravessado no peito. Estende a bolsa para mim, mas estou tremendo demais para pegar então ele bebe e me oferece de novo. Eu quero estou morrendo de vontade, mas não consigo me mexer. O que eu consigo fazer é abrir muito a boca. Ele chega perto, despeja a água e eu engulo. Um dos outros faz baa baa baa igual um cabrito e eles dão risada e batem na perna. O que despeja a água fecha a bolsa, depois me olha enxugar o queixo e pendura a bolsa de novo no ombro. Depois procura no cinto pendurado da cintura e pega uma tira escura, estende para mim, batendo os dentes. Parece couro mas eu pego. Assim que eu pego ele corre e salta para o cavalo. Estou em choque. Você acredita? Ele corre na grama e voa para cair montado no cavalo. Eu pisco e eles todos desaparecem. O lugar onde eles estavam é nada. Só macieiras explodindo em botões e um eco de rapazes rindo.

Ponho a tira escura na língua e estou certa. É couro. Mas salgado e saboroso dando muito alívio para sua garota.

Mais uma vez vou para o norte pela floresta seguindo de longe as pegadas dos cavalos dos rapazes. Está quente e ficando mais quente. Mas a terra sempre úmida de orvalho fresco. Faço força para esquecer que estamos em solo úmido e penso em vez disso em vaga-lumes na grama alta e seca. Tem tantas estrelas que é como o dia. Você põe a mão na minha boca para ninguém ouvir o meu prazer que assusta as galinhas dormindo. Silêncio. Silêncio. Ninguém pode saber mas Lina sabe. Cuidado ela me diz. Estamos deitadas em redes. Acabei de voltar de você dolorida de pecado e querendo mais. Pergunto o que ela quer dizer. Ela diz que só tem uma boba aqui e que não é ela então cuidado. Estou com muito sono para responder e não quero. Prefiro pensar naquele lugar debaixo do seu queixo onde o pescoço encontra o osso, a curvinha funda onde cabe a ponta da língua mas não maior que um ovo de codorna. Estou caindo no sono quando escuto ela dizer, rum eu disse para mim mesma que era rum. Só rum a primeira vez porque

um homem do conhecimento e posição dele na cidade não ia se desonrar se estivesse sóbrio. Eu entendo, ela está dizendo, entendo e obedeço a necessidade de segredo e quando ele vem na casa nunca olho nos olhos dele. Só olho a palha na boca dele, ela está dizendo, ou a vareta que ele põe na dobradiça do portão que é o sinal do nosso encontro essa noite. O sono está indo embora. Eu sento e penduro as pernas na rede. As cordas rangem e balançam. Alguma coisa na voz dela me espicaça. Uma coisa antiga. Uma coisa cortante. Olho para ela. Brilho de estrelas, luz de luar, as duas bastam para eu ver a cara dela mas nenhuma basta para saber que expressão tem. A trança está solta, fiapos escapando pela trama da rede. Ela está dizendo que não tem clã e quem manda nela é uma europa. Não tem rum da segunda vez nem da outra, ela está dizendo, mas dessas vezes ele usa as costas da mão quando tem raiva, quando ela derrama o óleo do lampião na calça dele ou quando ele encontra um bichinho no ensopado. Então vem o dia em que ele usa primeiro o punho e depois um chicote. A moeda espanhola se perdeu por um buraco no bolso do avental dela e nunca foi encontrada. Ele não pode perdoar isso. Eu já tenho catorze anos e devia saber, ela está dizendo. E agora, ela está dizendo, eu sei. Ela me conta como é andar pelas ruas da cidade limpando o sangue do nariz com os dedos, e como seus olhos estão fechando ela tropeça e as pessoas acham que está bêbada como tantas nativas e dizem isso para ela. Os presbiterianos olham a cara dela e as manchas de sangue na roupa mas não dizem nada. Eles vão até a gráfica e colocam ela à venda. Não deixam mais ela entrar na casa de forma que durante semanas ela dorme onde pode e come na tigela que deixam para ela na varanda. Como um cachorro, ela diz. Como um cachorro. Então o Patrão faz a compra mas não antes de ela escapar, torcer o pescoço de dois galos e pôr uma cabeça dentro de cada sapato do amante. Cada passo que ele der dali em diante vai ser para mais perto da ruína perpétua.

Me escute, ela está dizendo. Eu tenho a sua idade quando a carne é minha única fome. Os homens têm duas fomes. O bico que cuida também pica. Me diga, ela diz, como vai ser quando o trabalho dele terminar aqui. Será que ele vai levar você com ele? ela diz.

Não estou pensando nisso. Nem naquela hora nem nunca. Sei que você não pode me roubar nem casar comigo. Nenhuma das duas coisas é dentro da lei. O que eu sei é que eu murcho quando você vai embora e me endireito quando a Patroa me manda procurar você. Sair a trabalho não é fugir.

Pensar nessas coisas me faz andar e não deitar no chão e me deixar dormir. Estou muito cansada e querendo água.

Chego numa parte onde tem vacas pastando no meio das árvores. Se tem vacas na floresta uma fazenda ou aldeia está perto. Nem o Patrão nem a Patroa

deixam as poucas cabeças deles soltas desse jeito. Eles cercam o campo porque querem esterco e não uma briga com os vizinhos. A Patroa diz que o Patrão diz que o pasto vai logo acabar no campo então ele tem outro negócio porque a fazenda nunca vai bastar por aqui. Só as moscas negras acabam com toda a esperança se os bichos selvagens caçadores não acabarem. Uma fazenda vive ou morre pelo desejo dos insetos ou pelo capricho do tempo.

Vejo um caminho e entro. Leva para uma ponte estreita que passa por uma roda de moinho na beira do riacho. O ranger da roda e o correr da água é que dão forma ao silêncio. Galinhas dormem e cachorros vigiam. Desço depressa para a margem e bebo no rio. A água tem gosto de cera de vela. Cuspo os pedaços de palha que vêm com cada gole e volto para o caminho. Preciso de abrigo. O sol está se pondo. Noto dois chalés. Os dois têm janelas mas nenhuma luz acesa dentro. Tem outros que parecem celeiros pequenos que só recebem luz do dia pelas portas abertas. Nenhum está aberto. Não tem fumaça de fogão no ar. Estou pensando que todo mundo saiu. Então vejo uma torrinha num monte adiante da aldeia e tenho certeza de que a gente está na reza da noite. Resolvo bater na porta da casa maior, que deve ter uma criada dentro. Quando vou indo para lá olho para trás e vejo uma luz bem longe. É a única casa acesa da aldeia então escolho ir para lá. Pedras atrapalham cada passo fazendo a cera do selo arranhar forte a sola do meu pé. Começa a chuva. Macia. Devia ter cheiro doce com o aroma dos sicômoros que atravessou, mas tem cheiro de queimado, como as penas sapecadas antes de cozinhar uma ave.

Assim que eu bato uma mulher abre a porta. É muito mais alta que a Patroa, que Lina e tem olhos verdes. O resto dela é um vestido marrom e uma touca branca. Cabelo vermelho aparecendo. Ela é desconfiada e levanta a mão, palma para fora, como se eu fosse forçar a entrada. Quem mandou você? ela pergunta. Eu digo por favor. Digo que estou sozinha. Ninguém me mandou. Abrigo me trouxe aqui. Ela olha atrás de mim direita, esquerda e pergunta se não tenho proteção, não tenho companhia. Eu digo não senhora. Ela aperta os olhos e pergunta se eu sou dali ou de outro lugar. O rosto dela é duro. Digo daqui mesmo madame não conheço nenhum outro lugar. Cristã ou pagã? ela pergunta. Nunca pagã eu digo. Eu digo se bem que ouvi dizer que meu pai pode ser. E onde é que ele mora? ela pergunta. A chuva está ficando mais forte. A fome me deixa mole. Eu digo eu não conheci ele e minha mãe morreu. O rosto dela se abrande e ela balança a cabeça diz órfã, entre.

Ela me conta o nome dela, Viúva Ealing, mas não pergunta o meu. Você me desculpe, ela diz, mas tem perigo por aqui. Que perigo? eu pergunto. O diabo, ela diz, mas não se deve ligar nunca.

Tento comer devagar e não consigo. Pão duro empapado numa delícia de

mingau de cevada quente, só levanto a cabeça para dizer obrigada quando ela põe mais uma concha na tigela. Ela põe um punhado de passas junto. Estamos numa sala de bom tamanho com lareira, mesa, bancos e dois lugares de dormir, uma cama de estrado e um catre. Tem duas portas fechadas para outras partes e um lugar que parece um quartinho, um nicho, atrás, onde tem jarras e tigelas. Quando minha fome assentou bem percebo uma menina deitada na palha da cama de estrado. Debaixo da cabeça dela tem um cobertor enrolado. Um olho dela é desviado, o outro direito e fixo como o de uma loba. Os dois negros como carvão, e nada parecidos com os da Viúva. Acho que não devo começar nenhuma conversa então continuo comendo e espero a menina ou a Viúva dizerem alguma coisa. Nos pés da cama tem um cesto. Tem um cabrito deitado dentro doente demais para levantar a cabeça ou fazer um som. Quando termino a comida até a última passa a Viúva pergunta qual a finalidade de eu viajar sozinha. Conto que minha Patroa me mandou numa tarefa. Ela entorta a boca para baixo e diz que deve ser vital para arriscar a vida de uma mulher por aquelas partes. Minha senhora está morrendo eu digo. Minha tarefa pode salvar a vida dela. Ela franze a testa e olha para a lareira. Não da primeira morte, diz ela. Talvez da segunda.

Eu não entendo o que ela quer dizer. Sei que existe só uma morte e não duas e muitas vidas depois. Lembra das corujas de dia? A gente sabe na hora quem elas são. Você sabe que a clara é seu pai. Eu acho que sei quem podem ser as outras.

A menina deitada na palha levanta apoiada no cotovelo. Essa é a morte que nós viemos aqui morrer, ela diz. A voz dela é grave, como de homem, se bem que ela parece ter minha idade. A Viúva Ealing não responde e eu não quero mais olhar aqueles olhos. A menina fala de novo. Nenhum chicote, diz ela, pode mudar isso, embora a minha carne esteja cortada em tiras. Ela se levanta então e manca até a mesa onde brilha o lampião. Com a cintura alta ela levanta as saias. Vejo sangue escuro escorrendo pelas pernas. Na luz que brilha em sua pele clara as feridas parecem joias vivas.

Essa é minha Filha Jane, diz a Viúva. Essas chicotadas podem salvar a vida dela.

É tarde, a Viúva Ealing está dizendo. Eles não vão voltar até de manhã. Ela fecha as venezianas, apaga o lampião e ajoelha-se ao lado do catre. A Filha Jane volta para a palha. A Viúva sussurra rezando. O escuro ali dentro é maior que no estábulo, mais denso que a floresta. Nenhum luar vaza por uma simples fresta. Eu deito perto do cabrito doente e da lareira e meu sono quebra em pedaços com as vozes delas. O silêncio é longo e depois elas falam. Sei quem está falando não só pela direção do som mas também porque a Viúva Ealing fala as palavras de um jeito diferente da filha. Um jeito mais cantado. Então sei que é a Filha Jane

que diz como eu posso provar que não sou um demônio e é a Viúva que diz shhhh eles é que vão decidir. Silêncio. Silêncio. Então para lá e para cá elas falam. É o pasto que eles querem, Mãe. Então por que não eu? Você pode ser a próxima. Pelo menos dois dizem que viram o Homem Preto e que ele... A Viúva Ealing para e não diz mais nada por um momento e depois diz nós vamos saber quando amanhecer. Eles vão concordar que eu sou, diz a Filha Jane. Elas falam depressa uma com a outra. O saber é deles, a verdade é minha, a verdade é de Deus, então que mortal pode me julgar, você fala feito uma espanhola, escute, por favor escute, fique quieta senão Ele te escuta, Ele não vai me abandonar, nem eu, mas você tirou sangue da minha carne, quantas vezes você vai ter de ouvir que demônios não sangram.

Você nunca me diz isso e é uma coisa boa de saber. Se minha mãe não está morta ela podia estar me ensinando essas coisas.

Acho que sou a única que dorme e acordo envergonhada porque lá fora os animais já estão mugindo. Uns baas baixinhos do cabrito quando a Viúva pega ele no colo e leva para fora para mamar na cabra. Quando ela volta, abre as duas janelas e deixa a porta aberta. Dois gansos entram seguidos por uma galinha empinada. Uma outra voa pela janela juntando-se à busca de migalhas. Peço permissão para usar o cômodo atrás da cortina de cânhamo. Quando termino e saio vejo a Filha Jane segurando o rosto com as mãos enquanto a Viúva renova as feridas das pernas. Novos fios de sangue brilham entre os secos. Um bode entra e vai até a palha mascando mascando enquanto a Filha Jane chora. Quando o trabalho do sangue está satisfatório a Viúva empurra o bode para fora.

À mesa para o café da manhã de coalhada e pão a Viúva e a Filha Jane juntam as mãos, baixam a cabeça e murmuram. Eu faço igual, sussurro a oração que o Reverendo Padre me ensinou dizer de manhã e de noite minha mãe repetindo comigo. Pater Noster... Quando termino levanto a cabeça para tocar a testa e pego a testa franzida da Filha Jane. Ela sacode a cabeça que não. Então finjo que estou arrumando minha touca. A Viúva põe colheradas de geleia na coalhada e nós duas comemos. A Filha Jane recusa então nós comemos o que ela não come. Depois a Viúva vai até a lareira e gira a chaleira para cima do fogo. Eu levo as tigelas e colheres da mesa até o quartinho onde tem uma bacia de água em cima de um banco estreito. Lavo e limpo com cuidado cada peça. O ar está tenso. A água ferve na chaleira pendurada na lareira. Me viro e vejo o vapor formando figuras ao se enrolar contra a pedra. Uma forma parece a cabeça de um cachorro.

Ouvimos passos subindo o caminho. Ainda estou ocupada no quartinho e mesmo não vendo quem entra, escuto a fala. A Viúva convida as visitas a sentar. Eles recusam. Uma voz de homem diz isto é preliminar mas as testemunhas são várias. A Viúva interrompe dizendo que os olhos de sua filha são tortos porque

Deus fez assim e que não têm nenhum poder especial. E olhe, diz ela, olhe as feridas dela. O filho de Deus sangra. Nós sangramos. Demônios nunca.

Eu entro na sala. Parados lá estão um homem, três mulheres e uma menininha que me lembra de mim quando minha mãe me manda embora. Estou pensando quanto ela é linda quando ela grita e se esconde atrás da saia de uma das mulheres. Então cada visita vira para olhar para mim. As mulheres aspiram com ruído. A bengala do homem bate no chão fazendo a galinha que restou cacarejar e sair correndo. Ele pega a bengala, aponta com ela para mim e diz quem é essa? Uma das mulheres tapa os olhos dizendo valha-nos Deus. A menininha chora e balança para a frente e para trás. A Viúva sacode as duas mãos dizendo ela é uma hóspede que pediu abrigo pela noite. Nós recebemos a moça, como não aceitar? e demos comida para ela. Qual noite? o homem pergunta. Esta noite passada ela responde. Uma mulher fala dizendo eu nunca vi nenhum ser humano assim tão preto. Eu já diz outra, essa é tão preta quanto as outras que eu vi. Ela é áfrica. África e muito mais, diz outra. Olhe só esta menina diz a primeira mulher. Ela aponta a menina que treme e geme a seu lado. Escute. Escute. É verdade então diz outra. O Homem Preto está entre nós. Essa aí é a serva dele. A menininha está inconsolável. A mulher a cuja saias ela se agarra a leva para fora onde ela logo se aquieta. Não estou entendendo nada a não ser que estou em perigo como mostra a cabeça de cachorro e a Patroa é minha única defesa. Eu grito, esperem. Grito, por favor meu senhor. Acho que eles têm um choque de eu poder falar. Deixe eu mostrar para os senhores a minha carta digo mais baixo. Ela prova que não sou serva de ninguém a não ser da minha Patroa. O mais depressa que posso tiro a bota e enrolo a meia para baixo. As mulheres esticam as bocas, o homem desvia os olhos e depois olha de volta devagar. Tiro a carta da Patroa e estendo para eles mas ninguém quer tocar nela. O homem manda eu pôr em cima da mesa mas tem medo de romper o selo. Manda a Viúva fazer isso. Ela pega a cera com as unhas. Quando a cera sai ela desdobra o papel. É grosso demais para ficar aberto sozinho. Todo mundo inclusive a Filha Jane que levantou da cama olha as letras de cabeça para baixo e fica claro que só o homem sabe ler. Com a ponta da bengala ele vira o papel do lado certo e prende ali como se a carta pudesse sair voando ou se transformar em cinzas sem chama diante de seus olhos. Ele se curva e examina a carta de perto. Depois pega e lê em voz alta.

A signatária desta carta, senhora Rebekka Vaark de Milton, atesta pela pessoa feminina em cujas mãos foi depositada. Ela é de minha propriedade como se pode saber por uma marca a fogo na palma de sua mão esquerda. Permitam a cortesia de sua livre passagem e tudo o mais que possa necessitar para completar sua missão. Nossa vida, minha vida, nesta terra depende de seu rápido retorno.

Assinado Rebekka Vaark, senhora, Milton

18 de maio de 1690

À parte um pequeno som da Filha Jane tudo é silêncio. O homem olha para mim, olha a carta de novo, para mim e para a carta. Outra vez para mim, mais uma vez para a carta. Está vendo? diz a Viúva. Ele ignora a fala e vira para as duas mulheres, cochicha com elas. Me apontam uma porta que dá para um depósito e lá, parada no meio de caixas de carroça e uma roca de fiar, me dizem para tirar a roupa. Sem me tocar eles dizem o que fazer. Mostrar meus dentes, minha língua. Franzem a testa para a queimadura de vela na minha mão, aquela que você beijou para esfriar. Olham debaixo dos meus braços, entre as minhas pernas. Andam em volta de mim, se abaixam para inspecionar meus pés. Nua para o exame deles procuro o que tem nos olhos deles. Não ódio ali nem medo nem nojo mas estão olhando para mim para meu corpo de distâncias que ficam além do que se conhece. Os porcos olham para mim com mais contato quando levantam a cabeça do cocho. As mulheres desviam o olhar dos meus olhos como você diz para eu fazer com os ursos para eles não chegarem para amar e brincar. Enfim eles dizem para eu me vestir e saem, fecham a porta. Ponho minha roupa. Ouço a discussão. A menininha voltou, não chorando agora mas dizendo me dá medo me dá medo. Uma voz de mulher pergunta Satã escreveria uma carta? Lúcifer é todo engano e truques diz outra. Mas a vida de uma mulher está em jogo diz a Viúva, quem o Senhor vai punir então? A voz do homem ressoa. Vamos entregar isso para os outros ele diz. Vamos estudar, discutir, rezar e voltar com a nossa resposta. Não está claro parece se eu sou ou não sou a serva do Homem Preto. Entro na sala, a menininha grita e sacode os braços. As mulheres cercam a menina e saem depressa. O homem diz para eu não sair da casa. Ele leva a carta com ele. A Viúva vai atrás dele pelo caminho, pedindo, pedindo.

Ela volta e diz que eles querem tempo para discutir mais entre eles. Ela tem esperança por causa da carta. A Filha Jane ri. A Viúva Ealing se ajoelha para rezar. Ela reza muito tempo depois fica em pé dizendo tenho de ver uma pessoa. Preciso do testemunho e da ajuda dele.

Quem? a Filha Jane pergunta.

O xerife a Viúva diz.

A Filha Jane entorta a boca pelas costas da mãe quando ela sai.

Fico morrendo de medo olhando a Filha Jane cuidar das feridas da perna. O sol está alto e a Viúva ainda não voltou. Nós esperamos. Aos poucos o sol baixa. A Filha Jane cozinha ovos de pata e quando esfriam enrola os ovos num

quadrado de pano. Dobra um lençol e entrega para mim, aponta com um dedo para eu ir atrás dela. A gente sai da casa, vai depressa para os fundos. Todo tipo de ave cacareja e voa quando a gente passa. Vamos correndo pelo pasto. A cabra vira para olhar. O cabrito não. Mau sinal. Passamos apertadas pelo meio dos paus da cerca e corremos para a floresta. Agora a gente anda, manso, a Filha Jane na frente. O sol se esvazia, despejando o que sobra pelas sombras das árvores. Passarinhos e bichos pequenos comem e chamam os companheiros.

Chegamos num riacho, quase seco, lamacento, mais adiante. A Filha Jane me entrega o pano de ovos. Ela explica como eu tenho de ir, onde está a trilha que me leva até a estrada do correio que me leva até o povoado onde eu espero que você esteja. Eu digo obrigada e levanto a mão para beijar. Ela diz não, obrigada. Eles olham para você e esquecem de mim. Ela beija minha testa e depois olha eu seguir pelo leito seco do riacho. Eu viro e olho para ela. Você é um demônio? eu pergunto. O olho torto dela está direito. Ela ri. Sou, ela diz. Ah, sou, sim. Agora vá.

Caminho sozinha a não ser pelos olhos que vão comigo na minha viagem. Olhos que não me reconhecem, olhos que me examinam procurando um rabo, um peito extra, um chicote de homem no meio das minhas pernas. Olhos desconfiados que olham e resolvem se meu umbigo está no lugar certo se meus joelhos torcem para trás como as patas da frente de um cachorro. Querem ver se minha língua é partida como de cobra ou se meus dentes são pontudos para mastigar todos eles. Eles sabem se eu posso saltar da escuridão e morder. Por dentro estou encolhendo. Sigo o leito do riacho debaixo das árvores vigilantes e sei que não sou a mesma. Estou perdendo alguma coisa a cada passo. Dá para sentir esvaziando. Alguma coisa preciosa está saindo de mim. Sou uma coisa à parte. Com a carta eu tenho um lugar e estou dentro da lei. Sem ela sou uma novilha fraca abandonada pelo rebanho, uma tartaruga sem casca, uma serva sem nenhum sinal revelador além de uma escuridão com que eu nasci, por fora, sim, mas por dentro também e a de dentro é pequena, tem penas e dentes. É isso que minha mãe sabe? Por que ela me escolhe para viver sem? Não a escuridão de fora que nós duas temos, *a minha mãe* e eu, mas a de dentro que não temos. Essa tinta é minha só? A coisa com penas e garras é a única vida em mim? Você vai me dizer. Você tem o escuro por fora também. E quando eu encontrar você e cair em cima de você vou saber que estou viva. De repente não é como antes quando eu estava sempre assustada. Não tenho medo de nada agora. A despedida do sol deixa escuridão para trás e o escuro é eu. É nós. É minha casa.

Ela não ligava quando a chamavam de Sorrow, contanto que a Twin, a *Gêmea*, continuasse a usar seu nome de verdade. Era fácil se confundir. Às vezes era a dona da casa, ou o serrador, ou os filhos que precisavam dela; outras vezes Twin queria companhia para conversar, para andar, para brincar. Ter dois nomes era conveniente, uma vez que Twin não podia ser vista por ninguém. Então se ela estava esfregando roupas ou tocando os gansos e ouvia o nome que o Capitão usava, ela sabia que era Twin. Mas se alguma voz chamava “Sorrow” ela sabia o que esperar. Preferível, claro, era quando Twin chamava da porta do moinho ou sussurrava perto da orelha dela. Então ela largava o que estivesse fazendo e seguia o seu eu idêntico.

Tinham se encontrado debaixo da rede do cirurgião no navio saqueado. Todo mundo tinha morrido ou se afogado, e ela podia ter ido também, se não estivesse num sono de ópio na enfermaria do navio. Levada lá para removerem os

furúnculos que tinha no pescoço, ela bebeu a mistura que o cirurgião disse que ia cortar a dor. Então quando o navio naufragou ela nem soube, e se qualquer tripulante ou passageiro não mortos escapou, ela nem soube também. O que se lembrava era de acordar depois de cair no chão debaixo da rede, sozinha. O Capitão, pai dela, em lugar nenhum.

Antes de vir para a casa do serrador, Sorrow nunca tinha vivido em terra. Agora as lembranças do navio, único lar que conheceu, pareciam roubadas junto com a carga: fardos de pano, arcas de ópio, caixotes de munição, cavalos e barris de melado. Até os vestígios do Capitão eram tênues. Depois de procurar sobreviventes e comida, levando com os dedos o melaço derramado no convés direto para a boca, noites ouvindo o vento frio e o lamber do mar, Twin veio juntar-se a ela debaixo da rede e ficaram juntas desde então. Ambas desceram engatinhando pelo mastro quebrado e começaram a andar por um litoral rochoso. Os pedaços de peixe morto que comeram intensificaram sua sede, que elas esqueceram ao ver dois corpos balançando nas ondas. Foi o inchaço e o balanço que as deixaram incautas a ponto de andarem por dentro da água das pedras até uma lagoa bem quando a maré estava subindo. Ambas foram levadas para alto-mar; ambas nadaram enquanto conseguiram, até o frio dominar seus sentidos e elas nadarem não para a terra, mas para o horizonte. Muito boa sorte, porque entraram numa corrente que acompanhava a costa de comprido e penetrava num rio adiante.

Sorrow acordou nua debaixo de uma coberta, com um pano úmido quente na testa. O cheiro de madeira cortada era penetrante. Uma mulher de cabelo branco cuidava dela.

“Que tristeza”, disse a mulher sacudindo a cabeça. “Que coisa triste você estava. Mas forte. Acho, para uma criada.” Ela puxou a coberta até o queixo da náufraga. “A gente achou pela roupa que você era um rapaz. Mas você não está morta.”

Era uma boa notícia, porque Sorrow achou que estava até Twin aparecer aos pés do catre, rindo, segurando o rosto nas mãos. Reconfortada, Sorrow dormiu de novo, mas calma agora com Twin aninhada perto.

Na manhã seguinte acordou com o crepitar de serras e o ainda mais forte cheiro de madeira lascada. A mulher do serrador entrou trazendo uma camisa de homem e uma calça de menino.

“Isto vai ter de servir por enquanto”, disse. “Vou precisar fazer para você alguma coisa melhor, porque não tem nada para emprestar na aldeia. E vai ficar sem sapato por algum tempo.”

De cabeça leve e cambaleante, Sorrow vestiu as roupas secas de rapaz, depois foi atrás do cheiro de comida. Quando acabou de consumir um extravagante café

da manhã, estava alerta o suficiente para dizer coisas, mas não para lembrar coisas. Quando perguntaram seu nome, Twin cochichou NÃO, então ela deu de ombros e achou esse gesto conveniente para outras informações que não conseguia ou fingia não conseguir lembrar.

Onde você mora?

No navio.

Sei, mas nem sempre.

Sempre.

Onde está sua família?

Dar de ombros.

Quem mais estava no navio?

Gaivotas.

De gente, menina...

Ombros.

Quem era o capitão?

Ombros.

Bom, como você chegou à terra?

Sereias. Quer dizer, baleias.

Foi quando a dona de casa a batizou. No dia seguinte ela lhe deu um vestido de saco, uma touca limpa para cobrir aquele cabelo inacreditável e ligeiramente ameaçador, e disse para ela cuidar dos gansos. Jogar o grão, levar até a água e impedir que fossem embora nadando. Os pés nus de Sorrow lutavam com a perturbadora gravidade da terra. Ela tropeçou e caiu tanto naquele primeiro dia na lagoa que quando dois gansinhos foram atacados por um cachorro formou-se o caos, levou uma eternidade para reagrupar o bando. Ela ficou nisso mais uns dias, até a dona de casa levantar as mãos e colocá-la em tarefas simples — nenhuma das quais se mostrou satisfatória. Mas o prazer de ralhar com uma criada incompetente superava qualquer satisfação com uma tarefa benfeita, e a dona de casa esbravejava contente contra todo canto mal varrido, fogo mal acendido, panela lavada pela metade, jardim regado de qualquer jeito e ave mal depenada. Sorrow se concentrava na hora das refeições e na arte de escapar para passeios curtos com Twin, brincadeiras entre as tarefas ou no lugar delas. De vez em quando tinha companhia secreta que não era Twin, mas não melhor que Twin, que era sua segurança, seu divertimento, seu guia.

A dona de casa lhe disse que era o sangue menstrual; que todas as mulheres passavam por isso, e Sorrow acreditou nela até o mês seguinte, e o seguinte, e o seguinte, quando o sangue não voltou. Twin e ela conversaram a respeito, se isso então era o resultado das coisas que aconteciam atrás da pilha de tábuas, os dois irmãos presentes, em vez do que a dona de casa tinha dito. Porque a dor estava

fora entre as pernas, não dentro como a dona de casa disse que era natural. A dor ainda estava lá quando o serrador pediu para o Patrão levá-la embora, dizendo que a esposa não podia ficar com ela.

O Patrão perguntou: “Onde ela está?”, e Sorrow foi chamada ao moinho.

“Quantos anos?”

Quando o serrador balançou a cabeça, Sorrow falou. “Acho que eu tenho onze anos agora.”

O patrão deu um grunhido.

“Não pense no nome”, disse o serrador. “Pode chamar como quiser. Minha mulher chama de Sorrow porque ela foi abandonada. Ela é meio esquisita como o senhor pode ver. Apesar disso, vai trabalhar sem reclamar.”

Enquanto ele falava, Sorrow viu o sorriso de lado no rosto dele.

Ela foi montada atrás da sela do Patrão durante quilômetros com uma parada no caminho. Como era sua primeira vez montada a cavalo, a queimação a levava às lágrimas. Balançando, sacudindo, agarrada ao casaco do Patrão, ela acabou vomitando nele. Ele puxou a rédea então, carregou-a para o chão, deixou que descansasse enquanto limpava o casaco com uma folha de tussilagem. Ela aceitou a bolsa de água, mas o primeiro golpe voltou junto com o que restava em seu estômago.

“Sorrow mesmo”, o Patrão resmungou.

Ela ficou grata quando se aproximaram da fazenda e ele a desceu para que caminhasse o resto do trajeto. Ele olhava para trás a cada duzentos metros, para ter certeza de que ela não tinha caído nem vomitado de novo.

Twin sorriu e bateu palmas quando vislumbrou a fazenda. Durante toda a viagem cavalgando atrás do Patrão, Sorrow olhava em torno com um medo que teria sido ainda mais profundo se não estivesse sofrendo náusea além da dor. Milhares de pinheiros se erguiam como mastros negros de navio e quando eles sumiram outro tipo de pinheiro, grosso como o comprimento de um cavalo, lançava sombras sobre a cabeça deles. Por mais que tentasse, ela nunca via o alto dos pinheiros, por isso achava que eles penetravam no céu. De vez em quando um vulto peludo e grande parado entre as árvores observava a passagem deles. Uma hora, quando um alce atravessou na frente dos dois, o Patrão teve de desviar e virar o cavalo quatro vezes para poder continuar. Então, quando ela acompanhou o cavalo do Patrão a uma clareira inundada de sol e ouviu o grasnar de patos perto, nem ela nem Twin podiam ficar mais aliviadas. Ao contrário da dona de casa, a Patroa e Lina tinham ambas nariz pequeno e reto; a pele da Patroa era igual clara do ovo, a de Lina parda como as cascas. Antes de mais nada, comida ou descanso, Lina insistiu em lavar o cabelo de Sorrow. Não eram só os gravetos e os pedaços de palha escondidos debaixo da touca que a

incomodavam; ela temia os piolhos. Era um medo que surpreendia Sorrow, que achava os piolhos, assim como carrapatos, pulgas ou qualquer outro ocupante de seu corpo, mais um incômodo que um perigo. Lina pensava diferente e depois de lavar o cabelo esfregou a moça duas vezes antes de deixá-la entrar na casa. Então, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, deu-lhe um trapo com sal para limpar os dentes.

O Patrão, segurando a mão de Patrician, anunciou que ela ia ficar confinada à casa à noite. Quando a Patroa perguntou por quê, ele disse: “Me disseram que ela foge”.

Na friagem da primeira noite, encolhida numa esteira perto da lareira, Sorrow dormiu e acordou, dormiu e acordou, embalada continuamente pela voz de Twin descrevendo os milhares de homens que andavam sobre as ondas, cantando sem palavras. Seus dentes brilhando mais que as espumas a seus pés. E como, à medida que o céu escurecia e a lua subia, os ângulos de sua pele negro-noite prateavam. O cheiro de terra, madura e argilosa, fazia brilhar os olhos da tripulação, mas fazia chorarem os caminantes do mar. Confortada pela voz de Twin e pela gordura animal que Lina espalhara em suas partes baixas, Sorrow caiu no primeiro sono doce que dormia em meses.

Mesmo assim, naquela primeira manhã, ela vomitou o café assim que engoliu. A Patroa lhe deu chá de milefólio e a pôs para trabalhar na horta. Enquanto arrancava nabos tardios do chão, podia ouvir o Patrão quebrando pedras num campo distante. Patrician, agachada perto da horta, comia uma maçã amarela olhando para ela. Sorrow acenou. Patrician acenou de volta. Lina apareceu e fez a menina ir embora. Daí em diante ficou claro para Twin, mesmo que não para Sorrow, que Lina mandava e decidia tudo e que o Patrão e a Patroa não. Ela ficava de olho em tudo mesmo quando estava longe. Levantava antes de o galo cantar, entrava na casa no escuro, tocava a Sorrow adormecida com a ponta do mocassim e demorava atijando as brasas. Ela examinava os cestos, olhava debaixo das tampas dos potes. Conferindo os suprimentos, Sorrow pensou. Não, disse Twin, conferindo se você roubou comida.

Lina falava muito pouco com ela, nem mesmo “bom dia”, e só quando o sentido do que tinha a dizer era urgente. Por isso foi ela que contou a Sorrow que ela estava grávida. Lina tinha pegado um cesto de pãoço das mãos de Sorrow. Olhou direto nos olhos dela e disse: “Você sabe que está com menino, menina?”.

Sorrow ficou de boca aberta. Então enrubesceu de prazer ao pensar que uma pessoa de verdade, uma pessoa dela mesma, crescia dentro dela.

“O que eu devo fazer?”, perguntou.

Lina simplesmente olhou para ela e, apoiando o cesto na cintura, afastou-se. Se a Patroa ficou sabendo, nunca disse, talvez porque também estivesse grávida.

O parto de Sorrow veio cedo demais, Lina explicou a ela, para que o bebê pudesse sobreviver, mas a Patroa teve um bebê gordo que alegrou todo mundo — durante seis meses pelo menos. Eles o puseram junto com o irmão no sopé da encosta atrás da casa e fizeram orações. Embora Sorrow achasse que tinha visto seu recém-nascido bocejar, Lina embrulhou-o num pedaço de saco e estendeu na parte mais larga do ribeirão e bem abaixo do dique dos castores. Ele não tinha nome. Sorrow chorou, mas Twin disse para ela não chorar. “Eu estou sempre com você”, disse. Foi algum consolo, mas levou anos para Sorrow se livrar da ideia firme de seu bebê respirando água debaixo da mão de Lina. Sem ninguém com quem conversar, ela contava mais e mais com Twin. Com ela, Sorrow nunca sentia falta de amizade ou de conversa. Mesmo que a fizessem dormir por dentro, havia histórias para ouvir e elas podiam sair juntas durante o dia para passear e brincar na floresta. Havia as cerejas também, e as nozes do diácono. Mas ela precisava sossegar. Uma vez ele lhe trouxe um lenço de pescoço que ela encheu de pedras e jogou no riacho, sabendo que uma coisa fina daquelas ia despertar a raiva de Lina assim como alertar a Patroa. E, embora outro bebê da Patroa tivesse perecido, Patrician continuava saudável. Durante um breve tempo Lina pareceu convencida de que a morte dos meninos não era culpa de Sorrow, mas quando o cavalo quebrou a cabeça de Patrician ela mudou de ideia.

Aí chegou a Florens.

Aí chegou o ferreiro. Duas vezes.

Quando Florens chegou, era inverno duro, Sorrow curiosa e feliz de ter alguém novo, sorriu e ia dar um passo adiante para tocar uma das tranças grossas da menininha. Mas Twin a deteve, grudada no rosto de Sorrow, a gritar: “Não! Não!”. Sorrow identificou o ciúme de Twin e espantou com a mão o rosto dela, mas não a tempo. Lina tinha tirado o xale dela e enrolado nas costas da menina, que carregou no colo e levou para o estábulo. Depois disso, a menina pertencia a Lina. Dormiam juntas, tomavam banho juntas, comiam juntas. Lina fez roupas para ela e sapatinhos com pele de coelho. Sempre que Sorrow chegava perto, Lina dizia: “Fora”, ou mandava ela fazer alguma coisa que precisava ser feita imediatamente, o tempo todo garantindo que ninguém mais percebesse a desconfiança que cintilava em seus olhos. Sorrow lembrava como eles se estreitaram, brilharam, quando o Patrão a fez dormir dentro da casa. E, embora Lina a ajudasse durante o parto, Sorrow nunca esqueceu o bebê respirando água todo dia, toda noite, descendo todos os riachos do mundo. Mantida à distância da menina nova como tinha sido com Patrician, Sorrow se comportou daí em diante do modo que sempre se comportara — com plácida indiferença por todo mundo, a não ser Twin.

Anos depois, quando veio o ferreiro, o tempo no lugar mudou. Para sempre.

Twin notou isso primeiro, disse que Lina tinha medo do ferreiro e tentara alertar a Patroa contra ele, mas o alerta foi em vão. A Patroa não deu atenção. Ela estava feliz demais para se precaver porque o Patrão já não viajava. Ele estava sempre trabalhando na nova casa, recebendo entregas, estendendo cordões de ângulo a ângulo e conversando intimamente com o ferreiro sobre o desenho do portão. Lina apavorada; a Patroa cantarolando de contentamento; o Patrão muito animado. Florens, claro, a mais confusa.

Nem Sorrow nem Twin tinham resolvido o que pensar exatamente sobre o ferreiro. Ele parecia íntegro, sem consciência do seu efeito. Ele era o perigo que Lina via nele ou o medo dela era mero ciúme? Ele era o perfeito parceiro de obras do Patrão ou uma maldição para Florens, alterando o comportamento dela de aberto para furtivo? Ainda estavam para decidir, quando Sorrow, ao voltar do ribeirão com um balde de água, caiu, queimando e tremendo, perto da construção. Foi pura sorte o ferreiro estar bem ali e ver a queda dela. Ele a carregou e a levou ao catre onde ele dormia. O rosto e os braços de Sorrow estavam ficando com vergões. O ferreiro tocou os furúnculos do pescoço dela, depois gritou. O Patrão olhou pela porta e Florens veio correndo. A Patroa chegou e o ferreiro pediu vinagre. Lina foi buscar e quando voltou ele encharcou os furúnculos e a pele do rosto e dos braços dela, lançando-a em espasmos de dor. Enquanto as mulheres aspiravam e o Patrão franzia a testa, o ferreiro usou uma faca e abriu um dos inchaços. Eles ficaram observando em silêncio quando ele pingou gotas do sangue da própria Sorrow nos lábios dela. Todos acharam melhor não levá-la para a casa, de forma que Sorrow ficou suando numa rede o dia inteiro, a noite inteira — sem permissão de comer nem de beber —, as mulheres se alternando para abaná-la. A brisa constante dos leques invocara o vento das velas e o Capitão, o leme nas mãos. Ela o ouviu antes de vê-lo. Rindo. Alto, rouco. Não. Não rindo. Gritando. Junto com os outros. Agudos e graves, os gritos eram distantes, do outro lado das nuvens brancas que a cercavam. Cavalos também. Batendo os cascos. Soltos lá de baixo. A saltar por cima de sacos de grãos e escoicear barris até as tábuas romperem e um negrume grosso e doce despejar para fora. Mesmo assim, ela não conseguia se mexer nem afastar as nuvens. Empurrando, empurrando, ela caiu no chão enquanto as nuvens cobriam e sufocavam todo o seu ser, convencendo-a de que os gritos eram das gaivotas. Quando voltou a si, olhos, da forma e da cor dos dela mesma, a saudaram. As nuvens estufadas, em farrapos agora, se dispersaram.

“Estou aqui”, disse a moça com um rosto igualzinho ao seu. “Estou sempre aqui.”

Com Twin Sorrow tinha menos medo, e as duas começaram a revistar o navio silencioso, inclinado. Devagar, devagar. Espiando aqui, ouvindo ali, sem

encontrar nada além de um boné e gaivotas bicando o resto de uma corda.

Debaixo do leque a abanar, banhada em suor, Sorrow lembrou-se que gelava dia após dia no navio. Fora o vento gelado, nada se mexia. À popa o mar, à proa uma praia rochosa abaixo de um despenhadeiro de pedra e mato. Sorrow nunca tinha pisado em terra e estava aterrorizada de deixar o navio pela praia. Era tão estranha a ela quanto o mar para o carneiro. Twin tornou possível. Quando elas desceram, a terra — seca, dura, grossa, odiosa — a chocou. Foi quando entendeu a escolha do Capitão de mantê-la a bordo. Ele a criara não como uma filha mas como uma espécie de futuro membro da tripulação. Suja, de calça, ao mesmo tempo rebelde e obediente com uma habilidade importante, remendar e costurar velas.

A Patroa e Lina discutiram com o ferreiro se ela devia ser forçada a comer e beber, mas ele prevaleceu, insistindo que não consumisse nada. Convencidas por aquela faca quente e a cura de sangue, elas concordaram. Abanar e manter os furúnculos banhados em vinagre apenas. Ao fim do terceiro dia, a febre de Sorrow cedeu e ela implorou por água. O ferreiro segurou sua cabeça enquanto ela bebia de uma gamela de cabaça. Ao levantar os olhos, ela viu Twin sentada nos galhos acima da rede, sorrindo. Logo Sorrow disse que estava com fome. Pouco a pouco, sob os cuidados do ferreiro e os serviços de Florens, os furúnculos encolheram, os vergões sumiram e sua força voltou. Agora sua cabeça estava clara: o ferreiro era um salvador. Lina, porém, ficou realmente odiosa em seus esforços para manter Florens longe da paciente e do tratador, resmungando que tinha visto essa doença antes quando era criança e que ia se espalhar como mofo entre eles todos. Mas ela perdeu a batalha com Florens. Quando Sorrow se recuperou, Florens caiu vítima de outra doença muito mais demorada e extremamente mais letal.

Foi enquanto estava deitada na campina à beira da floresta, ouvindo Twin contar sua história favorita, sobre um cardume de mulheres-peixe com pérolas no lugar dos olhos e cachos verde-negros de cabelos de algas correndo umas atrás das outras, montadas nas costas de uma frota de baleias, que Sorrow viu pela primeira vez o ferreiro e Florens enrolados um no outro. Twin tinha acabado de chegar àquele pedaço em que os pássaros marinhos, excitados com a trilha de espuma deixada pela frota como estrelas cadentes, se juntavam à corrida, quando Sorrow pôs um dedo nos lábios e apontou com o outro. Twin parou de falar e olhou. O ferreiro e Florens estavam balançando e, ao contrário do cio das fêmeas dos animais da fazenda, ela não estava parada quieta debaixo do peso e do ímpeto do macho. O que Sorrow viu ao longe na grama debaixo de uma nogueira não era a submissão silenciosa ao ato lento atrás de uma pilha de lenha nem ao ato apressado num banco de igreja que Sorrow conhecia. Aquela fêmea

ali estendida chutava com os calcanhares e batia a cabeça para a esquerda e para a direita, para a frente e para trás. Era uma dança. Florens rolava e se retorcia das costas dela para as dele. Ele a levantou contra a noqueira; ela pousou a cabeça no ombro dele. Uma dança. Horizontal num minuto, no outro minuto vertical.

Sorrow ficou olhando até terminar; até, cambaleantes como velhos cansados, eles se vestirem. Tudo terminou quando o ferreiro agarrou o cabelo de Florens, puxou sua cabeça para trás e pôs a boca na dela. Então seguiram em direções diferentes. Ela se surpreendeu de ver isso. Em todos os contatos que conhecia, ninguém tinha beijado sua boca. Nunca.

Era natural, uma vez que o Patrão morrera e a Patroa estava doente, mandar chamar o ferreiro. E ele veio. Sozinho. Olhou por um tempo a grande casa nova antes de desmontar. Depois olhou a barriga de Sorrow, depois os olhos dela antes de lhe entregar as rédeas. Virou-se para Lina.

“Me leva até ela”, disse.

Sorrow correu de volta depois de amarrar o cavalo mais depressa que seu peso permitia e os três entraram na casa. Ele parou e, sentindo o cheiro, olhou a panela de artemísia cozida e outras coisas do preparado de Lina.

“Quanto tempo faz que ela está de cama?”

“Cinco dias”, Lina respondeu.

Ele soltou um grunhido e entrou no quarto da Patroa. Lina e Sorrow ficaram olhando da porta quando ele se agachou ao lado do leito da doente.

“Obrigada por ter vindo”, sussurrou a Patroa. “Vai me fazer beber meu sangue? Acho que não sobrou nem um pouco. Nem um pouco que não esteja poluído.

Ele sorriu e alisou o rosto dela.

“Eu estou morrendo?”, ela perguntou.

Ele balançou a cabeça. “Não. A doença morreu. A senhora não.”

A Patroa fechou os olhos. Quando abriu de novo eles estavam úmidos e ela os cobriu com as costas da mão enfaixada. Ela agradeceu de novo e de novo, então mandou Lina preparar alguma coisa para ele comer. Quando ele saiu do quarto, Lina o seguiu. Sorrow também, mas não antes de virar para dar uma última olhada. Foi quando ela viu a Patroa jogar longe a coberta e se pôr de joelhos. Sorrow viu que ela usava os dentes para desamarrar as bandagens das mãos, depois juntou as palmas. Olhando em torno do quarto onde em geral estava proibida de entrar, Sorrow notou os fios de cabelo grudados no travesseiro úmido; notou também como pareciam desamparadas as solas dos pés pálidos da Patroa, por baixo da barra da camisola. De joelhos, a cabeça baixa, ela parecia completamente sozinha no mundo. Sorrow entendeu que criadas, por muitas que fossem, não faziam diferença. De alguma forma seu cuidado e devoção não

importavam a ela. Então a Patroa não tinha ninguém — absolutamente ninguém. A não ser Aquele para quem sussurrava: “Obrigada, Senhor, pela graça salvadora que me concedeu”.

Sorrow afastou-se na ponta dos pés, saiu para o pátio onde o ar perfumado pelos pinheiros apagou o cheiro do quarto da doente. Em algum lugar um pica-pau batia. Quando lebres saltaram no canteiro de rabanetes, Sorrow pensou em correr atrás delas, mas, exausta com seu peso, resolveu que não. Em vez disso sentou-se na relva à sombra da casa, alisando os movimentos de sua barriga inchada. Acima dela pela janela da cozinha podia ouvir o bater de uma faca, uma colher arranhando uma xícara ou um prato enquanto o ferreiro comia. Ela sabia que Lina também estava lá, mas não falou até o som de uma cadeira raspando o chão anunciar que o ferreiro se levantara. Então Lina fez as perguntas que a Patroa não fizera.

“Onde ela está? Ela está bem?”

“Claro.”

“Quando ela vai voltar? Quem vai trazer ela de volta?”

Um silêncio longo demais para Lina.

“São quatro dias já. Você não pode ficar com ela contra a vontade dela.”

“Por que eu ficaria?”

“Então? Me conte!”

“Quando for bom para ela, ela volta.”

Silêncio.

“Você vai passar a noite?”

“Uma parte. Muito obrigado pela comida.”

E com isso ele saiu. Passou por Sorrow, retribuiu o sorriso dela com outro e avançou pela ladeira até a casa nova. Devagar acariciou o trabalho de ferro, uma curva aqui, uma junção ali, experimentou o dourado para ver se esfarelava. Em seguida foi até o túmulo do Patrão e ficou ali parado sem chapéu. Depois de algum tempo entrou na casa vazia e fechou a porta ao passar.

Ele não esperou o nascer do sol. Sem dormir e incomodada, Sorrow ficou parada na porta assistindo a ele ir embora na escuridão que antecedia a manhã tão serenamente alegre como um potro. Ficou logo claro, porém, que Lina continuava em desespero. As perguntas que a atormentavam instalaram-se em seus olhos: o que estava realmente acontecendo com Florens? Ela ia voltar? O ferreiro dizia a verdade? Mesmo com toda sua gentileza e poder de cura, Sorrow se perguntou se não estaria errada sobre ele e Lina certa o tempo todo. Impregnada com as percepções profundas das futuras mães, Sorrow duvidava. Ele tinha salvado sua vida com vinagre e seu próprio sangue; tinha percebido de imediato o estado da Patroa e qual solvente receitar para diminuir a escoriação.

Lina era simplesmente desconfiada com qualquer pessoa que ficasse entre ela e Florens. Entre atender às novas exigências da Patroa e sondar o caminho por Florens, Lina tinha pouco tempo ou vontade para qualquer outra coisa. A própria Sorrow, incapaz de se curvar, levantar qualquer coisa pesada ou mesmo andar cem metros sem ficar com a respiração pesada, também era culpada pelo que estava acontecendo na fazenda. Cabras vinham dos quintais da aldeia e estragavam a horta e o jardim recém-plantados. Camadas de insetos boiavam no barril de água que ninguém tinha lembrado de tampar. A roupa lavada úmida durante muito tempo começava a mofar e nenhuma delas a levava ao rio para lavar de novo. Tudo estava desarranjado. O tempo estava esquentando e o resultado da visita cancelada de um touro vizinho foi que nenhuma vaca engravidou. Hectares e hectares precisavam ser revolvidos; o leite virava coalhada no latão. Uma raposa andava pelo galinheiro a hora que queria e ratos comiam os ovos. A Patroa não ia se recuperar a tempo de pegar o monturo em que a fazenda estava despencando. E sem sua querida, Lina, a burra de carga silenciosa, parecia ter perdido o interesse em tudo, inclusive se alimentar. Dez dias de abandono e colapso por toda parte. Foi então que no silêncio da tarde de um dia fresco de maio, numa fazenda descuidada recentemente envolta em varíola, a bolsa de Sorrow rompeu, detonando seu pânico. A Patroa não estava bem a ponto de ajudá-la, e, lembrando do bocejo, ela não confiava em Lina. Proibida de entrar na aldeia, não tinha escolha. Twin estava ausente, estranhamente silenciosa ou hostil quando Sorrow tentou discutir o que fazer, aonde ir. Com uma tênue esperança de que Will e Scully estivessem postados como sempre em sua jangada de pesca, ela levou uma faca e um cobertor para a margem do rio no momento em que veio a primeira dor. Lá ficou, sozinha, guinchando quando precisava, dormindo nos intervalos, até a brutal repuxada seguinte de corpo e respiração. Horas, minutos, dias — Sorrow não conseguia dizer quanto tempo se passou antes de os homens ouvirem seus gemidos e levarem a jangada para a margem do rio. Os dois entenderam o estado de Sorrow tão depressa como entenderiam o de qualquer criatura prestes a parir. Um pouco desajeitados, seu propósito limitado à sobrevivência do recém-nascido, puseram-se a trabalhar. Ajoelhados na água enquanto Sorrow empurrava, eles puxaram, soltaram e viraram a pequena forma entre as pernas delas. Sangue e outras coisas escorreram pelo rio, atraindo jovens peixes. Quando o bebê, uma menina, vagiu, Scully cortou o cordão, depois a entregou à mãe que a lavou, esfregou a boca, as orelhas, os olhos sem foco. Os homens se congratularam e se ofereceram para levar mãe e criança de volta à fazenda. Sorrow repetia “obrigada” a cada respiração e recusou. Queria descansar e voltaria sozinha. Willard deu um tapa na nuca de Scully, rindo.

“Bela parteira, eu diria.”

“Nem fale”, respondeu Scully enquanto voltavam à jangada.

Depois da expulsão da placenta, Sorrow enrolou o bebê no cobertor e ficou dormindo e acordando durante horas. Em algum momento antes do pôr do sol ela acordou com um grito e apertou os seios até que um verteu. Embora em toda sua vida tivesse sido socorrida por homens — o Capitão, os filhos do serrador, o Patrão e agora Will e Scully —, estava convencida de que dessa vez tinha feito alguma coisa, alguma coisa importante, sozinha. A ausência de Twin mal foi notada enquanto se concentrava na filha. No mesmo instante soube como chamá-la. Soube também como chamar a si mesma.

Dois dias vieram e passaram. Lina escondeu seu desgosto por Sorrow e sua ansiedade por Florens debaixo de uma máscara de calma. A Patroa não disse nada do bebê, mas mandou pedir a Bíblia e proibiu qualquer um de entrar na casa nova. A certa altura, Sorrow, levada pela legitimidade de seu novo status de mãe, teve a ousadia de observar para sua Patroa: “Foi bom o ferreiro vir ajudar quando a senhora estava morrendo”. A Patroa a encarou.

“Bobagem”, ela respondeu. “Só Deus cura. Nenhum homem tem esse poder.”

Sempre houvera cordões emaranhados entre elas. Agora estavam cortados. Cada mulher interditava a si mesma; tecia a própria trama de pensamentos não disponíveis para ninguém mais. Era como se com ou sem Florens, elas estivessem se afastando umas das outras.

Twin tinha ido embora, sem deixar traço e sem fazer falta à única pessoa que a conhecia. As fugas de Sorrow pararam também. Ela agora atendia a deveres de rotina, organizava-os em torno das necessidades do bebê, impávida às reclamações das outras. Tinha olhado nos olhos de sua filha; visto neles o brilho cinzento de um mar de inverno enquanto um navio velejava a barlavento. “Eu sou sua mãe”, disse. “Meu nome é Complete, *Completa*.”

Minha viagem até você é difícil e longa, e a dor dela desaparece assim que vejo você no pátio, a forja, a cabana pequena onde você está. Perco o medo de que eu possa nunca mais neste mundo ver o seu sorriso de boas-vindas ou sentir o açúcar de seu ombro quando você me pega nos braços. O cheiro de fogo e cinzas me estremece, mas é a alegria dos seus olhos que dispara o meu coração. Você me pergunta como, quanto tempo e ri da minha roupa, dos arranhados por todo lado. Mas quando respondo seu porquê, você franze a testa. Nós combinamos, você decide e eu concordo, porque não tem outro jeito. Você vai imediatamente até a Patroa, mas sozinho. Eu tenho de esperar aqui você diz. Não posso ir com você porque é mais rápido sem mim. E tem uma outra razão, você diz. Você vira a cabeça. Meus olhos seguem na direção do seu olhar.

Isso acontece duas vezes antes. A primeira vez é eu espiando de trás do vestido da minha mãe à espera da mão que é só para o menininho dela. A

segunda vez é uma menininha que aponta gritando por trás da mãe e se agarra nas saias dela. As duas vezes são cheias de perigo e eu sou expulsa. Agora estou vendo um menininho entrar com uma boneca de sabugo de milho. Ele é mais novo que todo mundo que eu conheço. Você estende o indicador para ele e ele agarra. Você diz é por causa disto que eu não posso viajar com você. A criança que você chama de Malaik não pode ficar sozinha. É um enjeitado. O pai está apoiado nas rédeas e o cavalo continua até parar para comer grama no campo. As pessoas da aldeia chegam, descobrem que ele está morto e encontram o menino sentado quietinho na carroça. Ninguém sabe quem é o homem morto e nada nos pertences dele revela. Você aceita o menino até o futuro em que um cidadão ou magistrado arrume lugar para ele, que pode ser nunca porque embora a pele do homem morto seja rosada a do menino não é. Então talvez ele não seja filho nenhum. Minha boca fica seca quando penso que você quer que ele seja seu.

Me preocupa quando o menino chega perto de você. Você oferece e ele fica dono do seu dedo. Como se ele é seu futuro. Não eu. Não estou gostando como ficam os olhos dele quando você manda ele brincar no pátio. Mas aí você lava a minha viagem do meu rosto e dos meus braços e me dá ensopado. Eu preciso de sal. Os pedaços de coelho são grossos e macios. Minha fome é grande mas minha felicidade é maior. Não posso comer muito. A gente conversa de muitas coisas e eu não digo o que estou pensando. Que eu vou ficar. Que quando você voltar depois de curar a Patroa se ela viver ou não eu estou aqui com você sempre. Nunca nunca sem você. Aqui eu não sou a que se joga fora. Ninguém rouba meu agasalho e meus sapatos porque eu sou pequena. Ninguém passa a mão no meu traseiro. Ninguém relincha feito carneiro ou cabrito porque eu caí de medo e fraqueza. Ninguém grita quando me vê. Com você meu corpo é prazer é segurança é pertencido. Não posso nunca ficar sem você ficar comigo.

Estou calma quando você vai mesmo que você não me toque de perto. Nem ponha a boca na minha. Você monta e me pede para regar os brotos de feijão e catar os ovos. Eu vou lá mas as galinhas não fazem nada então eu sei que *a minha mãe* vai chegar logo. O menino Malaik está perto. Ele dorme atrás da porta de onde você dorme. Eu estou calma, quieta, sabendo que você vai estar aqui de novo. Tiro as botas do Patrão e deito na sua cama tentando encontrar o seu cheiro de fogo. Fatias de luz das estrelas passam pelas persianas. *A minha mãe* se apoia na porta segurando a mão do menininho dela, meus sapatos no bolso dela. Como sempre ela está tentando me dizer alguma coisa. Eu digo para ela ir e quando ela desaparece escuto um estalinho. No escuro eu sei que ele está ali. Olhos grandes, pensando e frio. Levanto, vou até ele e pergunto o que foi. O que Malaik, o quê? Ele fica em silêncio mas o ódio nos olhos dele fala alto. Ele

quer que eu vá embora. Isso não pode ser. Sinto o aperto dentro. Essa expulsão não pode acontecer nunca de novo.

Eu sonho um sonho que me sonha de volta. Estou de joelhos na grama macia com trevo branco brotando. Tem um cheiro doce e eu abaixo para cheirar de perto. Mas o perfume desaparece. Eu percebo que estou na beira de um lago. O azul dele é mais que o do céu, mais que qualquer azul que eu conheço. Mais do que as contas de Lina ou as cabeças de chicória. Eu gosto tanto daquilo, não posso parar. Quero enfiar minha cara naquilo. Quero. O que me faz hesitar, me faz não conseguir o lindo azul que eu quero? Eu me forço a ir mais perto, a abaixar, agarro o mato para me equilibrar. O mato é brilhante, comprido e molhado. Na mesma hora eu assusto quando vejo que minha cara não está ali. Onde minha cara devia estar não tem nada. Ponho o dedo dentro e vejo a água formar círculo. Ponho a boca bem perto para beber ou beijar mas não sou nem uma sombra ali. Onde ela está escondida? Por que isso? Logo a Filha Jane está ajoelhada ao meu lado. Ela também olha a água. Ah, Tesouro, não fique nervosa, ela está dizendo, você vai descobrir. Onde? eu pergunto, onde está minha cara? mas ela não está mais do meu lado. Quando acordo *a minha mãe* está parada do lado da sua cama e dessa vez o bebê menino dela é Malaik. Ela está segurando a mão dele. Ela está mexendo os lábios mas está segurando a mão de Malaik na dela. Escondo a cabeça na sua coberta.

Sei que você vem mas a manhã vem e você não. O dia inteiro. Malaik e eu esperamos. Ele fica o mais longe possível de mim. Eu estou dentro, às vezes no jardim mas nunca no caminho onde ele está. Estou me fazendo aquietar mas estou solta por dentro sem saber como ficar. Cavalos andam no pasto de alguém mais adiante. Os potros estão ansiosos e não param nunca. Nunca param. Fico olhando até ficar preto demais para ver. Nenhum sonho vem essa noite. Nem *a minha mãe*. Fico deitada onde você dorme. Junto com o som do vento soprando tem o bater do meu coração. É mais alto que o vento. O cheiro de fogo seu está sumindo do catre. Para onde vai eu me pergunto. O vento para. Meu coração acompanha o som dos passos de rato.

De manhã o menino não está mas eu preparo mingau para nós dois. De novo ele está parado no caminho segurando apertado a boneca de sabugo de milho e olhando para o lado que você foi com o cavalo. De repente olhando para ele me lembro do perfil de cachorro no vapor da chaleira da Viúva Ealing. Na hora eu não sei ler o sentido completo daquilo. Agora eu sei. Eu estou de guarda. Fora isso estou perdendo todo o conhecimento de como me proteger. Primeiro percebo que as botas do Patrão sumiram. Olho por todo lado, ando pela cabana, a forja, as cinzas e com dor nos meus pés macios. Pedacos de metal machucam e mordem meus pés. Olho e vejo a curva de uma cobra de jardim indo para a

soleira. Fico olhando ela deslizar devagar até morrer ao sol. Toco a sua bigorna. Está fria, raspada e lisa mas canta o calor para o qual vive. Não encontro as botas do Patrão. Com cuidado, na ponta dos pés, volto para dentro da cabana e espero.

O menino sai do caminho. Ele entra mas não come nem fala. Ficamos olhando um para o outro de cada lado da mesa. Ele não pisca. Nem eu. Eu sei que ele roubou as botas do Patrão que são minhas. Os dedos apertados na boneca. Acho que aí que está a força dele. Pego a boneca e ponho numa prateleira bem alta para ele não alcançar. Ele grita grita. Lágrimas caindo. Com os pés sangrando eu corro para fora para não ouvir. Ele não para. Não para. Passa uma carroça. Um casal dentro dela olha mas não cumprimenta nem para. Finalmente o menino se aquieta e eu volto para dentro. A boneca não está na prateleira. Está abandonada num canto como uma criança preciosa que ninguém quer. Ou não. Talvez a boneca esteja sentada ali se escondendo. Escondida de mim. Com medo. O quê? Qual é a interpretação certa? O mingau pinga da mesa. O banquinho está caído de lado. Quando me vê o menino volta a gritar e é então que eu agarro ele. Estou tentando fazer ele parar e não machucar. Por isso puxo o braço dele. Para fazer ele parar. Pare. E escuto sim o ombro dele estalar mas o barulho é pequeno não mais que o estalo que uma asa de tetraz assada faz quando a gente separa do peito, quente e macia. Ele grita grita depois desmaia. Sai um pouco de sangue da boca dele quando bate no canto da mesa. Só um pouquinho. Ele cai desmaiado bem quando escuto você gritar. Não escuto seu cavalo só o seu grito e sei que estou perdida porque seu grito não é o meu nome. Não eu. Ele. Malaik você grita. Malaik.

Ao ver o menino parado e mole no chão com aquele fio de vermelho saindo da boca sua cara fica arrasada. Você me empurra e grita o que você está fazendo? grita não sente pena? Com tanta ternura você carrega ele, o menino. Quando vê o ângulo do braço dele você grita. O menino abre os olhos depois desmaia outra vez quando você torce o braço para o devido lugar. É, tem sangue. Um pouco. Mas você não está lá quando acontece, então como sabe que eu sou a culpada? Por que me empurra sem ter certeza do que é verdade? Você vê o menino no chão e pensa mal de mim sem perguntar. Você está certo mas por que não pergunta? Eu sou a primeira a apanhar. Me bate na cara com as costas da mão. Eu caio, me encolho no chão. Muito. Sem pergunta. Você escolhe o menino. Chama o nome dele primeiro. Leva ele para deitar com a boneca e volta para mim com a cara arrasada, olhos sem alegria, cordões no pescoço. Estou perdida. Nenhuma palavra de tristeza por ter me jogado no chão. Nenhum dedo toca com ternura onde você me machucou. Eu me afasto. Abaixo as penas que estão se arrepiando.

Sua Patroa sara você diz. Você diz que vai contratar alguém para me levar

para ela. Para longe de você. Cada palavra que vem depois machuca.

Por que você está me matando? eu pergunto.

Quero que você vá embora.

Me deixe explicar.

Não. Agora.

Por quê? Por quê?

Porque você é uma escrava.

O quê?

Você ouviu.

O Patrão me fez escrava.

Não estou falando dele.

Quem então?

Você.

Como assim? Eu sou escrava porque o Patrão me comprou.

Não. Você virou escrava.

Como?

Sua cabeça é vazia e seu corpo é furioso.

Estou adorando você.

E escrava disso também.

Só você é meu dono.

Seja dona de si mesma, mulher, e deixe a gente em paz. Podia ter matado essa criança.

Não. Espere. Está me desgraçando.

Você não é nada mais que fúria. Sem controle. Não pensa.

Você grita a palavra — pensa, pensa, pensa — sem parar e depois dá risada, diz que eu vivo e respiro, escrava por escolha.

De joelhos eu vou para você. Rastejo até você. Você recua e diz fique longe de mim.

Eu tenho um choque. Quer dizer que não sou nada para você? Que não tenho nenhuma importância no seu mundo? Meu rosto ausente da água azul você encontra só para esmagar? Agora estou vivendo a morte por dentro. Não. Não de novo. Nunca. As penas se arrepiam, eu me desdobro. As garras arranham e arranham até que o martelo está na minha mão.

Jacob Vaark saiu do túmulo para visitar sua linda casa.

“Fez ele muito bem”, disse Willard.

“Eu também ia”, respondeu Scully.

Ainda era a casa mais grandiosa da região e por que não passar a eternidade ali? Quando notaram a sombra pela primeira vez, Scully, sem ter certeza se era mesmo Vaark, pensou que podiam chegar mais perto. Willard, por outro lado, conhecedor de espíritos, alertou-o sobre as consequências de perturbar os mortos-vivos. Noite após noite eles vigiaram, até se convencerem de que ninguém além de Jacob Vaark iria passar tempo assombrando ali: não havia moradores anteriores e a Patroa proibia qualquer um de entrar. Os dois homens respeitaram, mesmo não entendendo, as razões dela.

Durante anos a população agrícola em torno inventou o que de mais perto qualquer homem conhece por família. Um casal de bom coração (pais), três

criadas mulheres (irmãs, digamos) e eles filhos trabalhadores. Cada membro dependente deles, nenhum cruel, todos bons. Principalmente o senhor que, ao contrário do dono mais ou menos ausente, nunca xingou nem ameaçou ninguém. Ele até deu rum de presente para eles durante a época de Natal e uma vez ele e Willard tomaram um trago direto da garrafa. A morte dele entristeceu os dois a ponto de eles desobedecerem à ordem do dono para evitar o lugar contaminado; voluntariamente eles cavaram mais um, mesmo que não último, túmulo de que a viúva ia precisar. Debaixo de uma chuva torrencial eles tiraram um metro e meio de lama e correram para baixar o corpo antes que o buraco ficasse cheio de água. Agora, treze dias depois, o morto tinha saído dali, escapado do próprio túmulo. Muito do mesmo jeito que ele sempre reaparecia depois de semanas viajando. Eles não o viram — sua forma definida ou seu rosto —, mas viram seu brilho fantasmal. O fulgor dele começou perto da meia-noite, flutuou um pouco no segundo andar, desapareceu, depois passou sempre muito devagar de janela em janela. Com o sr. Vaark contente de passear por sua casa e não aparecer em nenhum outro lugar, assustando ou abalando ninguém, Willard sentiu que era seguro e adequado para ele e Scully continuarem leais e ajudarem a Patroa a consertar a fazenda; a preparar também, porque quase nada tinha sido cuidado depois que ela ficou doente. Junho a caminho e nenhum sulco de arado. Os xelins que ela ofereceu foram o primeiro dinheiro que eles receberam de paga, elevando seu trabalho de dever a dedicação, de piedade a proveito.

Muito havia a ser feito porque, por fortes que as mulheres fossem sempre, elas pareciam abstraídas, lentas agora. Antes e depois que o ferreiro curou a Patroa e a menina, Florens, voltou para o lugar dela, uma cortina havia baixado. Mesmo assim, Willard disse, Lina continuava a fazer o seu trabalho com cuidado, com calma, mas Scully não concordava, disse que ela estava em fogo brando. Igual maçãs verdes tremendo na água fervente tempo demais, a pele quase a romper, precisando ser tirada logo e esfriar para amassar e virar purê. E Scully devia saber, porque tinha perdido muitas horas ao longo dos anos assistindo em segredo aos banhos de rio dela. Vislumbres desimpedidos das nádegas dela, daquela cintura, daqueles peitos cor de xarope não estavam mais disponíveis. Principalmente ele sentia falta do que nunca tinha visto em lugar nenhum: cabelos femininos descobertos, agressivos, sedutores, pretos como bruxaria. Ver aquilo grudado molhado e balançando nas costas dela era uma alegria calada. Agora, não mais. Onde quer que ela tomasse banho, se tomava, ele estava convencido de que ela estava para explodir.

A Patroa tinha mudado também. O luto, disse Willard, a doença — o resultado disso tudo era claro como o dia. O cabelo dela, as mechas douradas que um dia haviam escapado da touca tinham virado fiapos pálidos pendurados nas

têmporas, somando melancolia aos traços recém-severos. Ao levantar do leito de doente, ela assumira o controle, modo de dizer, mas evitava por muito cansativas tarefas que costumava cumprir com gosto. Ela cozinhava e remendava. Fora isso passava o tempo lendo a Bíblia ou recebendo uma ou duas pessoas da aldeia.

“Ela vai casar de novo, eu calculo”, disse Willard. “Logo.”

“Por que logo?”

“Ela é mulher. De que outro jeito vai cuidar da fazenda?”

“Com quem?”

Willard fechou um olho. “A aldeia fornece.” Ele tossiu um riso, lembrando a cordialidade do diácono.

Apenas a transformação de Sorrow lhes pareceu um ganho; ela estava menos aturdida, mais capaz de cumprir tarefas. Mas o bebê vinha primeiro e ela protelava a coleta de ovos, atrasava a ordenha, interrompia qualquer trabalho no campo se ouvia um chorinho do bebê sempre em algum lugar por perto. Por terem ajudado no parto, eles assumiram status de padrinhos, se oferecendo até para cuidar do bebê se Sorrow precisasse. Ela declinou, não porque não confiasse neles; confiava, mas por necessidade de confiar em si mesma.

Mais estranho foi Florens. A criatura dócil que conheciam tinha virado fera. Quando a viram marchando pela estrada dois dias depois que o ferreiro visitou o leito de doente da Patroa e foi embora, eles demoraram para reconhecê-la como o mesmo ser vivente. Primeiro porque estava muito manchada de sangue e suja e segundo porque ela passou direto por eles. Decerto uma súbita explosão de homens suados na beira da estrada teria assustado um humano, qualquer humano, principalmente uma mulher. Mas aquela ali nem olhou para o lado deles nem alterou o passo. Os dois homens, sem ar e ainda assombrados ao escaparem por pouco, saíram da frente dela. Em suas mentes assustadas qualquer coisa podia ser qualquer coisa. Os dois estavam correndo o mais depressa que podiam de volta ao gado sob seus cuidados antes que os porcos comessem suas crias. Boa parte da manhã passaram se escondendo de um urso irritado, um incidente angustiante que os dois concordaram tinha sido culpa principalmente de Willard. A perdiz pega na rede pendurada na cintura do homem mais velho era suplemento suficiente para duas refeições cada um. Foi descuido abusar da sorte de parar para ele poder descansar debaixo de uma faia e fumar seu cachimbo. Os dois sabiam o que uma baforada de fumaça podia provocar na floresta, onde cheiros eram decisivos: fugir, atacar, esconder ou, como no caso de uma urso, investigar. Quando o inferno de loureiros que tinha fornecido as perdizes de repente estalou, Willard se pôs de pé e estendeu a mão para Scully ficar em silêncio. Scully tocou sua faca e ficou de pé também. Depois de um momento de uma estranha calma — sem canto de pássaros, sem matraquear de

esquilos —, o cheiro se despejou sobre eles no exato instante em que a urso lançou-se pelos loureiros estalando os dentes. Sem saber qual deles escolher, eles se separaram, cada homem correndo na esperança de ter feito a escolha certa, uma vez que fingir de morto não era escolha. Willard enfiou-se debaixo de uma pedra, o polegar tapando o cachimbo e rezando para a projeção de pedra anular a direção do vento. Scully, certo de sentir o bafo quente na nuca, saltou para o ramo mais baixo e balançou ramo acima. Imprudente. Ela própria uma trepadora de árvore, a urso precisou apenas ficar ereta para prender o pé dele entre as mandíbulas. O medo de Scully, porém, não era covarde, então ele resolveu fazer pelo menos um gesto forte de defesa mesmo que sem esperança. Tirou a faca, virou e, sem nem mirar, desceu em cima da cabeça do ágil vulto negro abaixo dele. Dessa vez o desespero foi uma bênção. A lâmina acertou, deslizou feito uma agulha para dentro do olho da urso. O rugido foi terrível quando, garras na casca da árvore, ela caiu no chão sobre as patas traseiras. Um círculo de cachorros latindo não a teria enfurecido mais. Rosnando, ereta, ela bateu na lâmina fincada até a faca cair. Depois, de quatro, rolou os ombros e sacudiu a cabeça de um lado para o outro. Para Scully pareceu passar-se um tempo muito longo até o grunhido de um filhote chamar a atenção dela e, desequilibrada pela cegueira que diminuía sua visão naturalmente pobre, ela foi embora cambaleando, em busca de seu bebê. Scully e Willard esperaram, um em cima da árvore, ele próprio igual a um urso, o outro abraçando a pedra, ambos com medo que ela voltasse. Convencidos afinal de que ela não voltaria, cautelosos farejando o odor de pele, à escuta de um grunhido, do movimento do outro ou da volta do canto dos pássaros, eles saíram. Devagar, devagar. Depois correram. Foi quando explodiram da floresta para a estrada que viram o vulto de aparência feminina marchando na direção deles. Depois, quando discutiram o assunto, Scully concluiu que parecia menos uma aparição do que um soldado inglês ferido, descalço, ensanguentado mas orgulhoso.

Vendido por sete anos a um plantador da Virgínia, o jovem Willard Bond esperava ser libertado aos vinte e um anos. Mas três anos foram acrescentados ao seu prazo por infração — roubo e assalto — e ele foi revendido a um fazendeiro de trigo mais ao norte. Depois de duas colheitas, o trigo sucumbiu ao tempo e o dono voltou sua propriedade para gado variado. Por fim, como a alimentação do gado exigia cada vez mais pastos, o dono fez um acordo de terra em troca de trabalho com seu vizinho, Jacob Vaark. Porém um homem só não conseguia manejar todo aquele rebanho. O acréscimo de um rapaz ajudou.

Antes da chegada de Scully, Willard tinha sofrido dias duros e solitários a olhar o gado mascando e acasalando, seu único consolo a lembrança de dias mais duros, porém mais satisfatórios na Virgínia. Por mais brutal que fosse o

trabalho, não eram dias uniformes, e ele tinha companhia. Lá ele era um dos vinte e três homens que trabalhavam nos campos de tabaco. Seis ingleses, um nativo, doze da África via Barbados. Nenhuma mulher de lado nenhum. O que selava a camaradagem entre eles era o ódio coletivo pelo capataz e pelo detestável filho do proprietário. Foi este último que eles atacaram. Inventaram o roubo de um leitão e jogaram a culpa em Willard só para aumentar seu débito. Ele teve dificuldade para se acostumar com a região mais fria, mais inóspita para onde foi mandado. À noite em sua rede, aprisionado na vasta escuridão povoada, ele se protegia dos vivos e dos mortos. Os olhos brilhantes de um alce podiam facilmente ser um demônio, assim como os uivos das almas torturadas podiam ser o chamado de alegres lobos. O horror dessas noites solitárias dominava seus dias. Porcos, carneiros e vacas eram seus únicos companheiros, até o dono voltar e levar de carroça os melhores para o abate. A chegada de Scully foi bem-vinda, um alívio. E, quando seus deveres se ampliaram a uma ajuda ocasional na terra de Vaark e eles estabeleceram um relacionamento fácil com sua gente, apenas umas poucas vezes Willard bebeu demais e se comportou mal. Antes, ele havia fugido de seu posto duas vezes, para acabar capturado num pátio de taverna e receber mais uma extensão de seu prazo.

Progresso ainda maior na sua vida social começou quando Vaark resolveu construir uma casa grande. Mais uma vez fazia parte de uma equipe de trabalhadores, capacitados ou não, e quando veio o ferreiro as coisas ficaram mais e mais interessantes. Não só a casa era grandiosa como a cerca era impressionante, o portão espetacular. O Patrão queria um trabalho elegante em ambos os painéis, mas o ferreiro o convenceu do contrário. O resultado foi barras verticais de noventa centímetros encimadas por uma simples forma piramidal. Regulares, essas barras levavam ao portão cada lado do qual era coroado por um floreio de grossas heras. Ou foi o que ele pensou. Olhando melhor, viu que as heras douradas na verdade eram serpentes, com escamas e tudo, que terminavam não com presas mas com flores. Quando o portão se abria, cada uma separava as pétalas da outra. Quando fechado, a flor desabrochava.

Ele admirou o ferreiro e seu trabalho. Visão que perdurou até ele ver dinheiro passar da mão de Vaark para a do ferreiro. O tilintar da prata era tão inconfundível como seu brilho. Ele sabia que Vaark estava ficando rico com investimento em rum, mas saber que o ferreiro tinha sido pago por seu trabalho, como os homens que entregavam os materiais de construção, ao contrário dos homens com quem ele trabalhara na Virgínia, irritou Willard, e ele, encorajado por Scully, recusava qualquer pedido que o negro fizesse. Recusou cortar castanheira, recusou trazer carvão ou apertar os foles e “esqueceu” de proteger da chuva a lenha verde. Vaark castigou os dois até concordarem zangados, mas

foi o próprio ferreiro quem acalmou Willard. Willard tinha duas camisas, uma com colarinho, a outra mais parecida com um trapo. Na manhã em que ele escorreu no esterco fresco e sujou a camisa toda nas costas, trocou pela camisa boa de colarinho. Ao chegar à obra, percebeu o olhar do ferreiro, depois o balançar de cabeça, depois o polegar voltado para cima em sinal de aprovação. Willard não entendeu se estava caçoando dele ou elogiando. Mas quando o ferreiro falou: “Senhor Bond. Bom dia”, ele gostou. Os meirinhos da Virgínia, os guardas, as crianças pequenas, os pregadores — ninguém nunca tinha pensado em chamá-lo de senhor, nem ele esperava isso. Sabia seu lugar, mas não sabia o bem que pequenas cortesias lhe faziam. Piada ou não, essa primeira vez não foi a última, porque o ferreiro nunca deixou de se dirigir a ele desse jeito. Embora Willard ainda se irritasse com o status de um africano livre comparado ao dele, nada podia fazer a respeito. Não existia nenhuma lei que impedisse o trabalho contratado contra eles. Porém o ferreiro era encantador e ele gostava muito de ser chamado de senhor. Rindo consigo mesmo, Willard entendeu por que a menina, Florens, tinha ficado louca pelo homem. Ele provavelmente a chamava de senhora ou senhorita quando se encontravam na floresta para brincar na hora da comida. Isso devia excitar a moça, pensou, se fosse preciso algo mais que o mero sorriso do negro.

“Em toda a minha vida”, ele disse para Scully, “nunca vi nada assim. Ele pega ela quando e onde quer e ela caça ele feito uma loba quando ele não está à vista. Se ele fica lá na forja um ou dois dias, ela fica emburrada até ele voltar trazendo as barras de minério. Faz a Sorrow ficar parecendo uma quaker.”

Apenas alguns anos mais velho que Florens, Scully ficava menos intrigado que Willard com a nítida mudança de comportamento dela. Ele se considerava um astuto juiz de caráter, sentia que, ao contrário de Willard, tinha um instinto certo e esperto para o verdadeiro cerne dos outros. Willard julgava as pessoas pelo exterior: Scully olhava mais fundo. Embora se deliciassem com a nudez de Lina, via pureza nela. Sua lealdade, ele acreditava, não era submissão à Patroa ou a Florens; era um sinal de seu próprio valor — uma espécie de manter sua palavra. Honra, talvez. E, embora se juntasse a Willard para caçoar de Sorrow, Scully gostava mais dela que das outras duas criadas. Se estivesse interessado em sedução, ela é que teria escolhido: a aparência dela era intimidante, complicada, distante. Os olhos que não piscavam, cinza-fumaça, não eram vazios, mas expectantes. Era aquele ar de espreita que perturbava Lina. Todo mundo menos ele achava que ela era maluca porque falava sozinha, mas quem não falava? Willard estava sempre cumprimentando as ovelhas e a Patroa sempre dava ordens para si mesma quando estava fazendo alguma coisa sozinha. E Lina — ela respondia aos passarinhos como se eles estivessem lhe pedindo conselhos

de como voar. Descartar Sorrow como “esquisita” era ignorar o rápido e astuto senso que ela possuía de sua posição. A privacidade dela a protegia; o coito fácil era um presente para si mesma. Quando grávida, ela rebrilhava, e quando chegou a hora buscou ajuda no lugar perfeitamente certo com as pessoas certas.

Por outro lado, se estivesse interessado em estupro, Florens teria sido sua presa. Era fácil de identificar aquela combinação de desamparo, ansiedade de agradar e, acima de tudo, uma disposição de assumir a culpa pela maldade dos outros. Claro que, pelo jeito dela agora, isso não era mais verdade. No instante em que a viu marchando pela estrada — fosse fantasma ou soldado — ele sabia que ela havia se tornado intocável. Sua avaliação da habilidade antiestupro dela, porém, era impessoal. Além de sua obsessão de *voyeur* pelo corpo de Lina, Scully não tinha nenhum interesse carnal em mulheres. Muito tempo antes o mundo de homens e apenas homens o tinha marcado e desde o primeiro momento em que o viu ele não teve nenhuma dúvida do efeito que o negro ferreiro teria sobre Florens. Assim a mudança dela de “Me pegue sempre” para “Não me toque nunca” parecia-lhe previsível como estava determinado.

Também a opinião de Scully sobre a Patroa era menos generosa que a de Willard. Ele não desgostava dela, mas via seu comportamento depois da morte do patrão e de sua própria recuperação não apenas como efeitos de má saúde e luto. A Patroa passava os dias com a alegria de um relógio. Ela era penitente, pura e simples. O que para ele queria dizer que por baixo do ar piedoso havia alguma coisa fria, senão cruel. Recusar-se a entrar na casa grande, cuja construção a tinha deliciado, parecia a ele um castigo não apenas a si mesma, mas para todos, em particular a seu marido morto. O que o marido e a mulher haviam desfrutado, até mesmo celebrado, ela agora desprezava como sinais tanto do terceiro como do sétimo pecado. Por mais que amasse o homem em vida, ele tê-la deixado para trás a arrasara. Como ela podia não procurar algum jeito de se vingar um pouco, de mostrar a ele quanto se sentia mal, a raiva que tinha?

Em seus vinte e dois anos, Scully tinha visto muito mais loucura do que Willard. Aos doze, tinha sido ensinado, amado e traído por um pároco anglicano. Fora vendido ao sínodo por seu pretenso pai depois da morte da mãe no chão da taverna onde ela trabalhava. O dono do bar cobrou três anos de trabalho de Scully para pagar a dívida dela, mas o “pai” apareceu, pagou o que devia e vendeu os serviços do filho ao sínodo, junto com dois barris de vinho espanhol.

Scully não culpou o pároco pela traição nem pelo açoitamento que se seguiu, uma vez que o pároco tinha de atribuir a circunstância de serem flagrados à lascívia do menino, do contrário seria não apenas destituído como executado. Concordando que Scully era jovem demais para ser permanentemente incorrigível, os anciãos o passaram a um proprietário de terras que precisava de

um braço para trabalhar com um pastor longe dali. Uma área rural, pouco povoada, onde, esperavam, o menino podia se emendar ou na pior das hipóteses não ter oportunidade de corromper outros. Scully pretendia fugir assim que chegasse à região. Mas no terceiro dia uma violenta tempestade congelou e cobriu a terra com um metro de neve. As vacas morreram em pé. Estorninhos cobertos de gelo ficaram pendurados nos galhos curvados de neve. Willard e ele dormiam no celeiro entre os carneiros e o gado abrigado lá, deixando por conta própria os que não conseguiam resgatar. Ali, no calor dos animais, os corpos dos dois colados, Scully mudou de planos e Willard não ligou a mínima. Embora o homem mais velho gostasse de beber, Scully, tendo dormido debaixo do bar de uma taverna a infância inteira e visto o efeito do álcool em sua mãe, o evitava. Resolveu esperar até, ao receber o dinheiro de sua liberdade, poder comprar um cavalo. Uma carruagem, carro ou carroça não eram superiores a um cavalo montado. Qualquer um limitado a ir a pé a toda parte nunca parecia chegar a lugar nenhum.

À medida que os anos corriam, ele se mantinha mentalmente irascível enquanto praticava a paciência, mesmo que suas esperanças estivessem começando a se apagar. Depois que Jacob Vaark morreu e a viúva passou a contar demais com ele e Willard, ela pagava aos dois. Em quatro meses ele havia já acumulado dezesseis xelins. Quatro libras, talvez menos, garantiam um cavalo. E quando a taxa de libertação — bens, colheita ou moeda equivalente a vinte e cinco libras (ou seriam dez?) — se somasse àquilo, os anos como peão teriam valido a pena. Ele não queria passar a vida só procurando alguma coisa para comer e amar. Nesse meio-tempo não fazia nada para incomodar a Patroa Vaark nem lhe dar razão para mandá-lo embora. Ele ficou irritado quando Willard profetizou um casamento rápido para ela. Um novo marido conduzindo a fazenda poderia produzir arranjos muito diferentes, arranjos que não o incluíssem. A oportunidade de trabalhar para e entre mulheres dava tanto a ele como a Willard uma vantagem. Por mais mulheres que houvesse, mesmo diligentes, elas não derrubavam árvores de vinte metros, nem construíam chiqueiros, nem consertavam selas, matavam ou carneavam bois, ferravam cavalos ou caçavam. Então, embora observasse o desamor que a Patroa espalhava, ele fazia tudo o que podia para agradar-lhe. Quando ela batia em Sorrow, tirava a rede de Lina, anunciava a venda de Florens, ele se retorcia por dentro, mas não dizia nada. Não só porque não era seu lugar mas também porque estava decidido a se livrar da servidão para sempre, e nesse sentido o dinheiro era uma garantia. Porém, quando possível e em segredo, tentava abrandar ou apagar as mágoas que a Patroa espalhava. Ele preparou uma caixa para o bebê de Sorrow, forrou com pelo de carneiro. Chegou a arrancar o anúncio pregado na

aldeia (mas deixou passar o da casa de reuniões). Lina, porém, era inacessível, não pedia nada e relutava em aceitar tudo que ele oferecesse. O queijo de barril feito por ele e Willard ainda estava embrulhado no pano no barracão de ferramentas onde ela agora dormia.

Tal era a devastação da morte de Vaark. E as consequências de mulheres escravizadas a homens, ou exatamente sem eles. Ou foi o que ele concluiu. Não tinha prova do que havia na cabeça delas, mas baseado em sua experiência tinha certeza que traição era o veneno do momento.

Triste.

Um dia haviam pensado que eram uma espécie de família, porque juntos tinham esculpido o isolamento em companheirismo. Mas a família que imaginaram ser era falsa. Fosse o que fosse que cada um amasse, buscasse ou evitasse, seus futuros estavam separados e ninguém sabia qual era. Uma coisa era certa: só coragem não seria suficiente. Sem vínculos de sangue, ele não via nada ainda no horizonte para aproximá-los. Mesmo assim, lembrando o que o pároco descrevia existir antes da Criação, Scully via matéria escura ali, grossa, incognoscível, dolorida para ser transformada em mundo.

Talvez a paga deles não fosse tão grande quanto a do ferreiro, mas para Scully e o sr. Bond era o bastante para imaginar um futuro.

Eu ando a noite inteira. Sozinha. É difícil sem as botas do Patrão. Com elas nos pés eu podia atravessar o leito do rio rochoso. Andar depressa pela floresta e descer ladeiras de agulhas. O que eu leio e conto não serve para nada agora. Cabeças de cachorros, cobras de jardim, isso tudo é inútil. Mas meu rumo é claro depois de perder você que eu penso sempre como minha vida e minha segurança contra o mal, contra qualquer um que olhe de perto para mim só para me jogar fora. Contra todos os que acham que têm direito de mando sobre mim. Eu não sou nada para você. Você diz que eu sou ferocidade. Eu sou. Isso é um tremor na sua boca, no seu olho? Você está com medo? Deve estar. O martelo bate no ar muitas vezes antes de pegar em você onde ele morre fraco. Você arranca ele de mim e joga longe. Nossa luta é demorada. Mostro os dentes para morder você, para rasgar você. Malaik está gritando. Você puxa meu braço para trás. Eu me retorço e escapo. A tenaz está ali, perto. Bem perto. Eu giro e giro forte. Vendo

você cambalear e sangrar eu corro. Depois ando. Depois boio. Uma placa de gelo separada da margem no auge do inverno. Não tenho sapatos. Não tenho coração aos pulos nem casa nem amanhã. Ando o dia. Ando a noite. As penas fechadas. Por enquanto.

Faz três meses que eu fujo de você e nunca vi folhas fazerem tanto sangue e ouro. Cor tão berrante que machuca o olho e para aliviar eu olho o céu por cima da linha das árvores. De noite quando a luz do dia dá lugar para as estrelas joias no céu preto, vejo Lina dormindo e vindo para este quarto.

Se você está vivo ou sarou algum dia vai ter de se curvar para ler o que eu digo, rastejar talvez nuns lugares. Eu peço desculpa pelo incômodo. Às vezes a ponta do prego escorrega e as palavras são tortas. O Reverendo Padre não gosta disso nunca. Ele bate nos dedos da gente e faz a gente fazer de novo. No começo quando eu entro neste quarto tenho certeza que o dizer vai me dar as lágrimas que nunca solto. Estou errada. Olhos secos, só paro de dizer quando o lampião apaga. Então durmo no meio das minhas palavras. O dizer continua sem sonho e quando acordo leva tempo para conseguir me soltar, sair deste quarto e fazer as coisas. Coisas que não estão tendo sentido. A gente limpa o penico mas nunca usa ele. A gente constrói cruzeiros altos para os túmulos na campina depois tira, corta mais curta e põe de volta. A gente limpa onde o Patrão morreu mas não pode ir em mais nenhum lugar desta casa. As aranhas mandam confortáveis aqui e os tordos fazem ninho em paz. Todo tipo de vida miúda entra pelas janelas junto com o vento cortante. Eu protejo a luz do lampião com o meu corpo e aguento os dentes frios do vento mordendo como se o inverno não pudesse esperar para nos enterrar. A Patroa não liga para o frio que faz lá fora nem está lembrada do que a friagem da noite faz para um bebê. A Patroa curou mas não está bem. O coração dela é infiel. Os sorrisos todos sumiram. Cada vez que ela volta da casa de reuniões está com os olhos em lugar nenhum e não tem nada dentro. Igual os olhos das mulheres que me examinaram atrás da porta do quartinho, os olhos da Patroa só olham fora e o que ela vê não é do gosto dela. O vestido dela é escuro e calado. Ela reza muito. Ela faz nós todos, Lina, Sorrow, a filha de Sorrow e eu, não importa o tempo, dormir ou no estábulo ou no depósito onde estão tijolos corda ferramentas tudo quanto é resto de construção. Dormir ao ar livre é para selvagens ela diz, então nada mais de redes debaixo das árvores para Lina e eu mesmo com tempo bom. E nada mais de lareira para Sorrow e a bebezinha dela porque a Patroa não gosta da bebê. Uma noite de chuva fria feito gelo Sorrow se abriga com a bebê aqui, no andar de baixo atrás da porta do quarto onde o Patrão morreu. A Patroa esbofeteia a cara dela. Muitas vezes. Ela não sabe que eu estou aqui toda noite senão me chicoteia também como ela acha que a piedade exige. Ir tanto na igreja muda ela mas não acredito que digam para

ela agir desse jeito. Essas regras são dela mesma e ela não é a mesma. Scully e Willard dizem que ela está me pondo à venda. Mas Lina não. Sorrow ela quer dar mas ninguém se oferece para ficar com ela. Sorrow é mãe. Nada mais nada menos. Gosto da dedicação dela com a filhinha. Ela não vai se chamar Sorrow. Ela mudou de nome e está planejando fugir. Quer que eu vá junto com ela mas tenho uma coisa para terminar aqui. Pior é o jeito da Patroa com Lina. Ela exige a companhia dela no caminho da igreja mas deixa ela sentada na estrada com qualquer tempo porque ela não pode entrar. Lina não pode mais tomar banho no rio e tem de plantar sozinha. Não escuto mais como eles antes conversavam e riam juntos quando cuidavam da terra. Lina está querendo me contar, me lembrar que ela logo me avisou sobre você. Mas as razões dela para o aviso fazem o aviso ser errado. Estou lembrando o que você me disse muito tempo atrás quando o Patrão não estava morto. Você diz que vê escravos mais livres que homens livres. Um é um leão com pele de asno. O outro é asno com pele de leão. Que é murchar por dentro que escraviza e abre a porta para a ferocidade. Sei que o meu murchar nasce no quartinho da Viúva. Sei que as garras da coisa emplumada foram para cima de você porque não consigo impedir de elas quererem despedaçar você do jeito que você me despedaçou. Mas tem uma outra coisa. Um leão que acha que sua juba é tudo. Uma leoa que acha que não. Aprendi isso com a Filha Jane. As pernas dela sangrando não impediram ela. Ela arrisca. Arrisca tudo para salvar a escrava que você joga fora.

Não tem mais espaço neste quarto. Essas palavras cobrem o chão. Agora você vai ter de me ouvir. As paredes atrapalham porque a luz do lampião é muito fraca para enxergar com ela. Estou segurando a luz com uma mão e riscando as letras com a outra. Meus braços doem mas tenho necessidade de dizer isto para você. Não posso dizer para ninguém além de você. Estou perto da porta e terminando agora. O que eu vou fazer com as minhas noites quando o que eu tenho para dizer acabar? Os sonhos não vão voltar. De repente estou lembrando. Você não vai ler o que eu digo. Você lê o mundo mas não as letras da fala. Eu não sei como. Quem sabe um dia você aprenda. Então, venha para esta fazenda outra vez, separe as cobras do portão que você fez, entre nesta casa grande, assombrosa, suba os degraus e entre aqui neste quarto que fala durante o dia. Se você nunca ler isto, ninguém vai ler. Estas palavras cuidadosas, fechadas e escancaradas vão falar por si. Indo e indo, de lado a lado, de baixo para cima, de cima para baixo pela sala toda. Ou. Ou talvez não. Talvez essas palavras precisem do ar que está fora no mundo. Precisem voar alto e cair, cair como cinza em cima dos campos de primulas e malva. Em cima do lago turquesa, além dos pinheiros eternos, pelas nuvens cortadas pelo arco-íris para temperar o chão da terra. Lina vai ajudar. Ela vê horror nesta casa e por mais que ela precise que

a Patroa precise dela eu sei que ela gosta do fogo mais.

Está vendo? Você está certo. *A minha mãe* também. Eu virei fúria mas também sou Florens. Completa. Imperdoada. Imperdoável. Sem piedade, meu amor. Nenhuma. Ouviu? Escrava. Livre. Enfim.

Vou guardar uma tristeza. Que esse tempo inteiro eu não posso saber o que minha mãe está me dizendo. Nem ela pode saber o que estou querendo dizer para ela, *Mãe*, você pode ter prazer agora porque as solas dos meus pés estão duras feito madeira de cipreste.

Nenhum dos dois vai querer seu irmão. Conheço o gosto deles. Peitos dão prazer mais do que coisas mais simples. Os seus estão crescendo também logo e estão ficando irritados pelo pano que cobre o seu peito de menina pequena. E eles veem e eu vejo eles. Nada de bom pode acontecer mesmo que eu ofereça você para um dos meninos do bairro. Figo. Você lembra dele. Ele era delicado com os cavalos e brincava com você no pátio. Eu guardava as cascas de laranja para ele e pão doce para levar para os outros. Bess, a mãe dele, sabia o que eu pensava e não era contra. Ela cuidava do filho dela feito um falcão como eu cuidava de você. Mas isso não faz bem para sempre, meu amor. Não existia proteção. Nenhuma. Decerto não com o seu vício por sapatos. Era como se você estivesse apressando os seus seios e apressando também os lábios de um velho casal.

Me entenda. Não existia proteção e nada no catecismo para dizer não a eles.

Eu tentei falar para o Reverendo Padre. Eu esperava se a gente conseguisse ler letras que de algum jeito um dia você pudesse tomar seu rumo. O Reverendo Padre era cheio de bondade e valentia e disse que era o que Deus queria, mesmo que multassem ele, prendessem ou caçassem com arma de fogo por causa disso como fizeram com outros padres que ensinaram a gente a ler. Ele acreditava que a gente ia amar Deus mais se soubesse as letras para ler. Disso eu não sei. O que eu sei é que é mágico aprender.

Quando o homem alto de cabelo amarelo veio jantar, eu vi que ele detestou a comida e vi coisas nos olhos dele que diziam que ele não confiava no *Senhor*, na *Senhora* nem nos filhos deles. O jeito dele, eu achei, era outro jeito. A terra dele longe daqui. Não tinha animal no coração dele. Ele nunca olhou para mim do jeito que o *Senhor* olha. Ele não queria.

Não sei quem é seu pai. Estava escuro demais para ver qualquer um deles. Eles vieram de noite e levaram nós três inclusive Bess para um barracão de defumação. Sombras de homens sentados nos barris, então levantaram. Eles disseram que mandaram eles quebrarem a gente. Não existe proteção. Ser mulher neste lugar é ser uma ferida que nunca fecha. Mesmo que forme cicatriz, o abscesso continua sempre por baixo.

Os xingamentos estavam correndo para lá e para cá de ida e volta fazia muito tempo entre o rei das nossas famílias e o rei de outras. Acho que os homens gostam de xingar por causa de gado, mulheres, água, colheitas. Tudo se inflama e afinal os homens das famílias deles queimam nossas casas e juntam os que não conseguem matar ou encontrar para vender. Amarrados com cipó uns nos outros mudaram a gente quatro vezes, cada vez mais comércio, mais separação, mais morte. A gente aumenta de número ou diminui de número até quem sabe sete vezes dez ou dez vezes dez de nós sermos levados para o curral. Lá a gente vê homens que achava que estavam doentes ou mortos. Logo a gente descobre que nem uma coisa nem outra. A pele deles confunde. Os homens que guardam a gente e vendem a gente são negros. Dois com chapéus e uns pedaços de pano estranhos no pescoço. Eles garantem para a gente que o homem desbotado não quer comer a gente. Mesmo assim continua a desgraceira. Às vezes a gente canta. Alguns brigam. Mas quase sempre a gente dormia ou chorava. Então os homens desbotados dividem a gente e colocam em canoas. A gente vai para uma casa que boia no mar. Cada água, rio ou mar tem tubarões por baixo. Os desbotados guardando a gente igual os tubarões que ficam contentes de ter um lugar com bastante comida.

Eu gostei dos tubarões rodeando mas eles me evitaram como se soubessem que eu preferia os dentes deles do que as correntes no meu pescoço minha cintura minhas pernas. Quando a canoa virou, alguns pularam, outros foram

puxados para baixo e a gente não viu o sangue deles girar até a gente os vivos sermos recolhidos e guardados. Puseram a gente numa casa que boia no mar e pela primeira vez a gente viu ratos e era difícil entender como é que morre. Alguns tentaram; alguns morreram. Recusando comer o inhame com óleo. Se enforcando pelo pescoço. Oferecendo nossos corpos para os tubarões que seguem o tempo inteiro dia e noite. Eu sei que o prazer deles era refrescar a gente com um chicote mas vi também que era prazer deles chicotear os deles. A loucura impera aqui. Quem vive quem morre? Quem pode dizer naqueles gemidos e choro no escuro, naquele horror? Uma coisa é viver nos restos seus mesmo; outra viver nos restos dos outros.

Barbados, ouvi eles dizerem. Depois de vezes e vezes sem entender por que eu não podia morrer como outros morriam. Depois de fingir que estava morta para ser jogada no mar. Por mais que a cabeça invente, o corpo tem outros interesses. Então Barbados onde eu encontrei alívio no ar limpo e de pé debaixo de um céu da cor do céu da minha terra. Agradecida pelo calor conhecido do sol em vez do vapor de peixe amontoado. Agradecida também pela terra sustentando os meus pés mesmo no curral com tanta gente junto comigo. O curral era menor ainda que o barco de guerra onde a gente viajou. Um por um fizeram a gente pular alto, dobrar o corpo, abrir a boca. As crianças eram melhores nisso. Como a grama pisada por elefantes, elas voltavam à vida de novo. Tinham parado de chorar fazia tempo. Agora, de olhos abertos, elas tentavam agradecer, mostrar suas habilidades e assim o seu valor vivas. Que difícil elas sobreviverem. Que fácil vir outro bando para destruir elas. Um bando de homens de dentes remontados segurando os cabos de chicotes. Homens vermelhos de desejo. Ou, como eu fiquei sabendo, destruídos pela vida em terra fatal nos canaviais onde levaram a gente para colher. Cobras, tarântulas, lagartos que eles chamam de aligátors. Eu fiquei queimando de suar no canavial só um pouco quando me levaram embora para sentar num tablado no sol. Foi lá que eu fiquei sabendo que não era uma pessoa do meu país, nem das minhas famílias. Eu era *negrita*. Tudo. Língua, roupa, deuses, dança, costumes, decoração, música — tudo misturado na cor da minha pele. Então foi como negra que eu fui comprada pelo *Senhor*, levada para o canavial e despachada para as plantações de tabaco dele no norte. Uma esperança, então. Mas primeiro acasalar, levarem eu e Bess e uma outra para o barracão de defumação. Depois, os homens que tinham mandado quebrar a gente se desculparam. Depois um capataz deu uma laranja para cada uma. E podia ter ficado tudo bem. Eu fui boa das duas vezes, porque os resultados foram você e seu irmão. Mas aí tinha o *Senhor* e a mulher dele. Eu comecei a contar para o Reverendo Padre mas a vergonha tirou o sentido das minhas palavras. Ele não entendeu ou não acreditou. Me disse para não desesperar nem ser fraca de

coração, para amar a Deus e Jesus Cristo com toda minha alma; para rezar pelo alívio que seria meu no juízo final; que por mais que os outros falassem, eu não era um animal sem alma, uma praga; que os protestantes estavam errados, em pecado, e se eu continuasse inocente de corpo e alma eu ia ser recebida além do vale desta vida de lágrimas na eternidade, amém.

Mas você queria sapatos de mulher perdida, e um pano em volta do seu peito não adiantou nada. Você chamou a atenção do *Senhor*. Depois que o homem alto juntou e foi com o *Senhor* dar um passeio pelo alojamento, eu fiquei cantando na bomba-d'água. Uma música de um passarinho verde lutando depois morrendo quando o macaco rouba os ovos dele. Ouvi a voz deles, peguei você e seu irmão para parar à vista deles.

Uma chance, eu pensei. Não existe proteção mas tem uma diferença. Você ficou lá com aquele sapato, o homem alto riu e disse que levava eu para pagar a dívida. Eu sabia que o *Senhor* não ia deixar. Eu disse você. Levasse você, minha filha. Porque eu vi que o homem alto via você como uma criança humana, não como moeda. Ajoelhei na frente dele. À espera de um milagre. Ele disse sim.

Não foi um milagre. Bendito seja Deus. Foi uma compaixão. Oferecida por um homem. Eu fiquei de joelhos. No pó onde meu coração vai continuar toda noite e todo dia até você entender o que eu sei e quero dizer para você: ganhar o domínio sobre outra pessoa é uma coisa dura; impor domínio sobre outra pessoa é errado; dar o domínio de si mesma para outro é uma coisa má.

Ah Florens. Meu amor. Escute *a sua mãe*.



TIMOTHY GREENFIELD - SANDERS

TONI MORRISON nasceu em 1931 em Lorain, Ohio, Estados Unidos. Formou-se em inglês e em 1970 iniciou sua carreira literária. Em 1993, recebeu o prêmio Nobel de literatura. É autora de muitos romances, entre eles *Amada*, *Paraíso*, *Amor* e *Jazz*, todos publicados pela Companhia das Letras. Recebeu também o National Book Critics Circle Award e o Pulitzer.

Copyright © 2008 by Toni Morrison *Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

A mercy Capa

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/ Máquina Estúdio *Foto de capa*

Marcus Lyon at The Glassworks *Preparação*

Maria Cecília Caropreso *Revisão*

Valquíria Della Pozza

Ana Maria Barbosa ISBN 978-85-5451-609-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

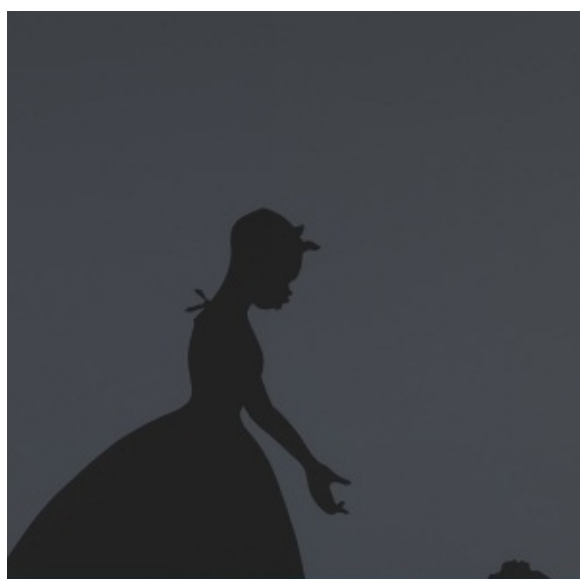
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br



PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

TONI MORRISON

O OLHO MAIS AZUL

O olho mais azul (Nova edição) Morrison, Toni

9788554515850

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma tentativa de dramatizar a opressão que o preconceito racial pode causar na mais vulnerável das criaturas: uma menina negra. Considerado um dos livros mais impactantes de Toni Morrison, o primeiro romance da autora conta a história de Pecola Breedlove, uma menina negra que sonha com uma beleza diferente da sua. Negligenciada pelos adultos e maltratada por outras crianças por conta da pele muito escura e do cabelo muito crespo, ela deseja mais do que tudo ter olhos azuis como os das mulheres brancas — e a paz que isso lhe traria. Mas, quando a vida de Pecola começa a desmoronar, ela precisa aprender a encarar seu corpo de outra forma. Poderosa reflexão sobre raça, classe social e gênero, O olho mais azul é um livro atemporal e necessário. "É sempre preciso ler e reler os livros de Toni Morrison. Todos eles são transcendentais. Você vai me agradecer depois da leitura." — Barack Obama "Impossível terminar de ler este livro sem questionar os padrões de beleza e os riscos que a sociedade impõe às jovens." — The Guardian [Compre agora e leia](#)



A VIDA
INVISÍVEL
DE EURÍDICE
GUSMÃO

MARTHA
BATALHA

A vida invisível de Eurídice Gusmão Batalha, Martha

9788543805658

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Feito raro para um romance de estreia, este livro é festejado internacionalmente antes de chegar às livrarias brasileiras, com os direitos já vendidos para mais de dez editoras estrangeiras. Rio de Janeiro, anos 1940. Guida Gusmão desaparece da casa dos pais sem deixar notícias, enquanto sua irmã Eurídice se torna uma dona de casa exemplar. Mas nenhuma das duas parece feliz em suas escolhas. A trajetória das irmãs Gusmão em muito se assemelha com a de inúmeras mulheres nascidas no Rio de Janeiro no começo do século XX e criadas apenas para serem boas esposas. São as nossas mães, avós e bisavós, invisíveis em maior ou menor grau, que não puderam protagonizar a própria vida, mas que agora são as personagens principais do primeiro romance de Martha Batalha. Enquanto acompanhamos as desventuras de Guida e Eurídice, somos apresentados a uma gama de figuras fascinantes: Zélia, a vizinha fofoqueira, e seu pai Álvaro, às voltas com o mau-olhado de um poderoso feiticeiro; Filomena, ex-prostituta que cuida de crianças; Luiz, um dos primeiros milionários da República; e o solteirão Antônio, dono da papelaria da esquina e apaixonado por Eurídice. Essas múltiplas narrativas envolvem o leitor desde a primeira página, com ritmo e estrutura sólidos. Capaz de falar de temas como violência, marginalização e injustiça com humor, perspicácia e ironia, Martha Batalha é acima de tudo uma excelente contadora de histórias. Uma promessa da nova literatura brasileira que tem como principal compromisso o prazer da leitura.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

LOUISA MAY ALCOTT

Mulherzinhas

Mulherzinhas

Alcott, Louisa May

9788554516208

592 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição da Penguin-Companhia traz as aventuras das quatro irmãs March com prefácios de Patti Smith e Elaine Showalter. Mulherzinhas é considerado um dos livros mais influentes de todos os tempos. Ultrapassando a barreira das idades, esse romance é lido com a mesma paixão por adultos e jovens. A história das irmãs March se tornou um clássico feminista que reflete sobre a tensão entre obrigação social e liberdade pessoal e artística para as mulheres. Cada leitor terá sua irmã favorita: a independente Jo, a delicada Beth, a bela Meg ou a artista Amy. Essas quatro mulheres e sua mãe, Marmee, enfrentam com diligência e honra as privações da Guerra Civil americana, e se tornaram um sucesso instantâneo já em 1868. "Muitos livros maravilhosos me fascinaram, mas, com Mulherzinhas, algo extraordinário aconteceu. Eu me reconheci, como num espelho, naquela menina comprida e teimosa que disputava corridas, rasgava as saias subindo nas árvores, falava gírias e denunciava as afetações sociais. Uma menina que podia ser encontrada encostada num enorme carvalho com um livro, ou em sua escrivaninha no sótão, debruçada sobre um manuscrito. Ela era Josephine March. [...] Uma menina americana do século XIX que teimava em ser moderna. Uma menina que escrevia. Como incontáveis meninas antes de mim, vi como modelo uma que não era como as outras, que possuía alma revolucionária, mas também noção de responsabilidade. Sua dedicação à sua arte me deu meu primeiro vislumbre do processo do escritor e fui tomada pelo desejo de abraçar essa vocação. Os passos em falso que ela dava, dos cômicos aos ousados, eram invejáveis, e me concediam permissão para dar os meus." — Patti Smith [Compre agora e leia](#)

CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE

.....
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS


COMPANHIA DAS LETRAS



Sejamos todos feministas Adichie, Chimamanda Ngozi

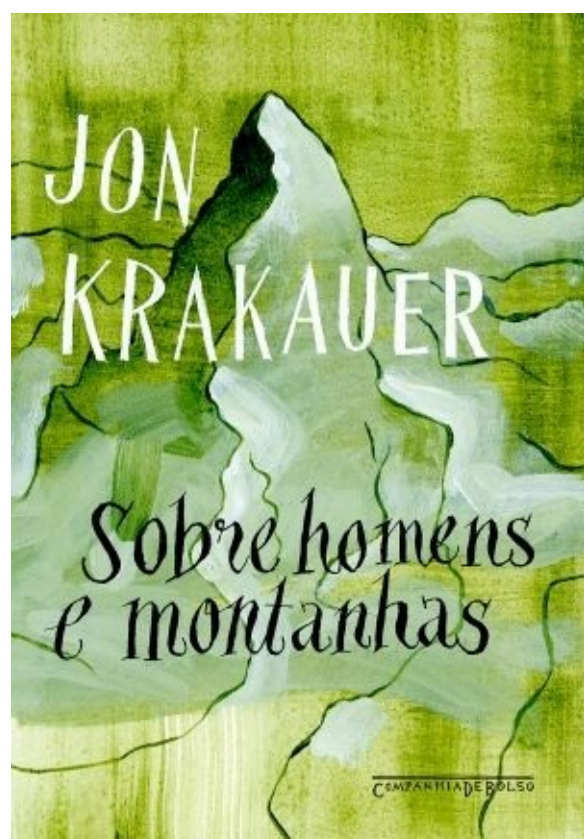
9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'" Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)



JON
KRAKAUER

Sobre homens
e montanhas

COMPANHIA DE BOLSO

Sobre homens e montanhas Krakauer, Jon

9788554516154

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em doze artigos, Jon Krakauer tenta compreender por que homens e mulheres se aventuram por paredes de rocha e gelo como se procurassem voluntariamente a morte. Você sabia que é possível escalar cachoeiras? Sabia que o monte McKinley, no Alasca, o maior dos Estados Unidos, possui um dos ambientes mais inóspitos do planeta e que mesmo assim cerca de trezentas pessoas o escalam a cada ano? Você sabe qual é a segunda maior montanha do mundo? E sabe que ela é bem mais difícil de ser escalada do que o Everest? Por que tantas pessoas arriscam a vida nas paredes de gelo e rocha? Nesta coletânea de artigos e reportagens sobre aventuras vividas ao redor do mundo, do Himalaia ao Alasca, Jon Krakauer, autor de *No ar rarefeito* e *Na natureza selvagem*, mostra homens e mulheres que enfrentam paredes de gelo e rocha por todo o planeta, revela o que eles fazem, como sobrevivem e o que os motiva.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[Sobre a autora](#)

[Créditos](#)